

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA

JOSÉ CARLOS LEANDRO

**Aquisição de letramento digital por estudantes-adolescentes
da rede pública de educação: um estudo de caso**

Recife, 2009

JOSÉ CARLOS LEANDRO

**Aquisição de letramento digital por estudantes-adolescentes
da rede pública de educação: um estudo de caso**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós Graduação em Letras da Universidade
Federal de Pernambuco como requisito
parcial para obtenção do título de Mestre
em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos dos
Santos Xavier

Recife, 2009

Leandro, José Carlos

Aquisição de letramento digital por estudantes-adolescentes da rede pública de educação: um estudo de caso / José Carlos Leandro. – Recife: O Autor, 2009.

114 folhas. : il., fig., gráf.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Letras, 2009.

Inclui bibliografia e anexos.

1. Lingüística. 2. Letramento. 3. Leitura. 4. Escrita. 5. Internet. I. Título.

**801
410**

**CDU (2.ed.)
CDD (22.ed.)**

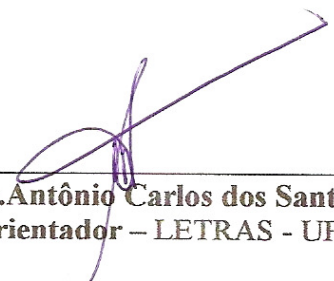
**UFPE
CAC2009-53**

JOSÉ CARLOS LEANDRO

**Aquisição de Letramento Digital por Estudantes-Adolescentes da Rede
Pública de Educação: um Estudo de Caso**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Letras da Universidade Federal de
Pernambuco como requisito para a obtenção do
Grau de Mestre em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Antônio Carlos dos Santos Xavier
Orientador – LETRAS - UFPE



Prof. Dr. Nelly Medeiros de Carvalho
LETRAS - UFPE



Prof. Dr. Regina Celi Mendes Pereira da Silva
PROLING - UFPB

Recife – PE
2009

AGRADECIMENTOS

Ao Deus da Vida que se manifesta nas pessoas que tive a oportunidade de conhecer e partilhar todos os sentimentos do cotidiano.

Aos meus três amores: Rogéria, esposa paciente, Rebeca e Matheus, filhos amados e queridos, pelo amor cotidiano, mesmo com meus abusos face ao árduo trabalho do dia-a-dia.

Aos meus pais, Rosendo Leandro (IN MEMORIAM) e Maria Anunciada que sempre “anunciou” para mim sinais de que a vida oferece traços de felicidades na aridez.

A minha irmã, Dida, Luana, sobrinha, Laís, William e Larissa, sobrinhos, pelos elos multiplicados continuamente.

A Antônio Carlos dos Santos Xavier, orientador e amigo, pela expressão contínua de confiança no meu projeto e incentivo constante. Sua contribuição foi essencial para a execução desse trabalho.

Aos meus amigos Augusto e Karla pela valiosa contribuição neste processo de elaboração da Dissertação.

Aos meus compadre e comadre Paulo e Mércia Elk pela alegria partilhada por mais esse passo acadêmico.

Aos meus professores e professoras do PGLETRAS que compartilharam de seus conhecimentos nos vários momentos de construção coletiva de novos saberes.

À Coordenação do curso pela equipe que sempre esteve pronta para atender a tod@s, sem distinção, nas ocasiões em que necessitamos de um apoio para os passos de nossa pesquisa.

Aos meus amigos e amigas de turma. A lembrança de vocês está inscrita nas páginas desse trabalho.

Aos adolescentes participantes da pesquisa que foram fundamentais para que essa Dissertação assumisse um papel de “radiografia” diante de seu desejo de comunicação e interação constantes.

À Professora Lígia, Diretora da Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima, pela confiança em meu projeto e por ter disponibilizado gentilmente a sala de informática que, após o trabalho de pesquisa, tornou-se verdadeiramente um laboratório de informática para tod@s os alun@s da escola e pessoas da comunidade.

A tod@s que acreditaram neste trabalho. Partilho com vocês todos os momentos de crescimento pessoal e acadêmico.

Obrigad@!

RESUMO

Na presente pesquisa, buscou-se observar as estratégias de aquisição do que têm sido chamado por alguns pesquisadores de “Letramento Digital” (XAVIER, 2002) por iniciativa própria de um grupo de adolescentes, estudantes de uma escola da rede publica estadual de Pernambuco, localizada em um bairro de classe popular da periferia da cidade do Recife. As situações analisadas na presente pesquisa procuraram demonstrar que o letramento digital é adquirido por meio das interações que os sujeitos participam no cotidiano. Essa pratica não é circunscrita á escola, mas está presente nos múltiplos espaços sociais. Consideramos apenas os acessos ao computador *online* por entendermos que existe um grau ilimitado de possibilidades que favorecem aos usuários utilizarem de múltiplas formas linguagens numa mesma superfície, no caso, a tela do computador. Analisamos as enunciações nos espaços das redes de relacionamentos interpessoais, sobretudo quando os sujeitos acessaram e interagiram através das novas ferramentas de comunicação (MSN, Blog, Fotolog, Orkut etc.). Ademais, a grande parte dos adolescentes tem se auto-capacitado a manusear essas ferramentas *online*, mediada pelo uso das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC), com exímia desenvoltura na sociedade atual. Nesse sentido, analisamos as praticas de Leitura e escrita no suporte digital desenvolvidas pelos sujeitos da pesquisas. Assim, a sociedade que vivenciamos deve urgentemente possibilitar a formação de novos cidadãos e cidadãs que possam exercer sua real cidadania a partir da inserção nos meios tecnológicos que fazem da inclusão digital uma necessidade constitutiva da identidade dos sujeitos.

Palavras-chave: Letramento Digital, Gêneros Digitais, Leitura, Escrita, Internet

ABSTRACT

On this research, we intended to observe the acquisition strategies of what has been called by some researchers of Digital Literacy (XAVIER, 2002) by the initiative of students from a public school in the state of Pernambuco, located in the suburb of Recife. The situations analyzed aimed on demonstrating that the digital literacy is developed through the interactions the individuals face on a daily basis. This practice is not part of the school system but participates on multiple social spaces. We considered only the online accesses on the computer for believing that there is an unlimited degree of possibilities which favor the use of multiple language forms on the same surface, the computer screen. The enunciations were analyzed within the spaces of interpersonal relationships in the web, especially when the participants accessed and interacted using the new tools of communication (MSN, Blog, fotolog, Orkut, etc.). Furthermore, most of the teenagers have developed a self-learning way to use these online tools mediated by the use of the Information and Communication Digital Technology (ICDTs) with extreme resourcefulness. Due to these factors, we studied the reading and writing practices within the digital environment developed by the participants of this research. Therefore, the society must urgently enable the training of new citizens to practice their real citizenship throughout the insertion on technological medium which make the digital inclusion a constructive necessity of an individual identity.

Key-words: digital literacy, digital genres, reading, writing, Internet.

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1	42
Gráfico 2	43
Gráfico 3	44
Gráfico 4	45
Gráfico 5	46
Gráfico 6	47
Gráfico 7	49
Gráfico 8	50
Gráfico 9	51
Gráfico 10	52
Gráfico 11	54
Gráfico 12	55
Gráfico 13	56
Gráfico 14	57
Gráfico 15	59
Gráfico 16	61

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1	53
Tabela 2	65
Tabela 3	65
Tabela 4	65
Tabela 5	66
Tabela 6	67

ÍNDICE DE EXEMPLOS

Exemplo 1	69
Exemplo 2	70
Exemplo 3	70
Exemplo 4	74
Exemplo 5	74

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. PERCURSO METODOLÓGICO	12
1.1 Objetivo geral	15
1.2 Pergunta de pesquisa	16
1.3 Hipóteses de trabalho	17
1.4 Procedimentos	18
1.5 Caracterização dos sujeitos	18
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1 Tipos de letramento	19
2.1.1 O letramento digital	21
2.2 Hipertexto: características e princípios	25
2.3 Leitura e hipertexto	32
2.4 A discursividade das imagens	34
2.5 Novos espaços enunciativos: o MSN Messenger e o Orkut	38
3. ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS	40
3.1 A análise dos questionários sócio-econômicos	40
3.2 A análise das enunciações digitais	62
CONCLUSÃO	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82
ANEXOS	86

INTRODUÇÃO

A presente dissertação aborda, em linhas gerais, a discussão emergente em torno da utilização progressiva das novas tecnologias, em especial, do uso do computador por adolescentes que aprendem a manusear com grande desenvoltura tais recursos tecnológicos hoje disponíveis. A cada dia eles dominam o computador conectado à internet e dele extraem as mais diferentes formas de comunicação e interação, que geram acesso a informações e conhecimentos, sem necessariamente receber incentivo das instituições oficiais de ensino. Eles parecem se apropriar de uma série de competências e habilidades necessárias à sobrevivência cidadã no mundo social e profissional contemporâneo.

Buscamos nesta pesquisa observar as estratégias de aquisição do que têm sido chamado por alguns pesquisadores de “Letramento Digital” (XAVIER, 2002) por iniciativa própria de um grupo de adolescentes, estudantes de uma escola da rede pública estadual de Pernambuco, localizada em um bairro de classe popular da periferia da cidade do Recife. Os acessos ao computador considerados na pesquisa foram online e se processaram a partir do laboratório de informática da escola e dos Telecentros¹ existentes no bairro.

Conforme Xavier (2006), os adolescentes com acesso ao computador *online* têm desenvolvido uma grande autonomia de aprendizagem e aumentado sua capacidade de interagir com várias pessoas conhecidas e desconhecidas, ampliando, dessa forma, a compreensão do conceito de letramento. Em outras palavras, os usuários da web têm utilizado criativamente os recursos disponíveis na mídia digital, principalmente para ampliar sua rede de relacionamentos interpessoais e buscar informações de seu interesse. Tudo isso, independentemente de um projeto elaborado pela escola para possibilitá-los o domínio dessas competências necessárias para diminuir a exclusão digital.

Uma vez com acesso às novas ferramentas de comunicação (MSN, E-mail, Blog, Flog, Orkut etc.)², a grande parte dos adolescentes tem se auto-capacitado a manusear essas ferramentas *online*, mediada pelo uso das Tecnologias Digitais da Informação e da

¹ O que designamos de “Telecentros” é comumente chamados de “Lan Houses”

² Disponível em http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&no e=home_materia&db=caldb&docid=7599BE5BAF7D3716832570C20072A119. Acesso em: 22 nov. 2008.

Comunicação (TDIC), com exímia desenvoltura. Mas ter acesso particular a um equipamento ainda com o custo levado para as classes populares como o computador não é tão fácil a adolescentes de baixa renda que moram em bairros de periferia, se comparado aos adolescentes de classe média. Quando se trata do acesso a um computador *online*, essa dificuldade aumenta. Seria de esperar que todos esses obstáculos fossem suficientes para desanimar os adolescentes menos favorecidos economicamente quanto ao domínio dos recursos da informática. No entanto, não é isso o que tem acontecido com uma boa parcela de adolescentes pobres brasileiros. Pelo menos não é o que tem acontecido no bairro de Bola na Rede, região Norte da cidade do Recife. Lá, em uma observação inicial, pode-se perceber um grande interesse de muitos adolescentes pelas novidades tecnológicas, bem como um notável desejo de inclusão digital.

Nesse sentido, iremos analisar as diversas práticas de leitura e escrita no suporte digital desenvolvidas pelos sujeitos da pesquisa. A análise desse processo é entendida como relação com outras práticas de leituras dos sujeitos da pesquisa numa perspectiva dialógica (cf. Bakhtin). Defendemos que a leitura de um texto no suporte digital possui suas especificidades que o tornam aberto a diversas inferências dos leitores em suas múltiplas realidades. Nessa perspectiva, assumimos a posição de que o hipertexto potencializa mudanças nas práticas de leitura de qualquer texto ao possibilitar a hibridização de várias linguagens num só suporte.

Saber como efetivamente os adolescentes envolvidos nas práticas sociais de leitura tem adquirido as competências e habilidades próprias de um letrado digital constituem a trilha desta pesquisa, posto que as adversidades para a apropriação de tais competências e habilidades são reais, embora sua realização se dê em ambientes virtuais. Denominamos, fundamentados em Xavier (2002), a utilização de diversas linguagens numa mesma superfície textual, onde convergem várias mídias na construção de sentidos de letramento digital. A aquisição deste letramento digital certamente propiciará aos adolescentes um ganho substancial quanto ao exercício de sua cidadania, pela qual poderá se conscientizar bem mais de seus deveres e poderá reivindicar seus direitos de cidadão, inclusive por meio das ferramentas tecnológicas digitais.

Portanto, defendemos que analisar os vários caminhos da leitura e da leitura digitais é tão importante quanto investigar seus múltiplos sentidos. Assim, a reflexão sobre os aspectos

teóricos e práticos das variadas formas de leituras no ambiente *online* possui uma relevância e uma pertinência quanto às próprias descobertas da análise no que se refere às múltiplas expressões do letramento que vem modificando as relações sociais entre as pessoas que fazem uso das ferramentas digitais. O letramento digital se insere e constitui este processo de mudança.

Nesta pesquisa procuramos compreender como as possibilidades oferecidas pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação na aprendizagem dos jovens modificam a vida de adolescentes que fazem uso desses recursos no seu dia-a-dia. Parece-nos, inicialmente, que a escola ainda permanece alheia às potencialidades que estão emergindo diante de uma prática contínua desses sujeitos no cotidiano de suas interações.

Portanto, iniciamos o Capítulo I com uma descrição do percurso metodológico que conduziu nossa pesquisa. Descreveremos as técnicas adotadas, bem como os instrumentos para a coleta de dados. Apresentamos, ainda, nesta seção, a nossa questão de pesquisa com a justificação adequada, bem como nossas hipóteses e objetivos que guiaram todos os passos do presente estudo. Para os dados, expomos de que forma seriam tratados, além de caracterizarmos nossos sujeitos.

No Capítulo II, expusemos um recorte teórico sobre algumas das principais características do que vem sendo discutida no momento sobre letramento digital. Contudo, o percurso teórico que optamos considerou também a discussão sobre o que vem a ser hipertexto. Traçamos um esboço do que vem a ser letramento digital, relacionando-o com as práticas lingüístico-discursivas nos espaços enunciativos digitais. Como a linguagem no espaço enunciativo digital é marcada pela hibridização de recursos icônicos, elaboramos reflexão sobre a discursividade das imagens. Face ao aumento significativo do acesso dos adolescentes e jovens aos sites de relacionamentos, fizemos uma exposição sumária das principais características das duas mais usadas ferramentas de comunicação no Brasil: o programa de mensagens instantâneas da Microsoft (MSN) e o Orkut da empresa Google, pois, consideramos que eles representam espaços enunciativos digitais relevantes para a nossa pesquisa.

No Capítulo III, baseado no Questionário sócio-cultural, analisamos os dados mais significativos para o nosso estudo. Procuramos, ainda, considerar a relação da informação

prestada pelos sujeitos informantes e os vestígios das formas de aquisição do letramento digital. Assim, tomando por referência as respostas dos sujeitos, estruturamos, num primeiro momento, a análise caracterizando as múltiplas formas de usos das linguagens no ambiente digital, evidenciando o potencial que cada um dos informantes sabe possuir em tornar sua conversação mais adequada e compreensível em suas interações com os demais sujeitos.

Dando prosseguimento às atividades, fizemos, no Capítulo IV, a análise dos *arquivos logs* onde estão registrados todos os textos escritos pelos sujeitos-informantes nas principais ferramentas de conversação que os adolescentes e jovens utilizam, buscando tecer os comentários sobre como é utilizada a linguagem nesse ambiente, bem como compreender quais estratégias lingüísticas são adotadas quando se estabelece diálogo através do MSN, no acesso aos *scraps* do Orkut e nas postagens aos *blogs* e/ou *fotologs*³.

Concluída a etapa de organização/classificação do material coletado, procedemos a um mergulho analítico nas respostas dos entrevistados, confrontando com o referencial teórico assumido na presente pesquisa, de modo a produzir interpretações e explicações que procurem respaldar, em alguma medida, o problema e as questões que motivaram a pesquisa.

Procuraremos, no presente capítulo, demonstrar, à luz de nossa observação, como algumas das interações mais significativas corroboraram com a nossa hipótese inicial. Dessa forma, observamos como os sujeitos reconfiguraram o texto verbal no ambiente *online* de conversação, fazendo uso de vários gêneros digitais, e de que forma os sujeitos mesclam as diferentes linguagens numa mesma superfície, no caso específico, a tela do computador. Aproveitamos para analisar, também, como os sujeitos agregam diferentes modos de enunciação para construir seus propósitos comunicativos.

Compreendemos, dessa forma, que o letramento faz emergir na superficialidade do texto as duas faces do processo da produção textual: leitura e escrita. É na leitura que o texto começa o processo de escritura. Aliás, leitura e escritura são processos imbricados em suas relações de feitura. O sentido de um texto passa a ser construído nessas relações dialéticas a cada palavra ou proposição abordada. Visualizar e descrever como esses processos têm acontecido na aquisição do letramento digital por adolescentes carentes é a nossa proposta de pesquisa.

³ Tipo de site em que o conteúdo está organizado em entradas (chamadas de posts) ordenadas cronologicamente, com o post mais recente no alto. Também é chamado por "weblog".

1. PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo é destinado a expor as técnicas que foram aplicadas para a obtenção dos dados da pesquisa, além dos instrumentos que registraram as informações coletadas. A maneira como os procedimentos de processamento-tratamento dos dados, suas modalidades de análise e a especificação da população-alvo da pesquisa, também serão relatados neste capítulo.

Faz parte das análises a observação em torno da importância dos links como elementos articuladores de idéias, argumentos que aumentam a formatação de uma rede semântico-pragmática, guiada por um sentido construído pelo leitor-navegador. Tais mudanças processada parecem não se restringir apenas aos periféricos dos equipamentos em relação à leitura dos textos com seus múltiplos recursos. Buscam atingir, sobretudo, os novos caminhos cognitivos dos indivíduos e podem gerar outras práticas discursivas diante de um novo tempo e de um novo saber.

A concepção metodológica do presente trabalho considera o usuário, ou melhor, o leitor-navegador da rede na trajetória das práticas que aqui denominamos de letramento digital como um sujeito ativo que interage, interpreta e constrói, a partir de um conjunto de ações sentidas, valores e significados os processos sócio-culturais, nos quais está envolvido, segundo Blumer (1981) e Martim-Barbero (1989). Em nosso trabalho, as tecnologias são consideradas como elementos recursivos que mediam os conceitos, idéias e informações quando utilizadas numa perspectiva interativa. Neste aspecto, o processo comunicacional e interacional entre sujeitos é afetado, a partir da mediação tecnológica, pela categoria cultural, pelo seu conjunto de costumes sociais, os quais configurarão diferenças significativas nos processos sócio-cognitivos de construção de sentidos.

A pesquisa que fundamenta e orienta a presente metodologia é de natureza qualitativa, pois se caracteriza pela existência da relação entre as circunstâncias nas quais estão inseridos os sujeitos da ação. Considera, pois, que há uma indissociabilidade entre fenômeno, objetivo e a subjetividade do sujeito, a qual não é mensurada, nem transcrita a partir de dados exclusivamente objetivos ou numéricos. Além desses motivos, optamos por essa modalidade de pesquisa por entendermos que ela possibilita uma apreensão dos dados de forma eficaz.

Segundo Triviños (1995), uma pesquisa qualitativa apóia-se na fenomenologia, a qual é essencialmente descritiva, consideradas e impregnadas dos significados que o ambiente lhes concede. A entrevista semi-estruturada é a que parte de questionamentos apoiados em teorias que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas. Para Minayo (2000, p.107), a entrevista possui um “*sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico*” e um “*sentido amplo de comunicação verbal*”.

Machado (1997) vai afirmar que o ato de compreender é essencial diante de um objeto de estudo, que é guiado mais por uma dimensão explicativa. A compreensão é uma categoria de fundamental singularidade numa pesquisa qualitativa. Compreender é, nesse sentido, envolver-se com o objeto em sua inteireza e intencionalidade de sentido(s). Assim, os aspectos específicos, peculiares, serão descortinados numa constituição interpretativa posterior. Daí que se pode inferir que a compreensão e a interpretação, baseadas nos significados e sentidos são complementares entre si. Nesse sentido, para Rauem (2002) a “interpretação de um texto” é decisiva para apreender melhor o objeto de estudo.

Foi utilizado um questionário como instrumento para registro das informações. As perguntas aplicadas foram abertas e também semi-estruturadas, observadas as normas metodológicas na elaboração desse instrumento. O questionário foi disponibilizado aos entrevistados após uma rápida exposição sobre os objetivos da presente pesquisa durante o desenvolvimento da oficina intitulada “Letramento Digital”. A referida oficina foi desenvolvida na Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima, localizada em Bola na Rede - Recife - PE. Na aplicação do instrumento de coleta de dados, foram selecionadas as perguntas que permitiam aos participantes expressar por escrito suas respostas de uma forma livre de qualquer influência. Após a aplicação do instrumento de coleta de dados, as respostas foram organizadas em tabelas e/ou gráficos, a fim de tornar mais visíveis a comparação e a análise. As perguntas abordaram as formas de leitura do texto no ambiente digital *online* de modo contínuo e no hipertexto digital através de diversas atividades de produção de textos mediadas por interatividades hipermediáticas, além de outras variáveis julgadas relevantes para a presente pesquisa.

Utilizamos critérios de legibilidade na pesquisa em relação aos suportes analisados: o não-linear digital e o contínuo ou impresso. Em seguida, foram procedidas análises argumentativas das produções textuais/digitais dos adolescentes no ambiente *online*, cujo

objetivo era o de oferecer uma interpretação dos textos e detectar possíveis mudanças na passagem dos suportes impressos aos digitalizados, além de fazer emergir as características do letramento digital a partir das práticas e usos dos nossos sujeitos-informantes diante do computador como ferramenta pedagógica.

Segundo Triviños (1987, p.138), o pesquisador qualitativo

considera a participação do sujeito como um dos elementos de seu fazer científico, apóia-se em técnicas e métodos que reúnem características *sui generis*, que ressaltam sua implicação e da pessoa que fornece as informações.

Após a coleta das informações do questionário, estas receberam o processamento descritivo, sendo dada ênfase à análise interpretativa. A abordagem, como assinalada anteriormente, seguiu os passos da pesquisa qualitativa.

Para Triviños (1987, p.137), a coleta e a análise dos dados

[...] são tão vitais na pesquisa qualitativa, talvez mais que na investigação tradicional, pela implicância nelas do navegador, que precisam de enfoques aprofundados, tendo presente, porém, o seu processo unitário, integral.

Segundo André (1995), existem distinções entre os diferentes tipos de pesquisa associadas à abordagem qualitativa: a pesquisa do tipo etnográfico, o estudo de casos e a pesquisa-ação. Em nosso estudo, em face de sua dinâmica interativa, escolhemos o estudo de caso.

A nosso ver, as entrevistas constituem um dos processos mais diretos para identificar a informação e a ocorrência de determinado fenômeno, a qual as questões são formuladas, de algum modo, a partir do contexto dos sujeitos. Nas respostas das pessoas são evidenciadas suas percepções e interesses pelo objeto estudado. Considerando as especificidades de perspectivas das pessoas, o quadro que poderá emergir pode representar razoavelmente a ocorrência ou ausência do fenômeno estudado e, dessa forma, criará uma estrutura para uma interpretação coerente com os dados coletados. Ao optarmos por entrevistas do tipo diretas

e estruturada, criamos a possibilidade de elucidar e complementar os dados, os quais pela análise documental não são compreendidos em sua totalidade, pois o foco analítico permite ao investigador ultrapassar os conteúdos previstos, além de possibilitar aos entrevistados a expressão de suas percepções.

Desta maneira, acreditamos poder obter os resultados com os dados necessários para uma análise coerente que possibilite alcançar respostas à hipótese levantada no presente trabalho.

Segundo Chizzotti (1991), a metodologia qualitativa

parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.

Nesse aspecto, a abordagem qualitativa torna-se viável para o nosso estudo, uma vez que considera as pessoas a partir de suas ações orientadas pelas crenças, sentimentos, valores, opiniões e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá de imediato e precisa ser desvelado.

A pesquisa apresenta seus objetivos de realização assim divididos: objetivo geral e objetivos específicos.

1.1 Objetivo Geral

Nosso objetivo geral nesta investigação é verificar quais formas de acesso à mídia digital, computadores *online*, têm sido buscadas pelos adolescentes estudantes de uma escola pública estadual, não obstante suas dificuldades de recursos materiais, para se incluírem digitalmente e como eles têm utilizado tais mídias, resultando na sua auto-apropriação do letramento digital. Quanto aos objetivos específicos, buscou-se observar o grau de letramento digital de um grupo de adolescentes selecionados pela pesquisa para saber o nível de domínio que apresentam com relação à necessidade de dominar as novas formas de interação e acesso

ao conhecimento oferecido atualmente pelas novas tecnologias. Com isso, a partir dos registros das enunciações digitais, procurou-se identificar o grau de domínio dos novos gêneros digitais da internet que se revelou pelo uso adequado das diversas formas de interação disponíveis nos programas de computação mais utilizados pelos adolescentes brasileiros atualmente, a saber: E-mail, Messenger (MSN), *Orkut*, *blog* e/ou *fotologs*. Objetivando verificar, a partir da escrita registrada nos referidos espaços enunciativos, analisamos a linguagem (internetês) utilizada pelos adolescentes, observando sua produção escrita realizada nos gêneros digitais citados acima, a fim de verificar a adequação a cada um dos gêneros digitais apontados.

1.2 Perguntas da pesquisa

Nossa pesquisa foi motivada pela percepção da necessidade de compreendermos os diferentes usos do computador *online* nos espaços de interação entre os sujeitos. Neste sentido, objetivamos contribuir para a reflexão a respeito da inclusão digital dos jovens.

Sem esperar por iniciativas dos gestores das políticas públicas de educação, alguns adolescentes mais inquietos e empreendedores têm ido à luta pela melhoria de suas condições intelectuais e pela possibilidade de participação como protagonistas da história e da evolução tecnológica.

Assim sendo, formulamos as seguintes perguntas motivadoras dessa investigação, as quais buscaremos responder:

1. Estão os adolescentes, estudantes da rede pública de educação, a despeito de suas carências materiais, esperando que o processo de letramento digital seja uma iniciativa da escola ou estão eles por si mesmos buscando se apropriar deste novo modelo de letramento, quando solicita a utilização do laboratório de informática da instituição escolar em que estão matriculados e quando freqüentam os telecentros do bairro?

2. Como se processa a construção de sentido por meio da navegação em hipertexto pelos sujeitos pesquisados?

Essas, portanto, foram as questões cujas respostas nossa pesquisa perseguiu, objetivando torná-las explícitas, a fim de que propostas político-pedagógicas em torno dessas respostas fossem elaboradas. Quem sabe tais propostas venham despertar os gestores da educação e também os educadores de modo geral a acelerar o processo de letramento digital por meio de políticas de educação que planejem e executem atividades que desencadeiem esse letramento nos adolescentes das classes menos favorecidas economicamente.

1.3 Hipótese de trabalho

Partimos da hipótese de que alguns adolescentes, estudantes de escolas da rede pública, buscam por eles mesmos o letramento digital a partir do momento que reconhecem a necessidade de dominarem as novas ferramentas tecnológicas (computador *online*) como estratégias para a sobrevivência social e preparação profissional a fim de enfrentar o mundo contemporâneo. Eles procuram seja no laboratório de informática, seja nos telecentros do bairro, dominar essas tecnologias, utilizando intensamente os gêneros digitais mais valorizados por pessoas de sua faixa etária.

Ressaltemos que esses adolescentes não estão conscientemente focados na aquisição do letramento digital quando vão aos laboratórios de informática da escola ou aos telecentros e lá usam intensamente o computador e empregam os novos gêneros digitais. De fato, eles estão primeiramente buscando diversão e entretenimento, mas indiretamente estão se auto-letrando digitalmente e assim se preparando para a vida no mundo atual em que o virtual tem sido bastante valorizado.

1.4 Procedimentos

Diante das rápidas transformações que se processam em todos os campos da vida humana, acreditamos que tem sido um problema a escola não preparar o indivíduo para as mudanças que estão acontecendo na sociedade impactada pelo avanço tecnológico.

Para subsidiar o presente estudo, foi aplicado um questionário que especificou as variáveis a serem problematizadas na presente pesquisa, a fim de se obter uma identificação confiável das percepções dos sujeitos em relação ao objetivo que pretendíamos verificar, considerando as hipóteses de investigação (cf. Anexo1). Após a coleta das informações do questionário, estas receberam o processamento descritivo com ênfase na análise interpretativa. A abordagem, como assinalada anteriormente, seguiu os passos da pesquisa qualitativa. Baseando-nos na perspectiva de Triviños (1987, p.137), a coleta e a análise dos *dados*

[...] são tão vitais na pesquisa qualitativa, talvez mais que na investigação tradicional, pela implicância nelas do navegador, que precisam de enfoques aprofundados, tendo presente, porém, o seu processo unitário, integral.

1.5 Caracterização dos Sujeitos

A população envolvida diretamente na pesquisa foi constituída por 16 (dezesseis) adolescentes que utilizaram as diversas manifestações das linguagens mediadas pelas interfaces da tecnologia da informação e comunicação presentes em uma escola pública da periferia de Recife, a Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima, localizada na comunidade de Bola na Rede - Recife-PE. Os sujeitos que foram selecionados participaram em atividades que possibilitaram compor o *corpus* da presente pesquisa a partir dos usos das linguagens em diversos gêneros digitais. Salientamos que a identidade real dos sujeitos-informantes foi mantida em sigilo, a fim de evitar quaisquer futuros constrangimentos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Compreendemos, neste trabalho, que o letramento de modo geral corresponde a um procedimento que perpassa as atividades dos sujeitos numa perspectiva sócio-cultural, pelo qual as habilidades de ler e escrever ressignificam as estratégias interacionais em diferentes espaços sócio-comunicativos onde os indivíduos participam individualmente e em grupo, mais do que simplesmente uma expressão de habilidades cognitivas que os falantes possam indicar (cf. BARTON, HAMILTON e IVANIC, 2000; COMBER e CORMACK, 1997; DIONÍSIO, 2006; GEE, 1999).

Postulamos ser o letramento produto de uma atividade com a língua situada social e culturalmente. Ele é expresso pelas práticas sociais dos eventos comunicativos protagonizado pelos indivíduos. Esses valores, crenças, modos de se comportar, são expressos pelos textos que circulam em diferentes espaços de socialização das pessoas e indicam a emergência de novas linguagens.

2.1 Tipos de Letramento

Verifica-se que as pessoas externam suas práticas sociais pelos usos que fazem da leitura e escrita. Com isso, compreendemos que a inserção do sujeito no mundo social dá-se pelo domínio que ele possui de suas habilidades para praticar ações socialmente previstas em determinados contextos da convivência humana.

Outro aspecto a ser destacado diz respeito ao papel da mídia na dinâmica de divulgação de um conceito de alfabetização que o aproxima do conceito de letramento. As terminologias criadas estão relacionadas com a imprecisão dos processos (desqualificados analfabetos funcionais, semi-analfabetos). Os processos de alfabetização e letramento necessitariam aqui, na realidade brasileira, de uma produção acadêmica que diferenciasses as abordagens mais nitidamente no tocante às especificidades de seus processos.

Segundo Bakhtin (2003), todo enunciado é individual, mas “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”. Nessa perspectiva e situando o gênero histórica e socialmente, podemos ver como as novas tecnologias tornam-se campos férteis para o aparecimento de novos gêneros. Assim, compreendemos que o letramento, como unidade entre a escrita e seu uso social, tem nos gêneros um aliado para propostas criativas de ensino.

No vocabulário da Educação e das Ciências Lingüísticas, o termo letramento é recente. Dentre as primeiras ocorrências, destaca-se a relatada por Kato (2000, p.7):

Acredito ainda que a chamada norma-padrão, ou língua falada culta é consequência do letramento, motivo por que, indiretamente, é função da escola desenvolver no aluno o domínio da linguagem falada institucionalmente aceita.

Para Kato (2000), o sujeito é letrado à medida que se torna capaz de fazer uso da linguagem para o próprio crescimento cognitivo dele, atendendo às várias demandas de uma sociedade. A partir de então, o termo passa a circular com maior frequência no discurso escrito e falado de especialistas.

Kleiman (1995, p.19) o define como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Ou seja, letramento são as práticas sociais de leitura e escrita que o indivíduo adquire e que as põem em ação conforme o contexto, para atingir um determinado objetivo socialmente previsto. Posteriormente, Kleiman (1998) conceitua letramento “como práticas e eventos relacionados com uso, função e impacto social da escrita”. Além das práticas sociais de leitura e escrita apontadas, a referida autora acrescenta os eventos nos quais tais práticas são colocadas em ação, bem como as consequências delas sobre a sociedade. Diante disso, defendemos que a interação das pessoas nos seus múltiplos espaços decorre da necessidade de inserção social a partir de objetivos previstos nos variados grupos.

Para Soares (2000, p.75), letramento é “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Assumiremos, neste projeto de pesquisa, esta

concepção, por entendermos que o letramento é um fenômeno cultural e historicamente situado. O indivíduo, diante das demandas sociais que fazem uso da escrita, apropria-se de um conjunto de práticas sociais, constituídas como novos eventos que envolvem a língua.

2.1.1 O Letramento Digital

Como consequência das novas tecnologias de comunicação, o termo letramento passou a ser chamado, ou melhor, ressignificado, por pesquisadores das áreas de educação, comunicação, sociologia e literatura, de letramento digital, e que se mostra como um evento que reclama novos gêneros digitais. Falar em letramento digital implica, portanto, *“abordar práticas de leitura e escrita um tanto diferentes das formas tradicionais de letramento”* (XAVIER, 2002).

O letramento digital não se restringe, apenas, ao uso do computador ligado à Internet; não só se realiza por meio do hipertexto, mas também por meio do uso de toda tecnologia da informática no cotidiano. Inicia-se com a utilização do computador com sua capacidade para o processamento de textos e outras interfaces e a utilização destes componentes para o ensino dos usos das ferramentas da nova tecnologia.

Assim, alguns teóricos já começam a estudar os efeitos das novas ferramentas tecnológicas (computador, Internet, cartão magnético, caixa eletrônico, e, atualmente, o telefone celular etc.) na vida social das pessoas e como esses usos tem modificado as demandas de aprendizagem das pessoas no tempo e no espaço. Salientamos que essas aprendizagens acontecem, na maioria dos casos, por conta própria dos sujeitos. Nesse sentido, vai se delineando no campo acadêmico áreas de estudos sobre esse fenômeno que ora está sendo denominado letramento digital. Portanto, entendemos ser a escola o lugar por excelência onde se desenvolve o processo ensino-aprendizagem: ela representa a instituição responsável pela inserção das pessoas na sociedade a partir da oferta ao domínio de habilidades e competências letradas para uma vida em sociedade. Para que isso ocorra, as instituições de ensino devem desenvolver didáticas de ensino que correspondam às reais necessidades da sociedade.

Destarte, as análises que compuseram o *corpus* da presente pesquisa pretendem compreender os efeitos produzidos pelos usos dos recursos da tecnologia na vida dos sujeitos e como eles modificam a percepção do seu espaço social.

Sendo assim, faz-se necessário compreender em qual perspectiva teórica compreendemos o que constitui hipertexto. Ele, o hipertexto, vai potencializar e problematizar a ilusão da objetividade textual, de sua auto-suficiência e completude. Ele propõe um processamento das informações onde tudo possui um significado, desde que seja estabelecida uma constante interação dialógica. Com isso, os significados estão, nesses aspectos, condicionados uns aos outros, criando novas relações discursivas, sociais e cognitivas, tal como se observa na perspectiva sócio-interacionista.

Segundo Chartier (1994, p.194):

As significações histórica e socialmente diferenciadas de texto, seja qual for, não podem ser separadas das modalidades materiais por meio de que o texto é oferecido aos leitores.

Com os hiperlinks e nós estabelecidos no hipertexto, ocorre uma “materialização” da interação dialógica, pela qual são mapeadas as unidades de criação textual. Assim, no hipertexto o processo de construção do conhecimento diferencia-se dos padrões de processamento informacional do texto impresso.

Dessa forma, o hipertexto vai potencializar as características do texto tradicional, possibilitando aos usuários a prática de habilidades novas. Defendemos que o hipertexto digital tende a ampliar as possibilidades de leitura da informação que no papel se dá de modo contínuo. Ele cria uma nova relação com a informação variadamente disponível no ambiente digitalizado. Os recursos que a tecnologia apresenta tendem a ampliar os sentidos da leitura, independentemente do tema em vários aspectos, os quais serão analisados neste trabalho.

A utilização dos recursos de comunicação, as imagens em movimento e os sons substituem a narrativa linear por um novo tipo conceitual. Por isso, é relevante questionar em quais aspectos, considerando o quadro da mutação da compreensão dos textos, ocorrem às modificações hipertextuais. O leitor encontra-se em estado de prontidão permanente, conecta-

se aos nós e nexos, constrói roteiros multilineares, multissequenciais e labirínticos, construídos pela interação com as palavras, as imagens e os sons na trama hipertextual. Esses recursos estão inseridos num contexto sociocomunicativo. Assim, defendemos que será na dinamicidade da atividade comunicativa que o efeito a ser produzido se materializa. Sendo assim, no mundo digital, a forma rompe a relação com o tipo do documento apresentado.

Para Lévy (1993), ler é selecionar, esquematizar, associar a outros dados, integrar as palavras e as imagens como uma memória pessoal em reconstrução permanente. Por isso, quando lemos, não temos uma atitude linear, relacionamos o texto a outros textos, a imagens, a afetos, sendo a leitura uma ação de constante construção. Como as tecnologias artificializam as atividades mentais, o ato de escrever acelerou o processo de exteriorização e artificialização da memória e da leitura. Dessa maneira, a escrita, enquanto tecnologia, não só reforçou a leitura, como ampliou as possibilidades de associação, diversificando a função cognitiva humana.

Esse espaço ocupado pelo letramento digital, na atualidade, reflete, a nosso ver, uma forma de predomínio de uma cultura baseada no domínio dos códigos múltiplos como elemento de pertença social, mesclado com a utilização de outras formas de linguagens. Assim, compreendemos que, ao fazer uso de diferentes linguagens no espaço virtual, os sujeitos indicam que assimilaram a prática desses usos às exigências comunicativas dos eventos de letramento. Em nosso caso, o letramento digital. Como os eventos de letramento possuem uma relação com os usos que os sujeitos fazem da linguagem, podemos inferir que sua utilização exige dos usuários certo domínio lingüístico para ser efetivamente compreendido. Ou seja, o letramento digital sugere que os sujeitos possam fazer uso da linguagem numa perspectiva que possibilite o seu engajamento em determinado grupo social a partir da construção de sentidos de seus enunciados devidamente compartilhados.

Essa dialogicidade da natureza da linguagem, segundo Bakhtin (2003), pressupõe que construamos nossos discursos num *continuum* ora complementar, ora contraditório. Os sujeitos vão delineando suas identidades pelos múltiplos usos que fazem da linguagem. No ambiente digital, essas marcas surgem constantemente em face da velocidade comunicativa. Assim, os sujeitos necessitam se inserir na perspectiva de mundo de seu interactante para estabelecer a clareza da comunicação. Portanto, essa característica não constitui uma das mais fáceis atividades languageiras. Os enunciados produzidos no ambiente digital possuem a

característica da incompletude, da fluidez e do diálogo constante. Nesse aspecto, nossa abordagem teórica busca analisar a convergência das diferentes perspectivas na construção coletiva de um saber que se instaura como novidade em sua expressão, mas que carrega, também, profundas marcas de saberes anteriores.

Com isso, inferimos que no ambiente digital, a constituição dos sujeitos, na maioria dos casos, principalmente nas interações *online*, caracteriza-se por uma simbiose de traços relativamente compartilhados pelos interactantes mediados pela aquisição de uma linguagem que se pauta por múltiplos recursos expressivos. Tudo isso, cria nos sujeitos uma espécie de familiaridade com as múltiplas expressões da linguagem no ambiente digital, as quais favorecem uma construção identitária inovadora para aqueles que fazem uso da tecnologia para se comunicar.

Assim, inferimos, a partir dos dados coletados, que a alteridade constitui um processo constitutivo dos sujeitos no trajeto de aquisição do letramento digital, pois possibilitou um compartilhamento na formação dos enunciados no ambiente digital. Como observamos nos dados coletados, os discursos e enunciados são construídos pelos sujeitos na e pela interação com o outro. Dessa forma, a compreensão do discurso e dos enunciados que produzimos representa um meio de identificação dos sujeitos no espaço social que é compartilhado. Quando os sujeitos interagem nos múltiplos espaços virtuais da Internet, as formas de pertencimento são consolidadas pelo domínio freqüente dos usos das linguagens, como percebemos nas formas de saudação inicial de nossos sujeitos. O letramento digital, como assinalamos anteriormente, instaura um momento de reconfiguração das práticas sociais e das práticas de linguagens que os indivíduos exercem continuamente nos espaços de interação social. Essas duas práticas estão sociologicamente imbricadas de forma que suas naturezas se complementam num movimento dialético.

Assim, podemos, baseados nos dados de nossa pesquisa, inferir que, ao possibilitar a inclusão de múltiplas formas de linguagens mescladas com o texto verbal, como as imagens, sons e movimentos dinâmicos dos ícones, em diferentes espaços enunciativos, nossos sujeitos são possuidores de habilidades constitutivas de identidades que são continuamente (re) construídas, indicando, assim, mudanças nas práticas de linguagens. Essa modalidade que procura incluir as múltiplas expressões da linguagem, em nossa pesquisa, é defendida como uma prática social que insere os indivíduos numa sociedade que se articula por uma variedade

de recursos lingüísticos a qual instaura um novo tipo de letramento que denominamos por letramento digital, como assinalamos anteriormente.

2.2. Hipertexto: Características e Princípios

Xavier (2002) elenca quatro dissemelhanças existentes entre o texto e o Hipertexto, as quais facilitam o reconhecimento de suas potencialidades no processo enunciativo:

A primeira refere-se à *imaterialidade*. Para o autor, essa característica é paradoxal, pois permite ao leitor desenvolver uma série de procedimentos que lhe dão a sensação de “possuir” o produto textual. Contudo, ele, segundo argumentos do autor, ao ser impresso, é esvaziado de seu potencial “hiper” perde seu potencial de expressar as demais linguagens presentes em sua estrutura virtual, como as imagens animadas e os sons. Sem a característica da ubiquidade espacial, o hipertexto volta a ser um texto comum preso a espaços materiais limitados às cópias e impressões recebidas.

Uma das características determinantes para a qualificação de certos discursos refere-se a sua espacialidade e temporalidade. Ou seja, ao construir enunciados, os sujeitos o fazem a partir de certo lugar e de um tempo específico. Daí inferirmos que o discurso possui uma idéia de movimento, de percurso. Os sujeitos irão constituir-se e também formar a sua realidade pela interlocução coletiva. Assim, a produção de enunciados é, em sua maioria, uma atitude social, pois acontece numa dinâmica entre sujeitos em contextos semelhantes quanto aos usos da linguagem.

Quanto à *confluência de modos enunciativos*, Xavier afirma que essa característica é essencial para diferenciá-lo do texto impresso. Segundo o autor (2002, p.30), o Hipertexto “*acondiciona outros modos de enunciação, tais como as imagens em vídeo, ícones animados e sons, todos interpostos ao mesmo tempo na tela*”. Tudo isso presente na mesma superfície de acesso à leitura ou hiperleitura.

Faz-se necessário também distinguirmos, no presente trabalho, o que vem a ser comunicação interativa e comunicação massiva. A mídia do telefone possui a característica

de ser interativa. Contudo, a sua peculiaridade de usabilidade não permite um compartilhamento da conversação por mais de um interlocutor, salvo poucas exceções. Já a televisão e o rádio possuem a condição de atingir um grupo maior de pessoas, sendo massificadoras, mas limitadas pelo suporte. Entretanto, quando essas mídias são postas no ambiente *online* da internet, elas assumem a característica da interatividade e da possibilidade de se configurar como uma mídia que alcança várias pessoas em diferentes lugares, sendo, dessa forma, uma mídia de massa.

Como assinalamos acima, a principal característica do hipertexto é a convergência de variadas mídias, denominada por alguns autores pluritextualidade ou multisemiose (XAVIER, 2000) ou intermedialidade, de acordo com Lajolo (1998, p.70). Esta autora mantém “a expressão texto e seus derivados no limite estrito da linguagem verbal”, pois no hipertexto “*o que se tem é a inter-relação entre diferentes mídias, tais como imagem/som/movimento e texto mutuamente enredados*”.

Lévy relaciona o hipertexto com os documentos impressos:

Estamos hoje tão habituados com essa interface que nem notamos mais que existe. Mas no momento em que foi inventada, possibilitou uma relação com o texto e com a escrita totalmente diferente da que fora estabelecida com o manuscrito. (LÉVY, 1996, p.34)

No hipertexto não ocorre uma exclusão de textualidades na construção de sentidos dos enunciados. O que se observa é o fenômeno da co-ocorrência de textos diversos numa mesma superfície, possibilitando, assim, uma leitura multi-sensorial, pois, no mesmo ambiente as imagens em movimento, os ícones com animação, os textos e sons são recursos solicitados pelos usuários quando a enunciação o exigir.

Concordamos com Xavier (2002) quando afirma que o modo de enunciação digital se estrutura como um amálgama diante dos modos enunciativos anteriores. Assim, ele, o modo enunciativo digital, coloca na mesma superfície textual uma multiplicidade de linguagens que concorrem para a construção global dos sentidos dos textos. Essa confluência de linguagens favorece à interatividade entre os sujeitos e não prejudica a compreensão do leitor, pois, o sentido é caracterizado por uma construção coletiva.

A ordem canônica dos textos não constitui uma característica exclusiva do Hipertexto, segundo os pressupostos teóricos anteriormente elencados. O texto impresso possui recursos que quebram a linearidade do texto, possibilitando ao leitor dar saltos em sua leitura. Exemplos dessa característica são os sumários, a divisão em capítulos, os índices remissivos e as notas de rodapé. O autor, com base no pensamento de Clément (*apud* XAVIER, 2002, p.31), faz uma distinção conceitual entre a noção de ***não-linearidade*** (ou deslinearidade) e descontinuidade potencial do discurso. Enquanto a não-linearidade é analisada do ponto de vista do suporte material, a descontinuidade diz respeito a “*uma forma de montagem pela qual o discurso acha a sua coerência*”.

Neste sentido, a não-linearidade no texto impresso é mais uma atitude receptiva do leitor do que uma característica constitutiva como acontece com o Hipertexto. Dessa forma, no Hipertexto a deslinearização reveste-se como um princípio constitutivo de sua estrutura. Essa característica possibilita ao Hipertexto criar uma nova forma de organizar o percurso da leitura a partir de um critério de descontinuidade em busca de uma trajetória que possibilite ao leitor uma construção seletiva do saber.

Ao fazer referência à ***Intertextualidade infinita***, o citado autor toma por base a perspectiva da continuidade dialética do discurso, pois, segundo ele, sempre discursamos sobre algo “já-dito”. Daí que a “memória discursiva” estará presente na maioria de nossas elaborações enunciativas a fim de colaborar com a construção do sentido. Com as potencialidades do Hipertexto, através dos hiperlinks, os leitores estabelecerão relações com outros textos. Nesse sentido, aquilo que aparentava certa dispersão temática representa, no espaço da virtualidade do Hipertexto, uma opção de relacionar e ampliar o assunto por múltiplos caminhos que se deseje seguir nas trilhas dos textos presentes na rede.

A não ser como expressão do autor que o cria, a rigor, o texto não existe, melhor dizendo, não preexiste ao leitor, vez que este é quem lhe atribui significados, ancorado em seu repertório de conhecimentos, nos textos que compõem sua estrutura cognitiva. O leitor, nesse processo, é tão vital quanto o autor (EAGLETON, 1997). Amplia-se assim o conceito de texto, a idéia de intertexto que está presente no mais rudimentar processo de leitura. Ao atualizar o texto, o leitor divide com o autor sua autoria, assim, passa a ser co-autor. Nesse aspecto, o hipertexto supõe, então, “um leitor capacitado a recuperar de forma consciente as

alusões, citações, paráfrases, paródias e demais formas de intertextualidade presentes em cada texto que lê” (LAJOLO, 1998, p.65).

Com isso, a parceria do leitor na composição do texto, enquanto conjunto de significados fica mais evidente ainda na leitura do hipertexto, pois a escolha dos possíveis caminhos pelo leitor/usuário determina começo, meio e fim do texto, fazendo com que toda leitura seja também um ato de escrita (ELIAS, 1999; LÉVY, 1996).

Segundo Koch (2000), ao citar Barthes (1974), “*todo texto é um hipertexto*”, pois, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis, outros textos estão presentes nele. Daí ser a heterogeneidade uma característica da intertextualidade. O conhecimento que se tem de outros textos-relações de produção e recepção- em diferentes formas vai caracterizar a intertextualidade como um fenômeno intrínseco à própria concepção de textualidade. A autora classifica a intertextualidade em dois tipos: a de sentido amplo e a de sentido estrito. Segundo Authier (*apud* KOCH, 2003), a intertextualidade de sentido amplo aproxima-se da interdiscursividade, a qual ela denomina de heterogeneidade constitutiva. Já a de sentido restrito, vai conduzir a reflexão para a compreensão da relação existente de um texto com outros textos que anteriormente estavam efetivamente produzidos. Divide-se, também, em intertextualidade de conteúdo e de forma/conteúdo, pois, segundo a autora, toda forma enforma ou emoldura um conteúdo. A linguagem bíblica, na acepção de Koch, é um exemplo de intertextualidade de forma/conteúdo, pois o “autor” busca imitar ou parodiar, considerando um efeito específico de sentido para o texto, os estilos, registros ou variedades de língua de um determinado escritor ou de um dado segmento da sociedade. Existe, ainda, a intertextualidade explícita e a implícita. Na explícita ocorre a citação da fonte do intertexto, objetivando estabelecer um processo de conversação e questionamento diante do texto. A fonte implícita fica subentendida, sendo recuperada pelo interlocutor durante o percurso traçado na leitura, levando em consideração a construção de sentido do texto.

Para Lèvy (1993), a estrutura do hipertexto constitui-se a partir de seis princípios, que se encontram interligados. Para este autor, essas características possuem uma relevância diante da definição de hipertextualidade que norteia a leitura dos textos. A fim de explicitar seus pressupostos teóricos, o autor analisa o Hipertexto a partir desses princípios, como se segue:

Princípio da Metamorfose: a composição, a extensão e a configuração da rede hipertextual estão em constante construção e renegociação. A dinâmica explica-se pela permanente abertura da rede ao exterior (princípio da exterioridade) e pela multiplicidade de conexões possíveis (princípio da heterogeneidade). Nesse aspecto, percebe-se nitidamente uma afirmação da característica da sociedade atual: o conhecimento é mutável e é influenciado a todo o momento por diversas informações sucessivas. A real forma, dimensão e estrutura da rede não são passíveis de serem apreendidas, pois a dialética dos movimentos e constantes atualizações são operativas no hipertexto;

Princípio da Heterogeneidade: tanto os nós quanto as conexões entre eles são heterogêneos. São múltiplas as conexões num ambiente hipertextual: textos, sons, imagens compõem uma linguagem única, integrada pela digitalização, e podem compor uma mesma mensagem, pois, segundo Lèvy (1993), “o processo sociotécnico colocará em jogo pessoas, grupos, artefatos, forças culturais de todos os tamanhos com todos os tipos de associações que pudermos imaginar entre esses elementos”;

Princípio da Multiplicidade e de Encaixe das Escalas: a organização do hipertexto é fractal, ou seja, qualquer nó ou conexão revela-se composto por toda uma rede de informações, quando acessados. Tem-se a imagem de que cada hipertexto é um sub-hipertexto de um hipertexto maior;

Princípio da Mobilidade dos Centros: a rede hipertextual não tem um centro único, mas diversos centros móveis e temporários, em torno dos quais se organizam infinitos rizomas. Os centros são voláteis, possibilitando, a qualquer momento, a migração de um nó para outro;

Princípio da Exterioridade: não há unidade orgânica nem motor interno e a rede encontra-se aberta permanentemente ao exterior, o qual é responsável pelas suas configurações e reconfigurações constantes. Esse princípio caracteriza a permanente abertura da rede hipertextual ao exterior. Interior e exterior não são nitidamente determinados, estabelecendo-se, tópica e momentaneamente, fronteiras móveis, apenas com finalidades operacionais. No momento em que se aciona um link, o que então está no exterior de determinado hipertexto passa a integrá-lo;

Princípio da Topologia: a rede constitui-se o próprio espaço em que são traçados distintos percursos hipertextuais. É aí onde se multiplicam as conexões. Esse princípio designa que a rede hipertextual funciona na base da proximidade, à medida que os links aproximam espaços e temporalidades – é possível, por exemplo, linkar um texto

do dia com outro de arquivo, ou ainda informações produzidas em países distantes geograficamente, criando, dessa forma, uma proximidade com significados diversos. A topologia está relacionada com as escolhas e os caminhos são percorridos na hipertextualidade.

Baseadas nesses princípios delineiam-se as características que, imbricadas, reconfiguram a prática da escrita e da leitura no ambiente informático por meio do emprego do Hipertexto. Antes de tudo, é preciso ressaltar que não existe um hipertexto geral, mas níveis de hipertexto que se apresentam conforme a realização do que a ferramenta oferece como potencialidade.

Na prática, isso significa que qualquer um, ao usar o Hipertexto conforme seu interesse, pode organizar o que lê e transformar este objeto de leitura em centro transitório. Por isso, nenhum leitor é aprisionado por um tipo de organização particular de hierarquia, ainda que esta possa ser sugerida, em alguma escala, pelo autor. Na prática fragmenta-se a definição de autoria como atividade exclusivamente individual.

O hipertexto potencializa, assim, a leitura multisequencial e a construção de sentidos. É notório que qualquer texto só adquire sentido por meio da leitura. É ali onde são feitas as associações propostas ou não pelo autor, onde ocorre a interpretação e se produzem suas significações.

Quanto à multiseqüencialidade, o livro contém no texto principal, por exemplo, os símbolos que remetem o leitor à nota de rodapé, na qual há referência sobre o próprio texto ou de outros textos. A diferença é que no texto impresso as referências encontram-se distantes espacialmente do texto principal e entre si e, depois de lê-los, retorna-se ao texto principal. Ao se escrever, acrescentar referências, analisar notas de rodapé e índice, o leitor não precisa fazer uma leitura linear, podendo seguir o que mais lhe agradar, num processo de navegação no hipertexto. Toda essa dinâmica intermediará para o leitor o estabelecimento de conexões com o texto principal, sem abandonar, contudo, seu propósito inicial de leitura. Modifica-o durante o processo a partir de percursos de leitura que vai encontrando à sua frente.

Com o hipertexto, a possibilidade de se construir vários percursos de leitura muda tanto a experiência de ler quanto a natureza do que se lê. Com a multiplicidade de

possibilidades de produção de sentidos, os caminhos alteram a organização dos conteúdos numa perspectiva inovadora. Ao explorar as múltiplas possibilidades e rotas possíveis, cada usuário vai encontrando de forma desconexa as informações de que necessita, estabelecendo uma ordem própria.

Daí advém outra característica potencial do hipertexto, que é a multivocalidade, isto é, a possibilidade de o texto não ser elaborado exclusivamente por apenas uma pessoa, colocando em xeque os papéis do autor e leitor. Na prática, isso pode significar a produção de uma obra coletiva e anônima. Nessa perspectiva, o acesso a um hipertexto vai possibilitar ao leitor guiar-se por novas orientações, às quais serão agregadas outras informações, disponibilizando visões globais e locais.

A intertextualidade encontra-se, então, associada ao conceito de interatividade, à capacidade de interação entre obra, leitor e autor. A interatividade deve ser avaliada não mais do ponto de vista dos pólos (autor e leitor), mas da relação que mantém entre si.

Considerando o conceito subjacente à intertextualidade, o hipertexto eletrônico não se fecha num sentido retilíneo e pré-estabelecido. A permanente abertura do texto ao exterior frustra a expectativa de um fim, que advém da narrativa tradicional. No hipertexto eletrônico, as múltiplas conexões permitidas ameaçam o conceito de fechamento que é habitual, pois encorajam o leitor a começar a ler um texto novo sem ter concluído o anterior, buscando guiar-se pelos diversos nós e links que encontra a partir de seu propósito inicial de leitura.

Na transição hipertextual, tenta-se preservar a ordem canônica do texto. Nesse suporte ela já está perdida, pois o hipertexto – analogamente ao texto, de forma mais acentuada, entretanto – não possui esta ordem mais ou menos canônica. Na verdade a deslinearização constitui-se como princípio e não como condição de produção do hipertexto. No texto, há inúmeros artifícios que permitem quebrar a linearidade, mas aqui esse recurso é opcional, é a exceção; no hipertexto é a regra. Assim é que: *“Todo texto impresso pode ser um hipertexto, mas nem todo hipertexto pode ser um texto impresso”* (XAVIER, 2006).

Forçoso é, contudo, reconhecer que ambos possuem uma ordem que é dada pelo leitor. Com a abertura radical propiciada pelo hipertexto, se cria uma situação hermenêutica completamente nova. A desterritorialização do texto representa, pois, um dos aspectos mais

revolucionários da hipertextualidade. O hipertexto, ao provocar uma nova atitude aprendente, possibilita uma inovadora condição interpretativa aplicável também a textos impressos.

Mesmo quando um autor escolhe um conjunto de representações para determinado conceito, isto é, quando estabelece os possíveis links de seu texto, faz por meio de critérios subjetivos de escolha, faz em função de um contexto partilhado com um conjunto imaginário de leitores. Nessa perspectiva, a liberdade de escolha do leitor situa-se mais no campo da possibilidade que ele pode alcançar.

Mesmo admitindo uma relação entre as características do hipertexto e do texto clássico em sua forma impressa (a nossa cultura é, essencialmente, verbalizada), essa nova forma, que põe a palavra em constante movimento, parece desestruturar a lógica linear estabelecida na cultura do impresso. Assim, a rede semântica de significações dos hipertextos indica novas possibilidades de interpretações, diferente das que ocorrem no livro impresso.

2.3 Leitura e hipertexto

O hipertexto causa uma ruptura nas práticas de leitura, em princípio pela sua facilidade de efetivar uma simbiose entre diversas semioses: sons, imagens e outros recursos multimídia. Em seguida, a prática de utilização de hipertexto evidenciou entre os atores pesquisados uma forma de leitura fragmentada e não-linear. Essas características já estavam presentes no meio impresso. Todavia, as possibilidades de comunicação facilitadas pelo hipertexto digital ampliam as dimensões de leitura dos textos. Através do espaço da Internet, novas formas de leitura assumem características específicas que subvertem a sucessividade tradicional dos suportes de leituras.

A leitura é analisada nas escolas como uma atividade-suporte para outras aprendizagens. O viés analítico que envolve uma atividade complexa de processamento de informações é, na maioria das vezes, desconsiderada. Os processos cognitivos são, por outro lado, deixados de fora da problemática que envolve a atividade da leitura. Kleimam (2004) trabalha o conceito de fatiamento como uma atividade que está relacionada previamente com a interpretação semântica, a qual memória e inferência são ativadas.

É importante frisar, de início, que o patamar de inovações do hipertexto foi o material impresso. Ele é um suporte novo de veiculação de informações, possui uma capacidade de armazenamento superior, bem como apresenta uma velocidade maior diante de qualquer outro meio de comunicação. Contudo, não é possível analisá-lo como uma inovação técnica independente. O próprio hipertexto digitalizado trabalha com textos superpostos, até então inseridos no suporte impresso, como por exemplo, os intertextos, os quais como observados anteriormente fazem parte da essência da hipertextualidade.

Ser uma escrita totalmente nova não é o propósito do hipertexto. Ele representa, na verdade, mescla de semioses já existentes. As semioses são resultado de um processo sócio-cultural de codificação e linguagem que determinadas coletividades efetivam em suas práticas e usos no cotidiano. Sua inserção na sociedade acontece num processo de sucessão e não de substituição total, demonstrando uma cisão complexa dos centros analíticos.

No meio impresso e no ambiente digital, o hipertexto só existe quando o leitor mantém-se numa postura de constante abertura e busca pelas articulações possíveis na construção de sentidos mediatizadas pelas trilhas propostas. O caráter da hipertextualidade supõe que a leitura seja operada de forma não-linear e se busque mergulhar nos diversos links, nos intertextos e outros caminhos construídos pelo leitor-navegador.

Nessa esteira de raciocínio, a leitura hipertextual é constituída por uma construção composta por camadas intertextuais, nas quais o leitor e autor confundem-se em seus papéis. Os textos são produzidos e construídos sem fronteiras nítidas. Como observado anteriormente, a cultura impressa, com a qual já convivemos durante tanto tempo, trabalha também com outros textos que não estão presentes na estrutura textual de forma explícita, ou seja, com intertextos. Os processos textuais em meio digital podem ser constituídos de forma a gerar uma multiplicidade de encaixes multilineares, formando uma rede que não obedece a nenhum princípio de centralidade nem de linearidade.

Uma leitura no suporte digital, através de hipertextos, exigirá estratégias cognitivas diferentes das presentes no texto-papel-linear. Várias vozes e discursos interagem numa multiplicidade de direções. Tudo isso sedimenta a intertextualidade como característica imbricada na hipertextualidade, segundo os caminhos traçados por seus usuários.

Quando se utiliza o recurso eletrônico e virtual, o leitor possui uma liberdade de colocar diversas chaves de leituras, abrindo, dessa forma, outras possibilidades de leituras e uma multiformidade de significados. O leitor-navegador pode fazer várias abstrações na procura de significados possíveis e legítimos. Com isso, as variações interpretativas nascem no interior de cada texto. Guiado pela iniciativa do leitor-escritor, cada texto produzirá outro texto, numa exploração das estruturas semânticas oferecidas pelas várias estratégias de navegação. É importante ressaltar que todo processo de interpretação pelo qual o leitor-navegador passa, bem como o percurso mental e as estratégias cognitivas encontradas em seu caminho, através dos diversos links, exigem uma atitude de pesquisador numa perspectiva dinâmica e processual.

Para poder relacionar um texto a outro texto, o leitor-navegador necessita planejar, investigar, ler, comparar textos, compilar e selecionar os materiais necessários para justificar seu propósito de leitura, através de uma análise e de uma reflexão apurada, criando vínculos textuais, pelos quais cada link resulta de ressonâncias produzidas pelo texto e o seu ambiente circundante. Em cada texto compilado e relacionado com outros textos, desvenda-se um olhar interpretativo do leitor sobre o produto textual, uma atitude que o leva a inferir que o texto impresso ou no suporte digitalizado pode ser transcendido em direções diversas, sem que nenhuma das trilhas ou perspectivas escolhidas consiga esgotá-lo, pois um caminho textual está em constante movimento para outro desconhecido e desejável.

2.4 A discursividade das imagens

Ao procedermos à análise do *corpus* da produção dos sujeitos entrevistados nas superfícies textuais digitais, consideramos os traços de operações discursivas em duas principais posições – a partir da produção e a partir do reconhecimento. É pertinente considerarmos em nossa pesquisa que um discurso é expresso tendo como referencial outros discursos. Essa dimensão dialética constitui a dinâmica das análises. Ou seja, os efeitos são manifestados pela produção discursiva. E esta produção é plural. Ela desenha campos de possíveis efeitos numa trilha de possibilidades discursivas. Esse caráter demonstra que a perspectiva das gramáticas de reconhecimento é diferente das gramáticas de produção. Assim,

será através das superfícies discursivas que a gramática da produção possibilitará o reconhecimento dos campos possíveis de efeitos.

Nessa perspectiva, a análise do discurso é situada na comparatividade das superfícies discursivas. Dessa forma, para tornar a análise coerente com os pressupostos teóricos adotados, precisa-se estabelecer um espelhamento comparativo dos traços e dos tipos de discursos, a fim de que a descrição operacional conduza para uma economia discursiva.

Segundo Verón⁴ (2004), a unidade, para questão de análise é entendida como um fragmento discursivo qualquer. Dessa forma, depreende-se que os elementos pela co-presença de traços se relacionam entre si na superfície textual. Assim, passa a operar a metalinguagem nas análises a serem feitas. A partir dessa perspectiva, a pesquisa passa a ser conduzida pelas especificidades que problematizarão as possíveis perguntas em relação às discursividades das imagens que são conscientemente inseridas nas enunciações dos sujeitos.

Nesse sentido, procuramos a partir dessas marcas imagéticas nos discursos, perceber a manifestação do ideológico nas enunciações. No discurso, identificar essas marcas não constitui uma das tarefas mais fáceis. Considerando essa limitação, devemos explorar sistematicamente o *corpus*, buscando examinar as variadas formas dos desvios interdiscursivos. Com isso, procuraremos estabelecer em quais aspectos as propriedades consideradas estão manifestadas na superfície textual. Configura-se, assim, a descrição do fenômeno textual. Ou seja, essa situação representa a condição mínima para serem analisadas as amostras comparando-as às superfícies textuais com características semelhantes.

Ao analisar a presença ou a ausência das imagens nas superfícies textuais dos discursos, Verón considera, em seu método analítico, duas variáveis - a homogeneidade relativa (presença de um só tema) e a heterogeneidade (vários temas agindo simultaneamente na construção do sentido do texto), as quais constituem as diferenças relevantes dos “Desvios Invariantes”. Sendo assim, problematiza-se a existência das possíveis relações entre imagens e texto na busca da construção pretendida do(s) sentido(s). Sendo assim, na perspectiva veroniana, as imagens também são analisadas seja pela presença, seja pela sua ausência.

⁴ Eliseo Verón é sociólogo e semiólogo de formação. Possui doutorado em Lingüística pela Universidad San Andrés, Buenos Aires. Suas publicações discutem assuntos referentes às mídias e a sua relação com os discursos (cf. VERÓN, Eliseo. Fragmentos de um Tecido. Editora UNISINOS, São Leopoldo, RS:2004).

Segundo o autor, a espacialização das imagens está em relação constante com os modelos icônicos os quais são evocados pelo título. O distanciamento e a proximidade das imagens na mesma superfície textual representam a força do iconismo em sua relação com as regras metonímicas na construção do sentido. Quando se considera o modelo testemunhal clássico, o autor faz uma reflexão em paralelo com o fundo semântico das imagens em outras superfícies. Em sua perspectiva, esses modelos operam mais como possibilidades de interpretação do real dos acontecimentos. Contudo, ele não é categórico nesta posição. Nesta modalidade, o texto fica afastado da situação em si, pois ele irá se organizar posterior ao acontecido. Ele considera que a possível “neutralidade” do texto é dissimulada nos elementos que compõem o pano de fundo, bem como no destacamento espacial das figuras.

Quando se analisam as imagens inseridas numa superfície textual, devemos considerar que existe uma relação imbricada da imagem com todos os elementos lingüísticos presentes no texto e, sobretudo, nos comentários sobre a própria imagem em si. Com isso, nas referências que as imagens fazem do real delineia-se um forte desejo de objetividade que se estrutura numa linha tênue entre os fatos e as diferentes percepções que os indivíduos possuem sobre o mesmo acontecimento.

Na perspectiva veroniana, as imagens possuem algumas características ao se relacionarem com os textos nas ocasiões de construírem os discursos. O fundo semântico das imagens irá evocar determinado campo semântico o qual está em referência com o texto que o acompanha. Para o autor, os grupos humanos possuem um reservatório de estereótipos visuais que expressam as matizes culturais. Assim, a dimensão icônica é asseverada pelo critério da reiteração de sentido que a imagem produz nos discursos das pessoas. Por exemplo, uma maleta é uma imagem que está associada à atividade de um executivo; o professor, na maioria das vezes, possui a sua imagem ligada à atividade docente na escola. O texto e a imagem possuem um equilíbrio semântico protegido por variáveis compartilhadas no discurso. A dimensão conceitual da imagem, segundo sua perspectiva, é tão marcante que ela possibilita, ao relegar um plano secundário, a descrição de determinado acontecimento específico. Quando certos textos fazem uso de imagens, a sua imprecisão é praticamente anulada. A temática é relacionada com a imagem a partir de relações estabelecidas pelos usuários. Com isso, o caráter abstrato das imagens é que consegue possibilitar os diversos links com o texto e o seu fundo semântico. Diante disto, podemos inferir que os sujeitos

quando utilizam imagens e/ou ícones em suas enunciações, assim o fazem por uma necessidade de relacionar com a construção de um sentido pretendido. A inclusão desses elementos possui uma carga semântica compartilhada entre os sujeitos.

Outro aspecto a ser considerado na questão das imagens é a retórica visual dos personagens, especialmente as públicas. Esses traços são construídos pela força da mídia e circulam como índices de reconhecimento do personagem e de sua imagem. Assim, devemos analisar a problemática retórica das imagens em sua superfície textual quando estão presentes nas enunciações. Como os sujeitos estabelecem seus canais interpretativos? Reconhecem o sentido a partir de quais elementos? Acreditamos que é na gramática de reconhecimento que as figuras e as imagens passam a ter um efeito de sentido mais mutável e, portanto, mais aceito de ser compartilhado entre os indivíduos. O desenho, nesta abordagem teórica, procura reproduzir os traços de seu autor, explicita melhor o código utilizado e expressa, em suas entrelinhas, a manipulação imagética.

Quanto às metáforas visuais, o autor classifica-as como fotográficas e gráficas. Elas corroboram na construção de sentido do texto a partir da relação que o texto e a imagem possuem na mesma superfície textual. Nos sites de relacionamento, a opção por imagens ou ícones permite-nos inferir que os sujeitos atribuem certa relevância na construção de sentidos delas diante do propósito que eles possuem nas interações online.

Segundo o autor, a espacialização das imagens está em relação constante com os modelos icônicos os quais são evocados pelo título. O distanciamento e a proximidade das imagens na mesma superfície textual representam a força do iconismo em relação com as regras metonímicas na construção do sentido. Quando se considera o modelo testemunhal clássico, Verón faz uma reflexão em paralelo com o fundo semântico das imagens em outras superfícies. Em sua perspectiva, esses modelos operam como possibilidades de interpretação do real dos acontecimentos. Contudo, ele não é categórico nesta posição. Assim, podemos inferir que a forma e o conteúdo guardam entre si uma estreita relação semântica.

2.5 Novos espaços enunciativos: o MSN e o Orkut

Em nossa pesquisa utilizamos também nas observações da produção textual dos sujeitos o MSN Messenger. Este canal conversacional é um dos programas que os adolescentes e jovens mais usam atualmente para criar suas redes de relacionamento em todo o mundo. Geralmente, a sua utilização está mais relacionada com a prática de bate-papo entre as pessoas. A conversação postada neste ambiente é síncrona, ou seja, em tempo real. Essa interatividade é possibilitada pela dimensão *online* das conversas. Ele vai possibilitar uma conexão com mais de 55 milhões de usuários do Hotmail em todo o mundo de uma forma simples e gratuita, bastando apenas que o sujeito se associe ao Microsoft Passport. Segundo informações contidas em seu site, a instalação apresenta-se rápida e de maneira econômica quanto ao uso da memória do PC, além de possibilitar uma conversação entre dois ou mais sujeitos simultaneamente, mantendo o controle da privacidade entre eles. Outro recurso interessante presente no MSN é a utilização da sonoridade para alertar e notificar aos usuários quanto à chegada de mensagens novas no Hotmail. Quando os sujeitos estão digitando alguma conversa no Hotmail, o próprio sistema alerta, possibilitando, dessa forma, um espera consciente do diálogo estabelecido.

Este site é gratuito e possui uma estrutura especial em sua página com vários aspectos de enunciação digital: fóruns, blogs e fotologs, possibilitando aos usuários uma escolha da forma de comunicação que mais for relevante e prazerosa. Nesta atividade foi solicitado aos sujeitos da pesquisa que interagissem com os demais participantes que estivessem *online* da forma que possibilitasse uma melhor integração do grupo.

Com a finalidade de obtermos os dados da presente pesquisa, orientamos os informantes que, durante as conversações, eles poderiam utilizar livremente todos os recursos disponíveis no computador. Em outras palavras, o usuário ficaria em plenas condições de demonstrar toda sua habilidade e destreza com o teclado quando precisassem interagir pelo MSN, pelo Orkut ou pelos blogs. Também os alertamos a inserirem todas as ferramentas hipermediáticas que mais tivessem relação com o seu propósito comunicativo inicial. Para isso, explicamos que, após a conversação, cada sujeito “capturasse” uma tela que representasse a porta de entrada de sua comunicação.

Nas análises, os sujeitos informantes navegaram em três espaços conversacionais específicos a fim de “delimitar” os links no intuito de observar de forma mais cuidadosa os elementos constitutivos de nosso problema de pesquisa. Para efeito dessa análise, os próprios sujeitos optaram por navegar no MSN, no Orkut e no blog que mais se identificaram com seus propósitos comunicativos e interacionais.

3. ANÁLISE DOS DADOS

O objetivo deste capítulo é analisar os vestígios das formas de aquisição do letramento digital, mediante a observação do grau de desenvoltura dos sujeitos no uso das tecnologias de informação e comunicação, especificamente no tocante ao manuseio de computador e seus periféricos como mouse, impressora, scanner, câmeras para web e câmera fotográfica digital, assim como outros equipamentos eletro-digitais como telefone celular, aparelho de MP3 e similares. Interessa saber como tais sujeitos têm usado as diversas formas de linguagens (verbal, visual e sonora) no ambiente virtual conversacional *online*.

Para alcançarmos o propósito pretendido, pontuamos os aspectos que consideramos mais relevantes do processo de aquisição do letramento digital observados em nossos sujeitos-informantes, considerando os pressupostos de nosso problema de pesquisa. Dessa forma, optamos por analisar os diálogos entre os sujeitos nas três ferramentas mais utilizadas pelos adolescentes em suas conversações na internet: o MSN Messenger, o Orkut e os blogs.

A nossa análise é composta por duas partes interdependentes e articuladas. Procuramos analisar, através da aplicação de um questionário sócio-cultural, as características mais salientes evidenciadas no comportamento dos informantes para verificar a resposta ao nosso problema de pesquisa. Em seguida, procederemos a uma análise de trechos de interações nos gêneros digitais citados (Orkut e MSN) entre os informantes e assim tentar descobrir indícios que nos permitam conhecer como os jovens têm se apropriado do letramento digital. Em outras palavras, interessa-nos observar como se dá o manuseio das linguagens (verbal, visual e sonora) dos interactantes quando fazem uso de equipamentos eletrônicos em geral.

3.1 A análise do questionário sócio-econômico dos sujeitos-informantes

Como iremos explicitar mais a frente, os sujeitos selecionados para fazer parte de nossa pesquisa somam um total de dez (10) informantes que compõem nossa amostra restrita dos dezesseis (16) que compuseram a amostra ampla. Destacaremos, no entanto, apenas o

bloco de respostas de cinco (05) sujeitos que nos pareceram vinculados à nossa pergunta de pesquisa. Os gráficos abaixo buscam condensar informações sobre os sujeitos de modo a permitir um conhecimento geral acerca deles e estabelecer sua relação com o processo de aquisição do letramento digital.

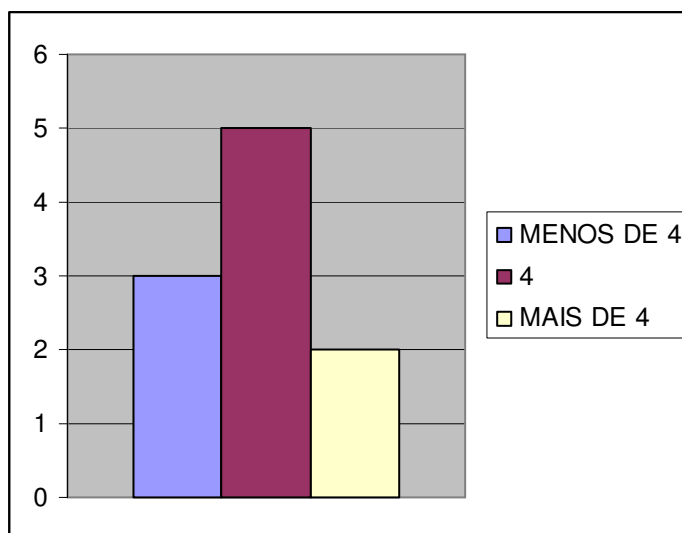
Segundo os dados presentes ao questionário, todos os sujeitos da nossa amostra restrita têm acesso ao ambiente da web, contas de e-mail ativas e possuem entre 13 e 15 anos de idade. O fato de os sujeitos possuírem e-mail indica que o desejo de identificação com os demais adolescentes de seu tempo, a necessidade de serem aceitos como membros de uma comunidade com a qual compartilham valores, desejos e expectativas explicariam esse grande interesse em dominar as ferramentas do mundo digital. Assim, as diversas possibilidades de percepção do mundo constituem uma realidade viva e presente no cotidiano dos jovens. Por isso, acreditamos que a escola pública constitui um espaço significativo para desenvolver nos adolescentes e jovens um processo de conscientização de que a inclusão social é também mediada pela democratização das múltiplas possibilidades de usos da(s) diferentes linguagens presentes no cotidiano das pessoas, sendo elas os beneficiários imediatos.

Ao chegar a uma faixa etária e a uma fase da vida que demonstram a busca pela autonomia de opinião e desejos, percebemos que os adolescentes se conscientizam de que os usos das linguagens circunstanciam espaços sociais diferenciados. Certamente essa consciência se dá pelas pressões dos apelos à socialização constante que sofrem os indivíduos e, em especial, os adolescentes. O fato de estudarem em escolas da Rede Pública de Educação inscreve nossos sujeitos numa trajetória de busca de melhorias para o ensino ao longo do tempo.

Em nossas observações, percebemos que o movimento de criação de um e-mail representa um ato de auto-inclusão e ao mesmo tempo de emancipação do recém-ingresso no mundo digital. A partir da abertura desta conta de correio eletrônico, o adolescente parece entrar em diálogo com o antes distante de sua vivência agora tão real, apesar da “presença” virtual. Assim, o e-mail inaugura um canal interativo com possibilidades de expressão de diversos sonhos que habitam no imaginário dos adolescentes e jovens. Em suas esferas de socialização, eles mesmos perguntam quase que “intuitivamente” se possuem e-mail e solicitam o endereço para com o novo conhecido estabelecer algum tipo de interação. Esse

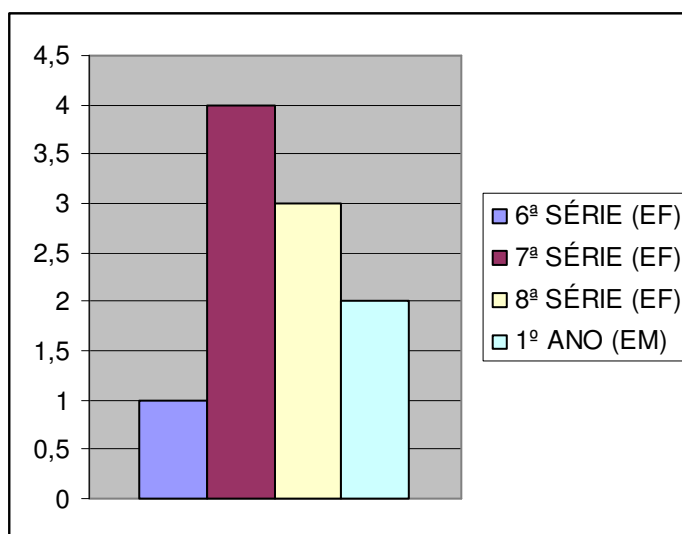
fato representa o espírito da época em que quem não tiver uma conta de e-mail estará alienado das relações virtuais e impossibilitado até de manter sua rede de relacionamentos presenciais.

Gráfico 01
(Quantas pessoas moram em sua casa?)



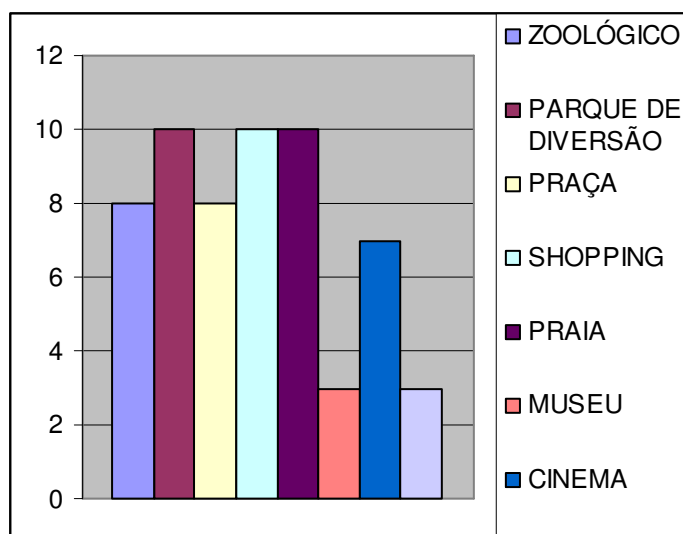
As famílias dos nossos sujeitos são compostas, em sua maioria, por aproximadamente quatro membros. Esse dado demonstra que está havendo um processo gradativo de diminuição dos integrantes das famílias brasileiras, considerando a presença de variáveis sócio-econômicas da atualidade. Com isso, situamos nossos sujeitos numa convivência familiar, em que pesem as dificuldades econômicas, numa sociedade detentora de uma consciência coletiva quanto a uma qualidade de vida diferente das gerações anteriores. Em outras palavras, as pessoas ultimamente têm optado por gerar menos filhos e proporcionar mais qualidade de vida para os poucos componentes da família. Certamente, isto tem sido consequência do aumento do acesso a informações sobre crescimento populacional, formas de controle de natalidade entre outras informações importantes. As tecnologias de informação e comunicação têm grande influência neste processo de mudança. A fartura de informação de um lado, a ampliação do acesso pelos meios eletro-digitais por outro, levam os adolescentes a descolarem-se dos pais cada vez mais cedo para conhecerem o mundo pela própria descoberta e pelas mãos dos amigos reais e agora virtuais. Com isso, tem ocorrido uma procura cada vez mais incessante entre os adolescentes em estabelecerem novas amizades e criar redes de relacionamentos. Nesse sentido, a Internet possui um caráter agregador de ordem positiva.

Gráfico 02
(Que série você está cursando agora?)



A maioria de nossos sujeitos estava cursando o Ensino Fundamental, especificamente o segundo e o terceiro ano do Ensino Fundamental II. Segundo podemos verificar ao longo da pesquisa, a faixa etária dos adolescentes facilitou o trabalho de observação. Outro fator que auxiliou as análises do comportamento lingüístico-interativo dos sujeitos foi, no momento da coleta dos dados, o fato de estarem cursando séries aproximadas. Isto permitiu comparar, sem maiores dificuldades, as ações comunicativas deles quando utilizaram os gêneros digitais. Pudemos observar, tal como iremos demonstrar posteriormente, que existe um *continuum* entre a série, a idade e, de uma maneira sutil, os usos de instrumentos lingüísticos e de linguagens diversas para a comunicação no ambiente digital. As questões principais que permeiam a maioria das cabeças dos adolescentes que compartilham de uma mesma comunidade de fala, aspirações profissionais similares e desejam por inserção social ainda que de modo virtual ficassem “impressas” nas marcas lingüísticas, imagéticas e sonoras deixadas em suas enunciações digitais quando utilizam a rede.

Gráfico 03
(Lugares que você já freqüentou pelo menos uma vez)



Sobre os ambientes sociais mais freqüentados pelos nossos sujeitos, chamou-nos a atenção o fato de o “Shopping” e o “Parque de diversão” ocuparem o topo da preferência deles. Entendemos até que ambos os locais se misturam em suas cabeças, sendo o shopping, na verdade, um lugar de compras e diversão por sua própria estrutura de lazer e opções de entretenimento. Embora pertencentes à classe menos favorecida economicamente e morando distante dos shoppings (haja vista que a comunidade Bola na Rede localiza-se na Zona Norte do Recife e cujo deslocamento ao mais próximo exige dois transportes coletivos), eles disseram freqüentarem constantemente esses lugares. A padronização dos hábitos, homogeneização dos costumes e uniformização dos valores a serem reificados, resultado do alcance indiscriminado dos conceitos e das ideologias veiculadas pela mídia (empresas de comunicação, indústria cinematográfica, publicidade universalizante, Igreja etc.), explicariam possivelmente a preferência e a freqüência de informantes com esse perfil a ambientes como esses.

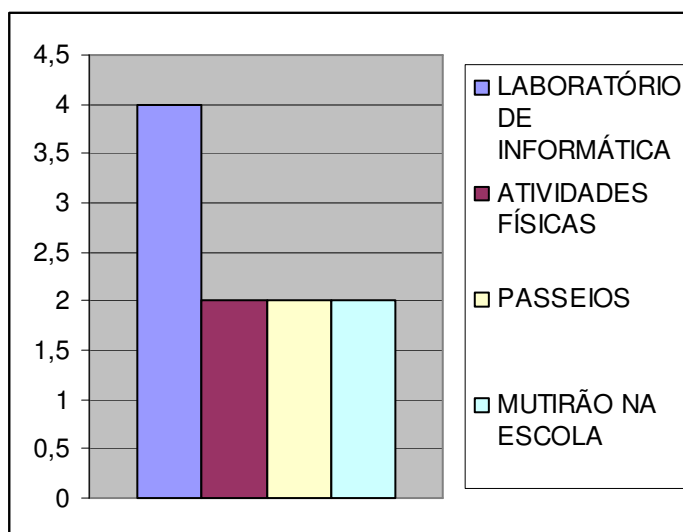
Uma razão explicitada por um dos informantes sobre a preferência por freqüentar Shoppings foi para manter contato com amigos. Segundo ele: “passar uma tarde no shopping é mais importante pelo contato com os amigos e amigas do que comprar produtos”. Isso de certa forma desmitifica a idéia muito comum alardeada pela mídia e reproduzida por leigos das novas tecnologias sobre o perigo de isolamento e solidão que sofreriam os usuários da internet. Os adolescentes, que estão crescendo com o acesso a formas diversificadas de comunicação, parecem ter intensificado os contatos físicos, em lugar de restringi-los, já que as

tecnologias digitais, além de ampliar a rede de relacionamento, alimentar os laços de amizade a distância, facilitam a marcação de encontros presenciais. Diríamos que o processo natural de socialização necessário a todas as pessoas, em particular aos adolescentes, não foi interrompido, nem restringido, pelo contrário, foi incrementado e aperfeiçoado pela introdução das novas tecnologias digitais de informação e comunicação em nosso cotidiano.

Ao assumirem uma identidade própria em gêneros digitais como Orkut, ferramenta de relacionamento que exige a construção de um perfil social, cultural e psicológico, o usuário aprende a lidar com as várias faces de si mesmo, inclusive pode forjar um “eu virtual” completamente diverso do “eu real”. De um modo geral, poderemos inferir que, além do calor do encontro presencial, os lugares freqüentados pelos adolescentes participantes de nossa pesquisa podem contribuir para ampliar a aquisição, checagem e verificação das diversas formas de usos da linguagem verbal refletidas no modo de enunciar digital quando conversam no MSN ou Orkut. Ambos os gêneros são determinados por contextos sócio-comunicativos e servem a propósitos comunicativos bem definidos pelos interactantes que usam a rede.

Gráfico 04

(Você gosta de participar de alguma atividade na escola?)

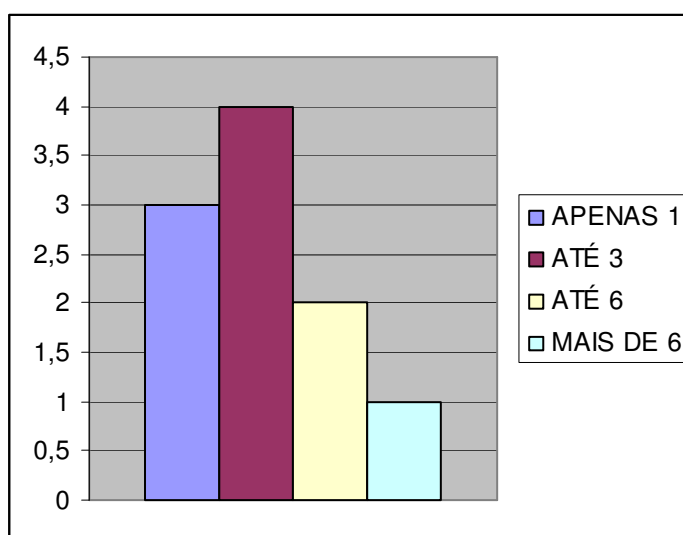


Ao indagarmos sobre quais atividades os sujeitos gostavam mais de participar na escola, a utilização do laboratório de informática representou o item mais recorrente. Esse dado revela-nos o fascínio que as novas tecnologias digitais de informação e comunicação exercem sobre essa geração. O que nos deixou preocupado foi o fato de que, embora as

atividades realizadas no laboratório gozem da preferência dos alunos entrevistados, em nosso período de coleta de dados, que durou aproximadamente 08 meses, não observamos um uso freqüente do laboratório de informática pelo corpo docente da escola. Ao se recusar a utilizar o laboratório de informática, acreditamos que os docentes frustram os alunos, pois qualquer atividade pedagógica naquele espaço parece-lhes mais motivadora, mais instigante e moderna do que no ambiente da sala de aula, além de transparecer diferente e fora das práticas pedagógicas comuns das diversas disciplinas. Os docentes, portanto, deveriam aproveitar esse entusiasmo dessa nova geração pelas tecnologias que, na verdade, podem ser grandes aliadas ao processo de aprendizagem de quaisquer assuntos nas diferentes disciplinas.

Segundo o gráfico acima, os sujeitos também escolheram atividades físicas e mutirão na escola como ações coletivas de que gostam de desenvolver. Isto pode significar um grande interesse que demonstram por eventos que envolvam contato com a natureza e que, sobretudo, integrem ao grupo de colegas e à comunidade da qual fazem parte e se sentem incluídos. O gosto pelos passeios coletivos organizados pela escola apontados por eles confirmam essa tendência.

Gráfico 05
(Quantos livros você acha que lê por ano?)

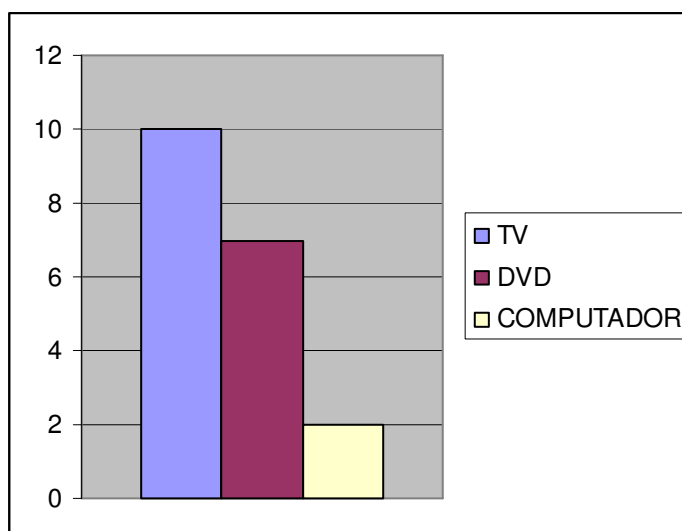


Despertar o gosto pela leitura representa, a nosso ver, uma das obrigações e compromissos da escola para com os alunos. Este quadro nos mostra que os sujeitos possuem uma quantidade pequena de livros impressos lidos no período de um por ano.

Aproximadamente 40% dos nossos informantes já leram pelo menos até três livros/ano. Esse baixo número de livros lidos denota uma situação muito presente nas escolas públicas.

Segundo os dados coletados na aplicação do questionário, os sujeitos lêem os livros no ambiente escolar mais por uma obrigação curricular do que por um ato da vontade ou como prática prazerosa. Entretanto, com o acesso à rede e aos gêneros digitais que eles têm se apropriado em suas navegações na rede, suas práticas de leitura e escrita neste ambiente são modificadas e passa a ser prazerosas.

Gráfico 06
(Na sua casa você tem:)



Os dados acima nos mostram que a maioria dos informantes possui aparelho de DVD, para exibição de filmes diversos. Contudo, quando foi perguntado se possuíam computador em casa, apenas 20% de deles afirmaram possuir um em casa. Esse dado indica que o espaço escolar representa uma oportunidade de acesso dos sujeitos ao mundo virtual quando utilizam o laboratório de informática da escola. Os nossos informantes apresentavam bastante interesse e disponibilidade quando do convite para participar da pesquisa, uma vez que iriam usar os computadores da escola, no primeiro momento para cumprir as atividades programadas em nossa pesquisa e posteriormente ficariam à vontade para navegarem livremente na rede depois de responderem aos exercícios propostos pelo pesquisador. O desejo por manusear as tecnologias ficava evidente em cada um dos sujeitos. A sensação de estarem incluídos digitalmente tornava-os interessados em contribuir com a coleta de dados do projeto. Dessa

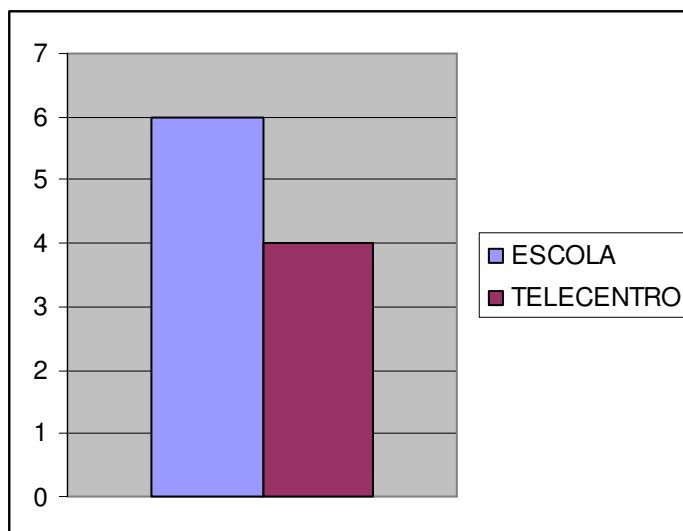
forma, percebemos o grau de consciência de nossos informantes quanto à importância de se incluírem cada vez mais no universo digital.

Não temos dúvidas de que dominar as tecnologias é a condição fundamental para a inserção de todo indivíduo na sociedade da informação. Em outras palavras, a inclusão digital exige que todos tenham grande familiaridade com as formas de funcionamento tanto dos dispositivos técnicos quanto com suas possibilidades expressivas e comunicativas que cada vez mais se ampliam e se sofisticam. Ao poderem acessar as informações na web, os sujeitos vão se inserindo numa comunidade que contribui com o processo de desenvolvimento da Cidadania. Assim, acreditamos que a inclusão gradativa dos sujeitos economicamente menos favorecidos nas práticas letradas da Sociedade da Informação poderá diminuir o fosso existente entre os cidadãos. Nesse aspecto, concordamos com Rouanet, quando afirma que:

sociedade do conhecimento deveria permitir que todas as camadas sociais , em todos os países do mundo, tivessem chances simétricas, asseguradas por processos democráticos, de âmbito tanto nacional quanto global, de participar da geração, processamento, transmissão e apropriação do conhecimento e das informações necessárias a esse conhecimento (ROUANET, 2002, p.14).

Defendemos que cabe à escola pública capitanear esse movimento de inserção digital, propiciando em seus espaços infraestrutura técnica adequada para a aplicação de atividades planejadas que têm como objetivo inserir o maior número de alunos possível matriculados em suas unidades de ensino. Seria uma das funções do sistema escolar fomentar experiências pedagógicas que possibilitassem a diminuição das assimetrias sociais e buscar corrigir as conseqüências excludentes do capitalismo global por meio de uma facilitação do acesso igualitário ao estoque universal de conhecimento.

Gráfico 07



Segundo o gráfico acima, o acesso aos computadores ocorre mais nas escolas. Nos telecentros do bairro onde residem os sujeitos-informantes também é acessado. Geralmente, o acesso aos computadores da escola ao ambiente *online* é facilitado pela instauração de algum projeto hospedado nas dependências da unidade de ensino, como, por exemplo, o Escola Aberta e o Enter Jovem⁵.

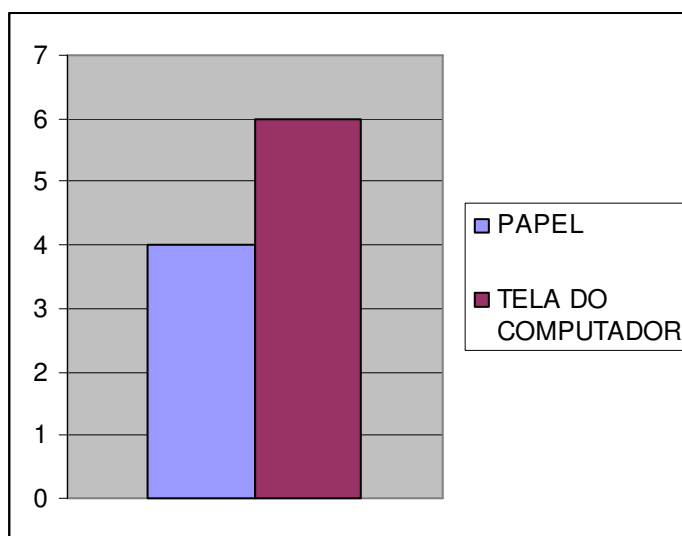
Verificamos, também, no curso da pesquisa que os adolescentes economizam seus poucos reais para poderem bancar seu acesso à Internet nas *lan houses* do bairro. Isso mostra o desejo de se inserirem nas ações habituais dos adolescentes do seu tempo, cada vez mais tecnologizados, principalmente os adolescentes de classe média e alta que têm desde cedo farto acesso a produtos eletro-digitaes como vídeo-games, DVD, celulares e computadores.

Para orientar o uso produtivo intelectual e educacional do computador, especialmente quando estiver conectado à Internet, é importante a escola abrir seus laboratórios para que esses garotos e garotas utilizem-no gratuitamente e com algum objetivo claro que os oriente nesta utilização. Não basta soltar os alunos no laboratório ou simplesmente deixá-los horas plugados na rede sem um direcionamento pedagógico, pois essa poderosa ferramenta que é o PC *online* pode revelar-se perigosa e prejudicial ao próprio adolescente.

⁵ O Escola Aberta é um programa do governo de Pernambuco que possibilita o acesso de adolescentes e jovens das comunidades às escolas estaduais aos finais de semana. Neste espaço é desenvolvida, também, a inclusão digital a partir dos “laboratórios” de informática. Já o programa Enter Jovem é uma iniciativa da escola em parceria com voluntários da própria comunidade que ajudam como monitores.

Um aspecto importante é a escola possuir esses projetos no seu interior que possibilitem aos seus alunos reconhecerem esse espaço escolar como oportunidade de acesso à rede, contribuindo, assim, para a criação de uma ambiência para o uso e a permanência dos alunos na escola. Essa prática contribui, a nosso ver, para uma identificação do alunado com a instituição escolar, pois possibilita uma inserção mais efetiva dos adolescentes e jovens na comunidade escolar.

Gráfico 08
(Você prefere ler no papel ou na tela do computador?)



O gráfico 09 nos mostra que aproximadamente 60% dos entrevistados informaram que preferem a leitura na tela do computador em relação à leitura no suporte tradicional do impresso. Defendemos, nesta pesquisa, que a leitura no ambiente digital propicia uma dinamicidade maior que o texto impresso, colaborando, dessa forma, para o processo da compreensão. Segundo 40% dos sujeitos pesquisados, a prática da leitura no texto impresso faz parte de seu cotidiano. Essa opção relaciona-se com a forma de o leitor se apropriar do texto na maioria das práticas sociais de leitura desenvolvidas na escola. Geralmente, o texto impresso é mais estático, sua leitura é mais restrita às complementações previstas no texto, ou seja, às referências a serem consultada, caso o leitor queira ou precise para esclarecer determinados pontos da discussão em andamento.

Lendo o texto na tela do computador, o usuário tende a clicar nos links que o levarão a outras páginas da web que poderão abrir-lhe horizontes de conhecimentos de modo mais

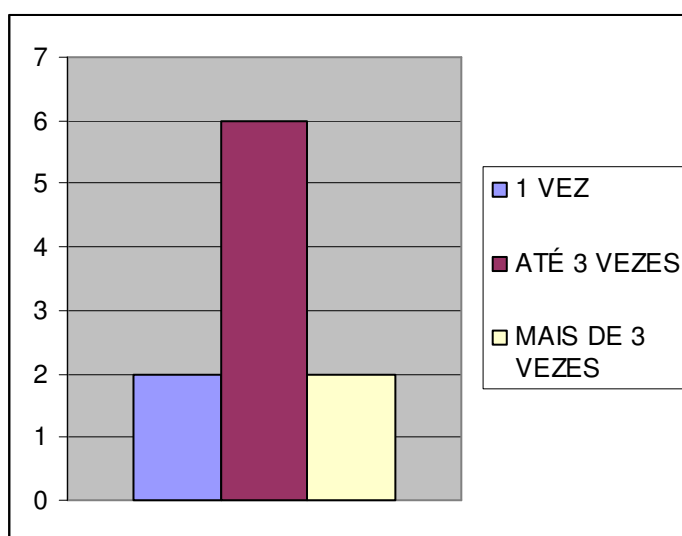
rápido e fácil se comparado à leitura no impresso. No PC *online*, o usuário fica aberto para interagir com outros hipertextos vinculados, favorecendo, a nosso ver, a uma compreensão mais ampliada da temática em pauta.

Acreditamos que a preferência por ler na tela se dê também por causa do prazer de utilizar os gêneros digitais que têm propiciado aos adolescentes conhecer e interagir com pessoas, falar de si mesmo e descobrir sozinhos um mundo novo de informações sobre os mais diferentes temas e pessoas. Por outro lado, os dados desse quadro nos levam a questionar se eles não têm ignorado os outros gêneros textuais, se têm se negado a ler livros de vários tipos que também são importantes para sua formação enquanto cidadãos.

Percebemos que nossos informantes evidenciam seu grau de letramento digital quando lêem e escrevem durante as diversas interações que mantêm com outros sujeitos. Na trajetória da hiperleitura realizada pelos nossos sujeitos, observamos um aumento na capacidade de armazenamento dos dados, mais rapidez na produção de respostas, bem como a presença de recursos que deixam o discurso pela web mais atrativo, tais como os *emoticons*, os *winks*⁶ e até mesmo vídeos inteiros podem ser anexados. A multiplicidade de recursos semióticos, a flexibilidade de edição e a rapidez no envio ampliam a expressividade dos usuários dos gêneros que circulam na internet e são construídos coletivamente.

Gráfico 09

(Com que frequência você utiliza a sala de informática da escola na semana?)



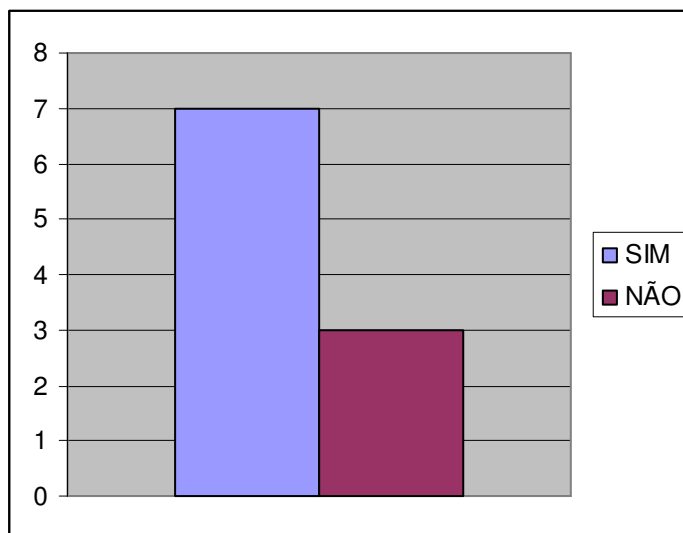
⁶ Os emoticons são figuras em forma de face que expressam as “emoções” dos interactantes nas conversações online. Já os Winks são figuras caricaturadas presentes no MSN que possuem movimento e som e são incluídas nos diálogos entre os participantes de uma interação digital.

A sala de informática para a maioria dos nossos sujeitos é utilizada até três vezes por semana. Geralmente, quando os docentes das diversas disciplinas atendem os anseios dos alunos para fazerem uso da sala, não conduzem a ocupação do espaço com um planejamento e uma situação didática específica em relação aos usos da tecnologia como ferramenta pedagógica. Na maioria das vezes, segundo depoimentos dos sujeitos, os docentes deixam os alunos fazerem pesquisas com os assuntos relacionados a suas respectivas matérias, sem quaisquer orientações mais detalhadas e nem a devida cobrança e *feedback* posteriores.

Durante a utilização da sala de informática, aos alunos são dadas apenas regras de uso a fim de preservar tecnicamente as máquinas. Há também alertas sobre acesso a determinados “sites perigosos”, revelando uma navegação quase “panóptica”, no sentido foucaultiano do termo. Esse dado registrado pelos nossos sujeitos indica que a escola necessita treinar mais seus docentes para usarem mais freqüente e produtivamente a sala de informática da escola, tornando-a, efetivamente, num laboratório para novas aprendizagens. Acreditamos que a aproximação do laboratório de informática da escola dos alunos seria mais um atrativo para seduzir os alunos a se interessarem pela necessária aventura que é aprender.

Gráfico 10

(Usa o computador também na *Lan House* do bairro?)



Como podemos observar no gráfico acima, mais da metade de nossos informantes responderam que utilizam o computador mais nas “*lan houses*” do bairro do que em outro lugar, inclusive fora da escola. Apenas 30% de nossa amostra informaram que não costuma utilizar os telecentros do bairro. Não obstante quaisquer dificuldades maiores, a maior parte

de nossos sujeitos, através de recursos próprios, acessam as ferramentas da web, especialmente àquelas relacionadas com as interações. Quando não o fazem na escola, fazem nos espaços privados que alugam PCs para vários fins, inclusive, navegar na rede. Segundo uma enquete realizada pelo Jornal do Commercio⁷, um dos motivos que levam os adolescentes e jovens acessarem as “*lan houses*” está relacionada ao preço, à comunidade a qual pertence e querem se sentir membros dela, bem como a possibilidade de jogar em rede, ou seja, manter relações interativas com outras pessoas.

Tabela 1

Para você, qual a vantagem de acessar a internet por uma lan house?		
Preço acessível	112	57%
Privacidade	012	06%
Possibilidade de jogar em rede	026	13%
Grande número de estabelecimentos	019	10%
Comodidade	028	14%
Total	197	100%

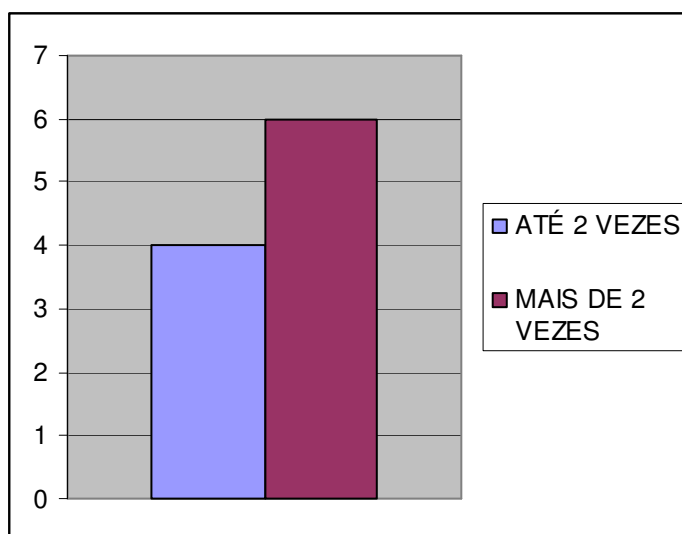
A diretora executiva do instituto de pesquisa Ibope/NetRatings, Fábiana Juliasz, afirmou em entrevista ao Jornal do Commercio⁸, que o acesso dos recifenses a esses espaços é impressionante. Segundo ela, o Recife detém o recorde nacional de acesso público à internet. “Cerca de 55% dos recifenses entram na internet de espaços públicos. É o maior índice do País”, afirmou.

Segundo os dados fornecidos pela diretora, os acessos dos recifenses são semelhantes aos registrados em nossa coleta de dados com os sujeitos de nossa pesquisa, os quais fazem parte do universo pesquisado e registrado no Gráfico 13. Ela disse que: “cerca de 20% dos usuários que acessam de lugares públicos o fazem uma ou duas vezes na semana”.

⁷ Jornal do Commercio, Economia. DEMOCRACIA DIGITAL: o computador chega à favela de 18.11.2007.

⁸ Jornal do Commercio, 27 de fevereiro de 2008.

Gráfico11
(Quantas vezes por semana você utiliza a *Lan House* do bairro?)



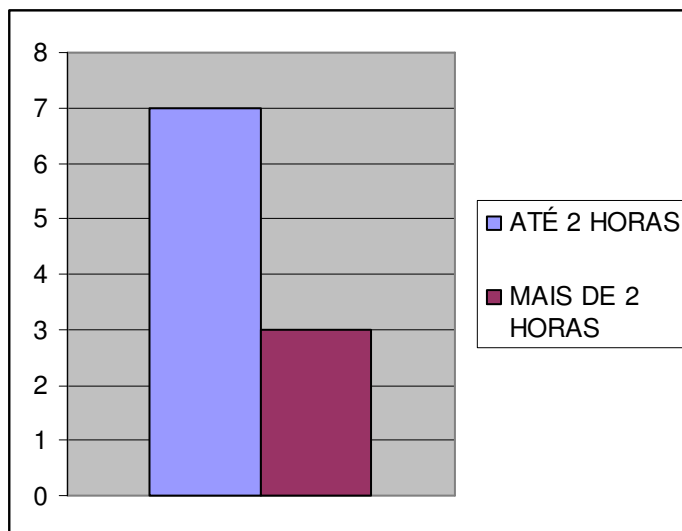
Neste gráfico, nossos sujeitos afirmaram, em sua maioria, que utilizam as *lan houses* (optamos por designar em nossa pesquisa esses espaços como Telecentros, como citado anteriormente)⁹ do bairro pelo menos mais de duas vezes por semana. Uma das questões que mais influenciaram esse dado diz respeito à facilidade e ao custo do acesso. Contudo, provavelmente por questões de ordem econômica, uma parte significativa da amostra utiliza a *lan house* apenas uma vez por semana. Daí a necessidade de o espaço escolar desenvolver estratégias pedagógicas para atender essa demanda de adolescentes e de jovens que compõem o corpo discente.

No interior dos telecentros, nossos sujeitos afirmam que passam a maior parte do tempo em conversações e interações nos sites de relacionamentos, como fora observado acima no gráfico 12. Mas, a possibilidade de acesso aos bens culturais de uma forma equânime certamente favorece a compreensão e a vivência do sentido da palavra cidadania que em geral permeia os anseios da juventude.

⁹ O conceito de Lan House foi inicialmente introduzido e difundido na Coréia em 1996 (1998 no Brasil). <http://www.lanhousing.com.br/lanhouse.htm> (página acessada em 20/01/2009).

Gráfico 12

(Durante quantas horas, por acesso, você utiliza o computador da *Lan House*?)



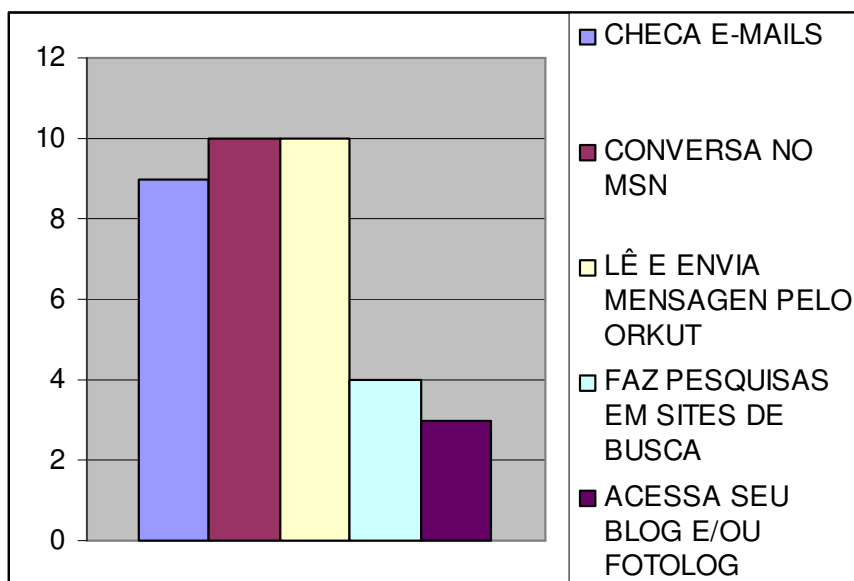
Cerca de 80% dos sujeitos da pesquisa acessam à rede até duas horas todas as vezes que vão às *lan houses*. Como assinalamos entre outros comparativos, o tempo gasto com o acesso possui uma relação direta com a renda que os usuários possuem. Como a maioria dos informantes não trabalha as possibilidades de obtenção de renda para essa finalidade ficam restritas aos valores cedidos pelos pais e/ou parentes. Aliada a essa possível causa, está a da praticidade e da quantidade necessária das informações compartilhadas no ambiente. Segundo declarações dos sujeitos da pesquisa, uma hora de conversação no ambiente *online* é muito maior comparativamente às diversas interações realizadas presencialmente.

Esse tempo de acesso indica que os sujeitos consideram que interações *online* são relevantes para o processo de inserção num mundo de novidades e de perspectivas diferentes, pois a cada acesso os assuntos são tomados num *continuum*, como veremos adiante.

Foi publicada uma pesquisa no Jornal do Commercio de 27.02.2008 que revela o tempo médio de uso da internet por pessoa conectada. O Brasil tem o maior tempo médio de acesso à Internet. São 23 horas e 12 minutos por mês. Duas horas e 12 minutos a mais do que em janeiro de 2007. Quase 20 milhões de usuários gastam, em média, cinco horas e 48 minutos em comunidades virtuais, portais e buscadores, segundo o estudo. Outros 19 milhões de usuários passam cinco horas e 19 minutos em serviços de internet e telecomunicações. Os franceses permanecem 21 horas e 38 conectados todo mês. Já nos Estados Unidos, a média é

de 20 horas e 39 minutos, enquanto na Austrália é de 19 horas e 13 minutos. Como vemos, os brasileiros independentemente de classe social estão utilizando cada vez mais essa ferramenta de comunicação e conseqüentemente interagindo com pessoas diversas.

Gráfico 13
(O que você mais faz quando usa o computador?)



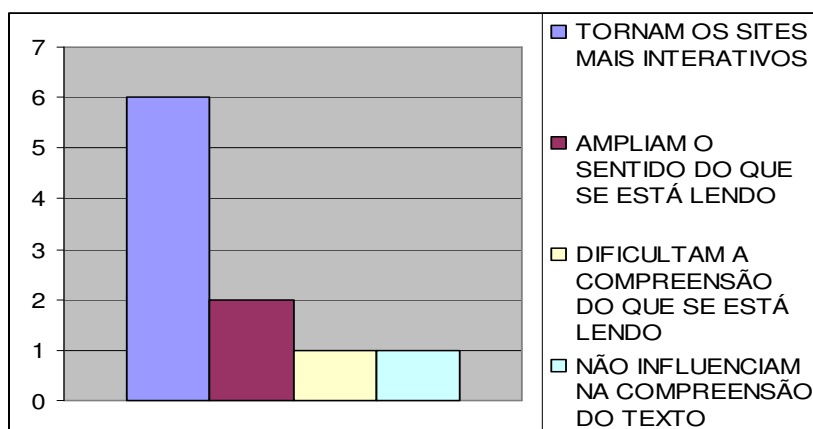
Segundo informações dos sujeitos, a utilização do PC é guiada por uma série de atividades que eles dão significado no espaço conversacional. Na maioria dos dados coletados, os sujeitos informaram que conversam mais no MSN e lêem e enviam mensagem pelo Orkut. Mesmo com essa vantagem dos sites de relacionamento, o e-mail ainda foi citado por uma parte significativa dos entrevistados, apesar deste vir perdendo certo espaço entre os sujeitos pesquisados, pois, na atualidade, sites de relacionamentos já desempenham funções semelhantes a do e-mail, provocando, dessa forma, a sua paulatina subutilização pelos usuários, especialmente entre os mais jovens. Ao fazer uso dos sites de relacionamentos, os entrevistados informaram que o prazo de resposta é mais rápido em relação ao do e-mail. Uma parte dos entrevistados informou que também fazia pesquisas em sites de busca e acessava blogs. Todavia, essa atividade, na maioria das vezes, é provocada por alguma tarefa escolar exigida pelo professor para complementar o conteúdo de determinada disciplina. Assim, nesta pesquisa, inferimos que a maior parte do tempo que os sujeitos fazem uso da rede representada pela quantidade de acessos aos sites de relacionamentos, especialmente quando estão em comunidades e salas de bate-papos.

Diante desses dados, percebemos que a característica que faz com que os adolescentes e jovens migrem de um recurso para outro está relacionado com a aceleração das mudanças que ocorrem no ambiente em se tratando das facilidades dos processos comunicativos. Entendemos que a dimensão da funcionalidade comunicativa constitui um elemento indispensável nas escolhas dos sujeitos pesquisados por determinados recursos na web. A instantaneidade dos comunicadores, a nosso ver, vem cativando os sujeitos de forma progressiva em suas práticas interativas. A praticidade, junto com a facilidade de acesso e a certeza de que a mensagem foi lida são algumas das vantagens que surgiram com a prática conversacional do Orkut e do MSN pelos sujeitos pesquisados. Um elemento importante na utilização desses comunicadores instantâneos, segundo os sujeitos pesquisados, é a presença de um recurso chamado “Scrap”¹⁰, o qual possibilita aos usuários saber se a mensagem foi realmente lida pela outra pessoa, além de estabelecer um aspecto de continuidade temática.

Percebemos que os adolescentes e jovens se encontram mais facilmente nesses espaços de comunicação instantânea mediados por uma linguagem com marcas específicas, como veremos adiante. Apesar de que parte dos sujeitos entrevistados utilizarem mais freqüentemente os comunicadores instantâneos nas suas conversações, como assinalamos acima, o e-mail, como pudemos observar no gráfico 14, ainda é utilizado por parte dos entrevistados. Nesse sentido, podemos inferir que as formas de comunicação *online*, assim como acontece também com as tradicionais, não desaparecem definitivamente das práticas dos indivíduos. Elas são reconfiguradas continuamente a partir de seus novos usos.

Gráfico 14

(Você acha que links, figuras, imagens e sons, presentes na navegação:)



¹⁰ O termo *scrap* se refere a postagem de recados por parte dos usuários em perfis de terceiros. A maior parte desse recurso pode ser encontrada no Orkut.

Aproximadamente 60% dos entrevistados afirmaram que as imagens tornam os sites mais atrativos e interativos. Em nossa pesquisa, verificamos que quando os sujeitos fazem uso das imagens, na maioria das vezes, é para estabelecer associações semânticas entre os textos produzidos. Na sua maioria, esses recursos são compartilhados pelos usuários durante o curso das conversações. Ao utilizarem com certa frequência os links durante as conversações, os sujeitos analisados indicam uma opção por uma linguagem que possibilita a mesclagem de outras formas de comunicação na construção dos sentidos. Quando as imagens estão em movimentos nas conversações dos sujeitos analisados, elas dão uma plasticidade e dinamicidade em seu conteúdo, contribuindo, dessa forma, para um processo de construção de sentido dos enunciados construídos no ambiente *online*.

Cerca de 20% dos sujeitos pesquisados acreditam que os recursos presentes na navegação (links, figuras, imagens e sons) possibilitam a ampliação do sentido do texto que estão produzindo e lendo. Com isso, as categorias abstratas que são materializadas no hipertexto, como por exemplo, as imagens, gráficos, mapas, com o recurso do movimento e do som, são percebidas mais facilmente pelo leitor-navegador. Nesse aspecto, acreditamos que o hipertexto vai potencializar a emergência e o desenvolvimento de possíveis habilidades cognitivas e, sobretudo poderá desencadear o desenvolvimento de diversas habilidades metacognitivas de compreensão na leitura a partir da superfície textual da tela do PC.

Neste aspecto, percebemos em nossa pesquisa que as imagens quebram a linearidade do texto para os usuários *online* com mais facilidade. Um aspecto importante de se frisar é que as páginas em movimento, em sua virtualidade, em decorrência de sua própria natureza, vão apresentar imagens que conduzirão o leitor-navegador a diversos links (pontes semânticas), a partir de seu caráter dinâmico. Toda essa realidade torna o processo de leitura bastante interativo, pois dá ao leitor-navegador várias possibilidades de caminhos no ambiente digital. Dessa forma, defendemos que o significado de um texto no ambiente *online* é reconstruído continuamente, pois ocorre, numa busca da coerência textual uma hibridização entre os conhecimentos prévios do leitor e as partes discretas de um hipertexto devidamente selecionadas e organizadas pelos usuários.

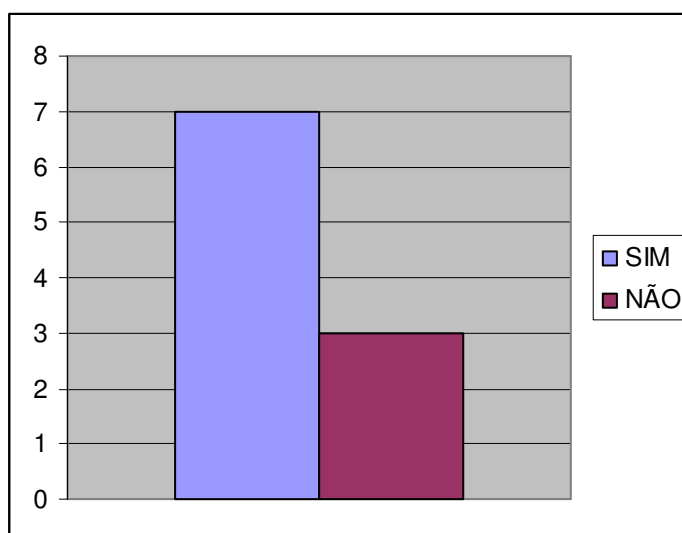
Segundo Lévy:

enquanto dobramos o texto sobre si mesmo, produzindo assim sua relação consigo próprio, sua vida autônoma, sua aura semântica, relacionamos também o texto a outros objetos, a outros discursos, a imagens, a afetos, a toda a imensa reserva flutuante de desejos e de signos que nos constitui. (LÉVY, 1996)

Na amostra com os pesquisados, verificamos em seus depoimentos que a utilização dos recursos acima descritos possibilita a instauração de um processo de sedução do leitor pela forma dinâmica como o conteúdo no ambiente virtual é apresentado. É importante destacar que em se tratando da utilização de imagens acreditamos que provavelmente a sua inserção no texto possui uma intencionalidade ao relacioná-las com as informações disponíveis nos hipertextos. Às imagens é creditada a dimensão plástica do processo de leitura e escrita que acontece, primeiramente, na cadeia cognitiva do leitor, para em seguida ser externalizada textualmente. Assim, acreditamos que a construção dos possíveis sentidos e significados dos enunciados *online* acontece num processo contínuo de domínio dos recursos lingüísticos, imagéticos e sonoros presentes no ambiente.

Gráfico 15

(Você costuma usar emoticons em e-mails, blogs ou fóruns eletrônicos?)



Em nossa pesquisa, constatamos que a utilização de emoticons representa uma prática constante entre os sujeitos nos espaços de interação *online*. Aproximadamente 70% de nossa

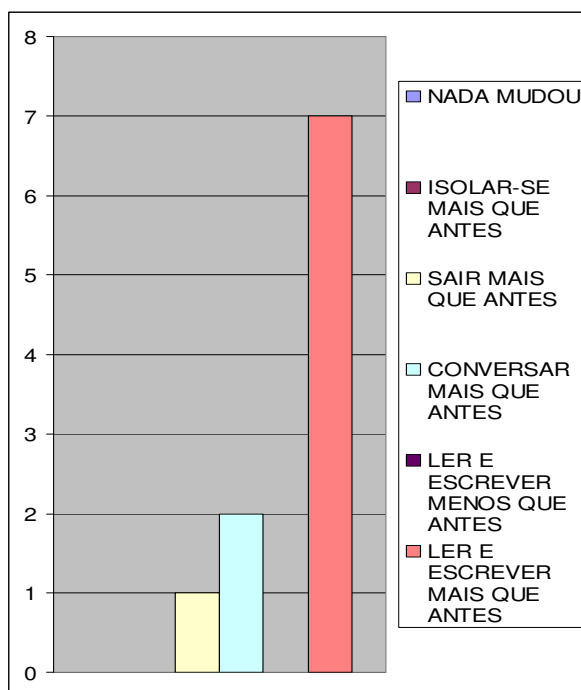
amostra utilizam esses recursos nas suas conversações. Esse dado possui relevância para nossa análise em virtude de evidenciar nos enunciados marcas simbólicas na construção dos sentidos dos textos. Assim, podemos inferir que a comunicação no ambiente digital possibilita a inclusão desses recursos como forma de estabelecer uma interação mais completa. Nesse aspecto, os sujeitos da pesquisa indicam, na apropriação e no uso dos emoticons, uma aquisição de uma linguagem que evidencia estratégias cognitivas de uma natureza dinâmica, pois, este espaço enunciativo tais recursos são constantemente ressignificados.

Nossa natureza humana propicia utilizarmos em nossas conversações elementos simbólicos construtores de sentidos. Nesse aspecto, somos usuários e analistas dos símbolos que estão presentes nos múltiplos espaços interacionais. Assim, o novo modo informacional de desenvolvimento privilegia a tecnologia de geração de novos conhecimentos, de processamento da informação e de comunicação de símbolos como condição de inserção dos indivíduos na vida social. Compreendemos, dessa forma, que, ao dominarem os códigos da comunicação, os indivíduos garantem o acesso e a participação na vida em sociedade, pois compartilham a visão de que os grupos de pessoas excluídas são gerados por mudanças de caráter sociais, culturais e tecnológicas.

Para Assmann (1998), a alfabetização é caracterizada como a possibilidade das pessoas utilizarem suas habilidades cognitivas em busca de uma criatividade que as insira em diferentes contextos cognitivos da sociedade atual. Assim, a exclusão de parte da população às formas de comunicação no ambiente digital está mais relacionada com a incapacidade de lidar com os dispositivos e estratégias na cotidianidade das pessoas, do que o simples acesso aos instrumentos informáticos. Será a partir do uso consciente dessa linguagem que poderemos constatar a emergência de novos contextos cognitivos. Existem na atualidade, contextos cognitivos característicos da sociedade de hoje que habilitam aos usuários interagirem com mais eficácia. Para isso, fazem uso de processos comunicativos específicos, como filtrar, selecionar, interpretar os dados disponíveis. A aquisição dessas estratégias representa habilidades necessárias e vitais para a sobrevivência no mundo informacional.

Gráfico 16

(O que passou a fazer com mais frequência depois que começou a utilizar a internet?)



O gráfico 16 mostra-nos que cerca de 70% dos entrevistados informaram que ao acessarem a internet, passaram a ler e escrever mais que antes. Aproximadamente 20% dos sujeitos afirmaram que houve um aumento da conversação após experimentarem os acessos *online* da *web*. Dessa forma, corroboramos com a idéia de que a leitura na internet propicia uma dinamicidade maior que o texto impresso, colaborando para o processo da compreensão textual, e, sobretudo, alimentando o desejo de produzir textos para aumentar suas intervenções no ambiente. As características da leitura no texto impresso estão relacionadas com a forma de o leitor se apropriar do texto, condicionadas pela limitação do suporte. Acreditamos que, apesar de alguns recursos estilísticos do impresso possibilitar uma interação no suporte, o texto produzido no ambiente *online* possibilita uma interação maior com os possíveis leitores face à dinamicidade da leitura ser de outra ordem, especialmente, por propiciar, em alguns casos, como uma conversa em sites de relacionamentos, um retorno imediato. Geralmente, o texto impresso é mais estático, sua leitura é mais restrita às complementações previstas no texto, ou seja, às referências.

Lendo pela internet, o usuário “quebra” a leitura impressa e abre diversas possibilidades para interagir com outros textos relacionados, favorecendo a uma compreensão mais ampliada do tema. Os sujeitos da pesquisa reconhecem que ocorre um despertar pela

leitura e pela escrita a partir dos usos que fazem da internet, pois ocorre uma mudança paradigmática dos modos de leitura e escrita tradicionais.

A forma de ler na tela carrega em si características semelhantes à leitura antiga nos rolos: ocorre a rolagem na tela, remetendo o leitor a outros espaços de leitura. Defendemos, em nossa pesquisa, que os conceitos já consolidados na cultura do impresso estão passando por diversas reformulações e ressignificações conceituais e práticas. Acreditamos que uma das diferenças na leitura dos textos postados e produzidos a partir do suporte da Internet seria a capacidade de haver a interatividade e a interconectividade como condições que modificam substancialmente a leitura em relação aos modelos impressos, possibilitando, uma análise qualitativa diferenciada em relação aos modelos tradicionais.

Defendemos que, ao lerem e produzirem textos no ambiente digital, a capacidade de armazenamento dos dados, aliada a sua mobilidade e rapidez na produção e divulgação, bem como às constantes atualizações dos conteúdos, os usuários da pesquisa apresentam, pois, vantagens de produção textual em relação ao modelo clássico do texto impresso. A leitura *online*, dessa forma, é guiada pelos aspectos da multiplicidade, da flexibilidade e na diversidade de estruturas pelos os quais os dados encontrados serão adaptáveis às opções semânticas dos usuários. Os critérios do texto impresso - distinção, classificação e hierarquização dos discursos - são fragmentados no ambiente dos textos *online*.

3.2 A Análise das Enunciações Digitais

Iremos, a seguir, no presente capítulo, analisar algumas das interações realizadas pelos sujeitos mais significativas para a nossa pesquisa. Procederemos à observação a partir de nossas hipóteses de pesquisa, bem como verificar como os sujeitos desempenham suas habilidades nos diversos usos da linguagem nos variados gêneros digitais, confrontando, na medida do possível, com as respostas do questionário acima descrito através dos gráficos. As categorias de análise estão organizadas a partir de duas orientações. A primeira relaciona-se em pontuarmos como nossos sujeitos reconfiguram as partes constitutivas do texto verbal. A segunda, complementando a perspectiva da anterior, vai conduzir a análise na percepção de

como os sujeitos mesclam as diferentes linguagens na superfície da tela. Analisaremos, também, como os sujeitos agregam diferentes modos de enunciação para executar seus propósitos comunicativos.

Durante muito tempo, os alunos da Rede Pública de Ensino, de um modo geral, apenas ouviam falar em internet. Quando possuíam algum dinheiro, até a acessavam, nos telecentros privados de informática, mas seus acessos eram limitados em relação a outros recursos disponíveis (bate-papos, chats, pesquisas escolares etc). Existia um “fosso” entre os estudantes de estabelecimentos particulares e os da escola pública, que possuem, em sua maioria, micro em casa, laboratório de informática à disposição em seus colégios, dinheiro para freqüentar os telecentros entre tantos outros recursos, ocasionando, dessa forma, uma nítida separação entre os grupos sociais. Gradativamente, esta realidade vem mudando.

Ao fazer a escolha lexical típica do ambiente *online*, os sujeitos apresentaram em suas conversações traços e marcas da oralidade. Todavia, também foram incluídas no diálogo entre adolescentes palavras mais elaboradas, bem como expressões coloquiais do dia-a-dia.

É interessante assinalar que as frases, mesmo sendo muito resumidas e, por vezes complexas quanto ao código, carregam um tom de completude, ou seja, seu sentido é apreendido pelos sujeitos a partir da velocidade das respostas. Nesse sentido, a fragmentação das palavras não compromete a sua compreensão por completo, caracterizando, neste aspecto, um traço da oralidade quanto a necessidade das retomadas das palavras. Nas interações dos sujeitos participantes da pesquisa, a(s) idéia(s) contidas nos diversos turnos interacionais são, a nosso ver, “semi-conclusas”, pois necessitam de uma interrogação final como marca da continuidade do diálogo. Com isso, percebemos que o contexto, aliado à dinâmica do ambiente, quando efetivamente assimilado pelos adolescentes, cria uma ambiência para a compreensão das informações compartilhadas pelos sujeitos.

Em nossas observações, como veremos adiante, em relação à produção textual dos sujeitos, as abreviações são partes constitutivas do processo de domínio das linguagens no ambiente digital. Os indivíduos grafam as palavras de formas diversas. Dessa forma, quando se observa a inserção nas conversações de abreviaturas, a percepção inicial é a de que existe uma recorrência mais intensa. A conversação em ambiente virtual não constitui uma inovação

exclusiva iniciada a partir da emergência das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), segundo Valente (1999), Moran (2000).

A dinâmica desta atividade consistiu em possibilitar aos sujeitos da pesquisa uma interação junto a outras pessoas *online*, sendo observados pelo pesquisador por quais razões os sujeitos utilizam a capacidade hipermidiática em agregar modos enunciativos peculiares no ambiente digital da conversação.

Para Bakhtin (2004), a comunicação verbal não se restringe apenas à palavra dita, mas também às expressões, os gestos, os olhares, pois o extraverbal fala tanto quanto o verbal. Na interação os interlocutores utilizam recursos como os *emoticons* ou abreviações (rs, bjus, adoruuuu, snif etc), por exemplo, com o objetivo de representar, durante o diálogo, as manifestações discursivas que ocorrem normalmente numa situação de conversa face a face.

A característica do hipertexto mais perceptível nas interações *online* dos sujeitos da pesquisa foi a hibridização dos signos verbais, dos sons, das imagens e ícones dinâmicos. A simplificação semântica ocorreu quando os interactantes fizeram uso de um estilo comunicativo simples e informal, a fim de tornar a conversação dialogal, ou seja, compartilhada entre os sujeitos. A “economia” lingüística existente nas enunciações digitais estabelece, conforme podemos constatar nas tabelas um processo de comunicação que insere os sujeitos em práticas sociais específicas da atualidade. Antes de indicar uma “violação” ao código, o uso de abreviaturas denota uma compreensão da dimensão fonética como característica relevante para a comunicação: (é=eh, não=naum). Baseado nos pressupostos teóricos de Marcuschi (2002), são as situações sociais particulares que exigem dos usuários certas realizações lingüísticas as quais fazem parte de uma estrutura comunicativa de determinadas comunidades. Daí percebermos em nossa pesquisa que os sujeitos demonstram possuir esse entendimento ao mesclarem nos espaços enunciativos várias formas de linguagens.

A fim de estruturar melhor a análise das enunciações *online* dos nossos sujeitos, organizamos as conversações a partir dos espaços digitais que optamos na presente pesquisa, conforme a tabela abaixo. Entretanto, a fim de não sermos redundantes nas análises, optamos por analisar as intervenções de dois sujeitos da amostra de cinco disponíveis em nossa coleta.

Tabela 2 - Enunciações digitais (sujeito 1)

MSN	ORKUT	BLOG
Tela 1 Dix kra  Tela 2   Pra vc um  e 	Tela 4(scrapbook) olha só esse rekdo ficou da hora obg vc eh uma gracinha!!bjuuuussss!	(tela 5.1: show do Tom) Eu espero que volte sim para as tardes de domingo pq e o melhor horário de se ver tv! Tela 5.2: tela inicial do show do Tom

Tabela 3 - Enunciações digitais (sujeito 2)

MSN	ORKUT	BLOG
(tela 7). R:reproduzir fedido(cf. Vèron:lgm da produção e da reprodução)  esse e seu amo .B:seja feliz com ele; e esse e meu  amor .R:obriga(emoticom)o Tela 8 R:vc gosta mesmo  e bob .B:o meu relacionamento está ótimo; e eu gosto dele e vc gosta mesmo de Fernandinho R:claro que sim B:entao siga o seu coração R:obrigao amiga Tela 9 B:  vc esta feliz? Porque R: sei la  B:  por vc ã saber R:blz B:então  R:vc estava a onde ontem  R :em casa	www.RecadosAnimados.com Obg eu também te amo meu amor bjssssssssssssss te amo nunca duvide	Oi meus amorecos (blog de Ivete Sangalo) Ivete amour!! naum vejo a hora de te ver bem de pertinho, vai ser tudoo de baum(emoticom de alegria) beijoo's te amo sempriiii...

Tabela 4 - Enunciações digitais (sujeito 3)

MSN	ORKUT	BLOG
(tela 13) D:Oiiiiiiiiiiiiii tambem D:  H:E o  vc ta bem 	(tela 16) D: hmm tô lgda D:boa pow agente marca mas só depois das provas dessa semana(emoticom alegria) Bj D: HAHAUSAHUSAHSU Fiz sim pow, a minha rpova foi boa tebho absoluta certeza q eu pasei :D	D: esses blogs são de alta qualidade e 5 estrelasss!!

	E a tua foi boa? D: Hmm ...") D: Lembrei sim, olha chegou em casa bem? Foi muiitoo massa o PE pow, vi Strike e Nx zero bem de perto Tbm qro ser sua amiga,bjs D:Naum naum, sim vc mora onde? Me conhece de onde? Naum add e nem acc povo q eu num conheço. D:Oiee...vc me add mas eu naum estou lembrada de vc tbm sme foto neah, vc qr minah camera emprestada? Ops desculpe...kkkkkkkkkkkkkkk Xauzinho.	
--	--	--

Tabela 5 - Enunciações digitais (sujeito 4)

MSN	ORKUT	BLOG
Rebeca. diz: Eiii Rebeca. diz: propaganda do festival eh Rebeca. Diz hauhauhauhau' felipe diz: naum nem deu beka! 'Rebeca. diz: hauhauhauhau l 'Rebeca. diz: felipe diz: tu vai mesmo né? pro pe? 'Rebeca. diz: vou neah 'Rebeca. diz:]tru axa q eu vou perder felipe diz: blz! felipe diz: eu vou pq quero ver nx! felipe diz: e tu quer ver quem? felipe diz: depoiseu quero as musicas ta? felipe diz: depois felipe diz: fala ai felipe diz: 'Rebeca. diz: intaum felipe diz: vai fala retardada! 'Rebeca. diz: o vou nessa 'Rebeca. diz: foi um prazer conver ctg Rebeca. diz: tempos q agente naum s efala	<i>Kelly: pow q massa!Mais eu pergunteii se tú tinha o CD pow!Mas tdú beem! uq c tá fazendo agora!?</i> <i>Kelly: ops imitação! Não sei ainda cum q roupa eu vou mour!</i> <i>tú tem o novo cd de strikee?</i> <i>beijoos)</i> <i>Kelly: vou com qlqr uma, sou bonita!</i> <i>shuahsuhaush'</i> <i>e tú?</i> <i>Kelly: não,não vaii!</i> <i>uashuahsuhaush'</i> <i>aah,news?</i> <i>Beijoos</i> <i>Kelly: q pena! qd eh q a gente vai pro shoop?</i> <i>beijoos</i> <i>Kelly: q pena! qd eh q a gente vai pro shoop?</i> <i>beijoos</i> <i>Kelly: q pena! qd eh q a gente vai pro shoop?</i> <i>beijoos</i> <i>Kelly: Pra se diverti tbm neah ? eu perguntei de horas c iria pro camarotee?</i> <i>Kelly: Claroo! de q horas vouç vai pro camarote?</i> <i>Kelly: c vai pro Pe?</i> <i>Rebeca: Tô flando ctb neah 😊</i> <i>Rebeca: Só algumas musicas ;)</i> <i>Rebeca: Eu fico linda de todo jeito ;)</i> <i>Vou de short e com uam blusinha preta!!</i> <i>Rebeca: Eii tu vai com que roupa?</i> , ** <i>Rebeca: Axu q só qd eu fazre meu vestibular =/</i> <i>Tenho muita coisa pra estudar pow.</i> <i>E tutu num vai naum</i> HAUSHAHSUSAHSU"	(tela 19 e 19ª) R:emo é um estilo muito massa eu axo bonito(emoticom alegria) Não axo q são viados, ate pq tem pessoas q ã são Emo que são HOMOSEXUAIS(emotic om piscando olho) Emo é massa!! Beeijoos para todos os emos masculinos e femininos!! Sem preconceito!

Tomando por base os registros do sujeito 1 verificamos que ele fez uso, logo no início, de sua interação de uma saudação típica do ambiente: “*dix kra*”. Esse aspecto mostra que o sujeito 1 já supõe que o seu interlocutor vai estabelecer com ele uma conversa estruturada em uma linguagem específica quanto à forma. O outro sujeito da conversação vai responder a saudação do sujeito 1 com uma expressão típica de uma conversa informal: *oi*. O sujeito inseriu um pano de fundo com um estilo que o identificasse com seu interlocutor (cf. tela 1). Com isso, percebemos que os sujeitos criam uma ambiência específica para interagirem no ambiente digital. Também constatamos que os sujeitos fazem uso da abreviatura e da linguagem do internetês para iniciarem a conversa. Outro fator percebido é que os sujeitos procuram se comunicar a partir de uma configuração da linguagem partilhada por eles. O código na interação *online* assume uma forma, mesmo baseada no alfabético, na maioria dos casos, diferente nos seus aspectos expressivos em relação a uma comunicação tradicional. Esse aspecto permite-nos inferir que os interactantes sabem diferenciar os ambientes a partir dos usos respectivos das variadas linguagens.

Percebemos, também, que o sujeito 1 fez uso de *emoticons* em sua conversação. Ele insere um ambiente que compartilha a linguagem icônica como construtora de sentido. O sujeito 1 compreendeu as intervenções do seu par e respondeu-o através de uma linguagem híbrida que congrega outras formas de expressividade: “*pra vc um beijo*”(tradução nossa do *emoticon*).

Pra vc um 

A possibilidade cada vez mais comum da inserção de elementos visuais no texto está, na maioria das vezes, associada à negociação de sentidos. Os internautas investem toda a sua criatividade para conferir aos seus interlocutores o sentido de forma mais global da interação social efetiva, tal como ocorre na comunicação face a face.

Essas figuras, *os emoticons*, agilizam a comunicação de estados d’alma dos locutores, pois a sua inserção no texto escrito se propõe a ampliar o seu sentido ao tentar traduzir as emoções dos sujeitos. Os *emoticons* são também conhecidos pelo nome de Smileys (carinha sorridente em inglês), possuindo uma aceitação principalmente nas linguagens utilizadas pelos adolescentes e jovens no meio virtual. Antes, eram caracterizados apenas pelos dois pontos,

hífen e parênteses. Hoje, diante das facilidades de adaptação das linguagens, esses recursos vêm assumindo variadas configurações visuais.

Todos os sujeitos fizeram uso de uma série de *emoticons* sem caracterizar um possível sentido. O sujeito 1 reproduziu graficamente um som vocálico alongado de espanto: "woooooooooo" (exemplo 2). No ambiente conversacional dos sites de relacionamento uma das marcas presentes é a reprodução de sons da oralidade. Os sujeitos utilizam esses recursos constantemente, pois reconhecem o ambiente digital como espaço que comporta esses elementos constitutivos da linguagem informal. Com isso, ele vai buscar o retorno do seu amigo de conversação para uma utilização consciente e adequada de tais marcas da oralidade. Esse dado ajuda-nos a inferir que, de uma forma menos rígida, a utilização desses símbolos obedecem a uma "regra" partilhada no ambiente virtual, pois seu uso fora de um dado contexto conversacional não possibilita uma progressão das conversas pelos sujeitos. Ou seja, se o *emoticon* não se insere na perspectiva da interatividade entre os sujeitos e não compartilha um código propulsor de sentido, ele fica esquecido pela falta de utilização.

Seu uso possibilitou preencher uma lacuna do texto escrito, a saber, a sua não expressividade dos sentimentos do autor. Sentimentos como alegria, ironia, sarcasmo, tão presentes pelas marcas conversacionais da oralidade, são externalizados na linguagem utilizada pelos *emoticons* (exemplo 1).

Exemplo 1



Nas observações que fizemos sobre as formas de interação *online*, percebemos que os sujeitos que navegam pelo site de relacionamento do Orkut possuem especificidades em relação ao Messenger. Assim, compreendemos que as condições de produção dos textos do sujeito 1 fundamentam sua escolha enunciativa a partir de uma relação construída com um interlocutor sintonizado no compartilhamento das diferentes linguagens do discurso. Esta aquisição, conforme estamos analisando, provavelmente, faz parte de um *continuum* criado e recriado pelos indivíduos inseridos em diferentes contextos sociais.

O sujeito¹, ao conversar no Orkut, faz uma espécie de abertura com as imagens disponíveis no ambiente. Essa perspectiva possibilita uma inclusão dos sujeitos envolvidos na conversação numa troca constante de significados dos elementos icônicos das linguagens. Mais do que simplesmente elementos que adornam o conteúdo conversacional, os símbolos compartilhados no ambiente possuem uma semântica própria dotada de múltiplos significados e sentidos, conforme a reação dos usuários.

Semelhantemente ao MSN, no Orkut o sujeito faz uso de elementos da oralidade, a fim de tornar a conversação mais descontraída a partir de diversas marcas, como no exemplo abaixo:

Exemplo 2

“hum, ata, pow, !!!!!!!!!!!”

Daí compreendermos a necessidade que os integrantes desse espaço de relacionamento têm em exigir um perfil para estabelecer conexões e utilizar linguagens relacionadas com os propósitos iniciais do site: amizades, namoros, conhecer novas pessoas etc. A nomenclatura prevista no Orkut para fazer uma apresentação das pessoas que desejem se relacionar com as demais é o perfil. Será a partir dele, o qual é conhecido por uma simbiose de elementos constitutivos, como textos, fotos, músicas, entre outros elementos, possibilitam aos usuários uma configuração dos seus interlocutores.

Exemplo 3

anderson diz:

hum

anderson diz:

ata

anderson diz:

pow

Na perspectiva teórica de Bakhtin, o enunciado é composto por uma tonalidade que põe o diálogo como fator articulatório das múltiplas vozes envolvidas:

O enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria idéia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada no pensamento (BAKHTIN, 2003, p. 298).

Segundo Arantes (2004), o ato de conhecer relaciona-se com as formas de expressão do sentir e do pensar, pois eles possuem movimentos que nortearão as especificidades de tal ato:

O comportamento e os pensamentos humanos se sustentam numa indissociação de forma dialética, de emoções e pensamentos, de aspectos afetivos e cognitivos. Nas interações com o meio social e cultural criamos sistemas organizados de pensamentos, sentimentos e ações que mantêm entre si um complexo entrelaçado de relações (ARANTES, 2004, p. 11).

Quanto ao uso do blog, o nosso sujeito-informante (1) deu uma preferência por aqueles vinculados a uma animação específica. Na maioria dos casos, a liberdade de assuntos tratados nos blogs deixa a sua navegação mais interessante, pois, os assuntos de diferentes matizes possuem seus ouvintes. Como essa forma de interação é assíncrona, os adolescentes exploram mais os seus recursos do que propriamente postam algum comentário. Nesse sentido, podemos constatar que a utilização das imagens corrobora com a construção de sentido nos hipertextos. Nos exemplos analisados dos casos, como observamos na presente pesquisa, os sujeitos não retornam a um mesmo blog acessado num período anterior para verificar se existe alguma postagem referente a suas mensagens. Contudo, observamos que o elemento que chamou mais a atenção do nosso sujeito para acessar o blog do Show do Tom estava relacionado com os recursos que ele apresentava, além dos posts: papéis de parede para o PC, galeria de fotos com os personagens. Essa característica é muito comum nos blogs em geral, uma enquete para criar o espaço da interatividade. Todos esses elementos estão na mesma superfície textual, possibilitando para o sujeito percorrer diversos caminhos de navegação.

Os blogs constituem, na atualidade, um espaço de interação relevante para os usuários da web. Eles possuem uma dimensão composicional, na maioria dos casos, aberta. Dessa

forma, eles se diferenciam dos diários impressos tradicionais, pois, mais do que discutir assuntos de caráter íntimo, eles discutem, num espaço múltiplo, questões referentes a diversos assuntos, como pesquisa, viagens, temas da atualidade etc. Possivelmente, um elemento que motiva o acesso nessa ferramenta seja a atualidade dos assuntos tratados.

O sujeito de nossa pesquisa, ao escolher acessar o blog do “Show do Tom”, reforça essa perspectiva de valorização da atualidade, pois, geralmente, os programas humorísticos tratam de assuntos atuais do cotidiano com as pessoas sob a ótica do humor. Essa característica será tratada por Marcuschi (2004) ao diferenciar o blog de um site. Segundo o autor, o diário digital é mais facilmente atualizável. Essa marca é registrada pelos elementos constitutivos dos *posts*: data e assinatura.

Conforme observado, os usuários utilizam diversos editores de textos na inclusão das mensagens nos blogs. Mas, também, constatamos que os blogs possuem mais traços com a escrita tradicional do que as outras formas de interação. Provavelmente, o contato dos usuários com os recursos no teclado do PC possibilitou aos usuários uma mescla de elementos constitutivos da linguagem, como os emoticons, por exemplo, para representar as emoções, como assinalamos anteriormente.

Como a escrita dos blogs possui várias semelhanças com a linguagem informal dos e-mails, os jovens e adolescentes o utilizam frequentemente. Todavia, conforme Schittine (2004), a maioria das pessoas que acessam aos blogs é composta por adultos.

A forma dos textos dos blogs, conforme Marcuschi (2004) e as postagens dos sujeitos selecionados possuem uma linguagem direta, os textos são breves, descritivos e opinativos. Conforme observamos na página inicial do blog, eles possuem uma interatividade logo no início, ao convidar o leitor a fazer as postagens que julgar pertinente. Acreditamos que, além da navegabilidade possibilitada pelos blogs, a sua apresentação visual, a exemplo da diagramação e do *design*, deixam os textos postados com uma expressividade comunicacional clara e atraente. Contudo, as anotações são curtas, facilitando a interatividade entre os usuários. Através das inserções textuais feitas no ambiente do blog, o usuário, ao ter sua postagem comentada, sente-se como co-autor ou, no mínimo, como um leitor que possibilita a participação de outras pessoas. Além dos elementos gráficos e icônicos presentes na superfície dos blogs, outro aspecto merece ser destacado. Referimo-nos aos diferentes

formatos das fontes tipográficas que agregam sentidos novos ao texto e reconfiguram as palavras, inaugurando, dessa forma, uma nova concepção de linguagem.

Assim, a comunicação no ambiente digital é ampliada em razão da mesclagem de outras formas de comunicação, a exemplo de sons e figuras em movimento. Nos blogs esse recurso é mais utilizado no *layout* da página inicial, conforme, percebemos no exemplo acima.

O locutor tenta construir o sentido das imagens e das cores de uma forma que se compreende que as imagens não estão como enfeites, adornos, mas como signo representativo.

O enunciado e as particularidades de sua enunciação configuram, necessariamente, o processo interativo, ou seja, o verbal e o não verbal que integram a situação e, ao mesmo tempo, fazem parte de um contexto maior histórico, tanto no que diz respeito a aspectos (enunciados, discursos, sujeitos etc.) que antecedem esse enunciado específico quanto ao que ele projeta adiante. (BRAIT, 2005, p.67)

Na observação da produção textual o sujeito2 (cf. tela 7), observamos que ao acessar o MSN, de forma semelhante ao sujeito1, o primeiro fez uso de elementos icônicos na configuração da linguagem neste site de relacionamento. Em comparação com o sujeito1, percebemos nesta conversação a utilização de um número maior de *emoticons* e de *winks* na construção dos enunciados. O MSN possui, além dos emoticons, um reservatório disponível para os usuários utilizarem quando a conversação permitir a inclusão de determinado *wink*. Entretanto, será o tipo de conversa que conduzirá os sujeitos a optarem por determinados ícones no processo de construção de sentido (cf. tela 7).

Um aspecto importante a ser relatado na conversa do sujeito2 diz respeito a inclusão de emoticons que possuem dois elementos constitutivos na sua formatação: som e movimento. Assim, inferimos que o sujeito2 atribui certa relevância a presença do som e do movimento das figuras na sua conversação. Esse caráter indica, provavelmente, a presença hipermodal da linguagem nas conversações dos adolescentes, principalmente nas intervenções dos sujeitos da pesquisa, como veremos nas demais análises.

Em nossa observação percebemos que o sujeito2 fez uso das palavras de forma híbrida.

Exemplo 4

“o meu relacionamento está ótimo;e eu gosto dele e vc gosta mesmo de Fernandinho”

Ora faz, conscientemente , a inserção de outros elementos que existem no ambiente da conversação no suporte digital, como os winks (cf.Anexo 1, tela 7), por exemplo:

Exemplo 5

brunna envia um wink



A presença desses elementos na conversação online dos sujeitos da pesquisa possibilita uma interação marcada por uma aquisição de uma maneira de utilizar a linguagem no ambiente digital mediada pelos recursos da tecnologia. Esse processo, segundo nossa hipótese de pesquisa, acontece por força das interações que os adolescentes estabelecem em seus múltiplos espaços sociais, sem, necessariamente, estarem vinculados às imposições normatizadas da estrutura institucional da escola. Nesse aspecto, o sujeito2 demonstrou fazer uso de uma espécie de letramento que o ambiente digital inaugura.

O sujeito 2, além da linguagem verbal, fez uso de figuras para fazer menção à substituição da letra d(cf. Anexo 1, tela 8). Esse recurso icônico, na maioria das vezes, possibilita o compartilhamento de um sentido quando as partes da interação no ambiente compreendem o significado. Observamos que nas duas substituições: “*vc gosta mesmo XXXXe bob*” e “*obrigaXXX o amiga*”, os sujeitos inferem sobre sentido pretendido a partir de estratégias de leitura no ambiente da conversação. Nesse sentido, podemos inferir com base nos dados analisados, que as imagens possuem uma semântica flexível, quando inseridas no ambiente digital. No caso específico, a imagem está possivelmente substituindo a letra “d”.

Dessa forma, entendemos que a estrutura infográfica é apropriada pelo texto digital. Essa forma de trabalhar com a escrita fazem uma combinação na mesma superfície do texto e da imagem, conforme observamos, com o intuito de apresentar um aspecto atrativo para o uso da linguagem. Assim, para se ter um domínio desse tipo de organização textual exige-se do leitor a aquisição de habilidades que forneçam ferramentas para os usuários compreenderem a linguagem visual quando inserida no ambiente *online*, face ao dinamismo que elas apresentam quando em movimento.

Percebemos que o sujeito 2 também utilizou *emoticons* na construção do conteúdo de seu texto (cf. Anexo 1, tela 9). As “carinhas” inseridas nos diálogos, além de deixar o texto com uma figuração interessante, usaram as cores para expressar sentimentos e emoções dos sujeitos. A cor amarela denota, na maioria dos casos, estados de espírito diversos numa atmosfera de permanência atitudinal: risos, sinais de alegrias, tristeza, expressões faciais convencionais etc. Já os emoticons nas cores vermelha indicam, geralmente, uma alteração no ânimo dos sujeitos. Como as conversações ocorrem, na maioria das vezes, num clima de descontração, o uso dos *emoticons* na cor vermelha é menos freqüente.

Compreendemos, dessa forma, que o sujeito 2, quando inserem conscientemente os *emoticons* em sua conversação, possui estratégias de construção do discurso fazendo usos das imagens como elementos possuidores de significados, ao ampliar e ressignificar as linguagens no ambiente.

Concordamos com Xavier (2005, p.171) quando discorre sobre o sentido do hipertexto, pois para ele, esse modo de enunciação “é uma forma híbrida, dinâmica e flexível

de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade”.

As características do hipertexto, como visto anteriormente, possuem certa relevância para compreendermos os processos de formação do leitor imerso nesse oceano informacional. As palavras, mescladas com os ícones animados, os efeitos sonoros criam um texto estruturado no processo da multisemiose, conforme observamos na interação do sujeito 2. Já a característica da intertextualidade possibilita o estabelecimento em tempo real da conexão do texto a outros com as quais possuem certa relação com ele. Os textos impressos também possuem recursos que estabelecem ligações com outros textos, mas num espaço limitado pelo suporte. A imaterialidade do texto está relacionada à distância física criada pelo ambiente e a interatividade é caracterizada pela criação de canais que diminuem, em certo sentido, a dimensão temporal e espacial entre o autor e o leitor.

Segundo Mota (2001), é a partir da habilidade topográfica do novo leitor em transitar pela multiplicidade das linguagens que os sujeitos constroem a linguagem hipertextual. Essa linguagem vai inter-relacionar os sentidos dos sujeitos nos possíveis caminhos criados pelo leitor. Nesse aspecto, imagens, palavras, sons com movimentos e os designers animados, a exemplo dos *emoicons*, criam uma articulação que possibilitam a compreensão do texto no seu espaço digital de comunicação.

O nosso sujeito utilizou o site de relacionamento Orkut (cf. Anexo 1, tela 10) para postar um recado. Este recado é chamado no ambiente de “*scrapbook*”. Tais recados, na maioria dos exemplos, possuem elementos icônicos com carga semântica em atmosfera afetiva dos usuários.

A linguagem utilizada no Orkut apresenta semelhanças com o Messenger MSN no que se refere às abreviaturas: obg (cf. Sujeito1, 2, 3, 4 e 5), além de utilizarem, também, os alongamentos vocálicos (cf. Anexo 1, tela2). Percebemos que a linguagem utilizada nesses espaços conversacionais possibilitam aos sujeitos uma mesclagem entre textos e imagens. Esse recurso deixa a conversação mais atrativa.

As imagens no *scrapbook* possuem movimentos, o que deixa, como assinalamos anteriormente, a ferramenta mais interessante na navegação (cf. Anexo 1, tela 1). Além dos

recursos anteriores, o sujeito 2 acessou as mensagens no site do Orkut. Diferentemente dos e-mails tradicionais, no Orkut, as mensagens são acompanhadas da imagem do emissor. Esse recurso possibilita uma leitura mais veloz em virtude da identificação mais rápida, acompanhada por uma abertura conversacional em razão da imagem postada.

Assim, reforçamos a idéia de que as imagens possuem duas gramáticas, conforme postula Verón (2004): a gramática da produção e a gramática do reconhecimento, como assinalamos anteriormente. Quando utilizam o código, as pessoas fazem uso da gramática da produção. Ao verificar as imagens, as pessoas utilizam o reconhecimento como estratégia para iniciar a conversação.

Ao optar por determinado tipo de blog, o sujeito 2 deu preferência à temática da vida dos famosos. A escolha foi pelo blog da cantora Ivete Sangalo. Percebemos que, logo na abertura do blog, a linguagem utilizada conduz os leitores à informalidade do ambiente: “*oi meus amorecos*”(grifo nosso). Elementos icônicos, como o recurso da iluminação presente na palavra BLOG, possibilitam às pessoas que postam suas mensagens uma ambiência num espaço de uma personagem que se encontra na agenda da mídia. O blog possui vários links que conduzem os usuários a outros caminhos de leitura. Entretanto, o link da novidade surge como o primeiro na lista. Nesse sentido, podemos inferir que o elemento que guia as postagens neste blog se relaciona com as possibilidades de as pessoas atualizarem suas mensagens. Assim, podemos inferir que nos blogs é freqüente a publicação dos comentários em ordem cronológica inversa. Esse aspecto possibilita a criação de uma interface contínua em relação aos *posts* contidos nos espaços enunciativos. Dessa forma, é estabelecida uma sequencialidade nos textos produzidos criando, assim, uma produção de sentido compartilhada entre os interactantes. Constatamos, então, em nossa análise, que os sujeitos possuem determinada compreensão da importância dos elementos intra-textuais (coesão) para a construção de sentido no espaço enunciativo digital, conforme pudemos observar nas interações constantes na tabela acima.

O link que indica nos blogs o número de postagens possui uma característica de incentivar o debate que está na página inicial. Assim, podemos inferir que nos blogs os sujeitos da pesquisa, ao responderem os comentários de outros indivíduos, inseriram num processo de escrita coletiva, pois foram retomadas as falas anteriores das postagens na elaboração de uma nova postagem (cf. tabela). Com isso, o processo que criou uma

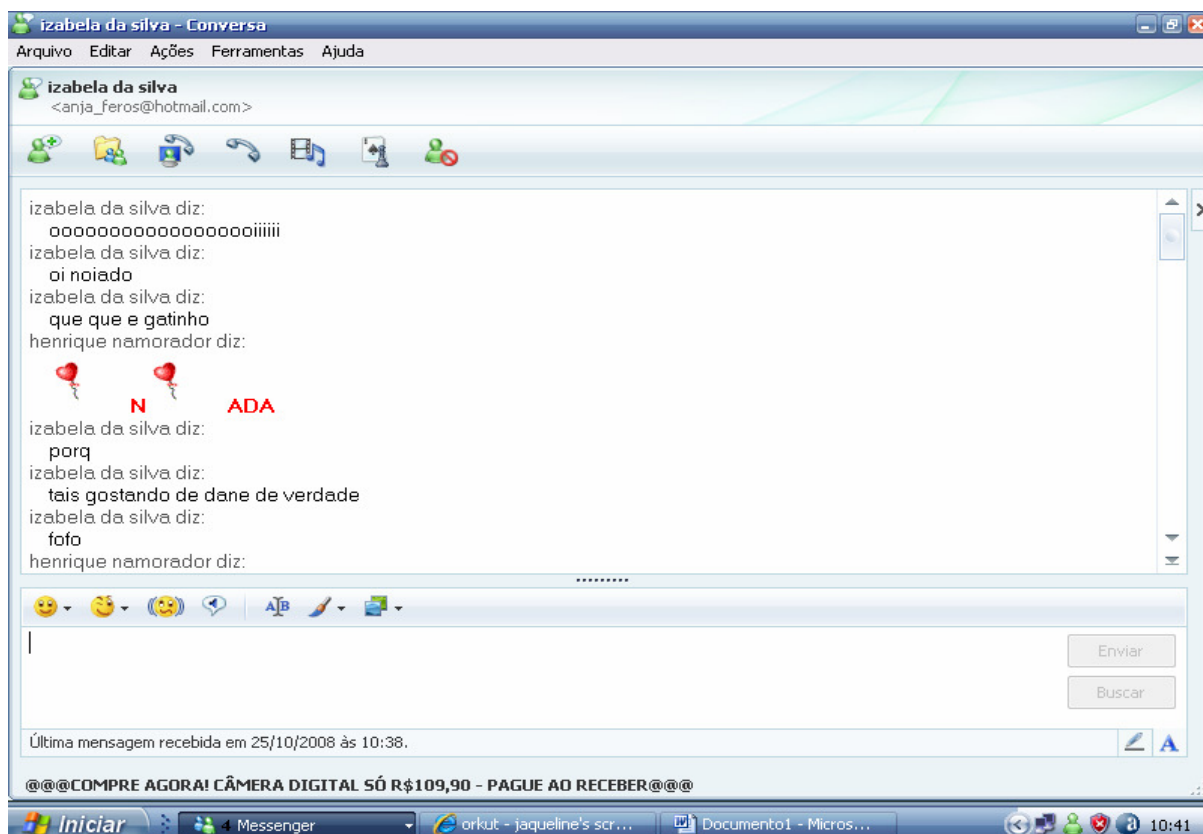
discursividade coesa no ambiente digital caracterizado pela somatória das postagens de cada indivíduo. Esse domínio desenha como defendemos na presente pesquisa, um cenário de pertença diante de um grupo específico. A partir da familiaridade com essa forma específica de enunciação, os sujeitos percebem que existe a possibilidade da criação de uma nova forma de comunicação e socialização a qual é comumente chamada de comunidade virtual.

A partir do que observamos na pesquisa, podemos considerar o blog como um veículo de comunicação que exige de seus usuários uma redefinição de conteúdo (o que é falado), pois o critério do que é exposto está afeto à relevância dada pelos interactantes. A escrita da maioria dos participantes dos blogs, como podemos observar na Tabela das Enunciações Digitais, não necessita passar pelos critérios de aprovação de terceiros para se efetivar no ambiente. Esse aspecto possibilita uma progressão temática nas interações dos sujeitos. O sistema de comentários e o detalhamento das estatísticas de acesso aos blogs possibilita, a nosso ver, o aperfeiçoamento de textos futuros pelos usuários. Esse aspecto é lido pelos sujeitos facilmente nas páginas iniciais dos blogs, indicando, dessa forma, uma estratégia de manter o interesse e a interação dos usuários.

Na postagem dos demais sujeitos, a exemplo do sujeito3, percebemos que houve também uso de alongamento vocálico, como os sujeitos anteriores: *“oiuuuuuuuu também”*. A sua resposta indica que o seu interlocutor começou a conversa fazendo uso desse tipo de recurso na linguagem, a qual faz menção à característica da oralidade na escrita digital.

Na interação com outro indivíduo, o sujeito3, após a saudação inicial, começa a falar sobre determinado assunto utilizando um emoticom representando um coração partido, conforme a tela abaixo. Com isso, defendemos na presente pesquisa que a utilização da linguagem no ambiente digital, permeada por várias estratégias de usos de recursos diversos, possibilita aos usuários a inserção numa sociedade digitalmente letrada. Dessa forma, ao fazer uso com autonomia, liberdade dos códigos presentes no ambiente, os indivíduos inauguram novas formas de inclusão na vida em sociedade, mediada pelos usos da linguagem. Ser digitalmente letrado é desenvolver a competência de usar a tecnologia digital, com certa frequência, como ferramenta de busca de informação e de interação humana de forma ativa, participando de comunidades e eventos sociais digitais.

Tela



A inserção híbrida do interlocutor do sujeito3 através da mesclagem de linguagens (ícones e letras) foi compreendida na sua totalidade, de acordo com a resposta postada pelo interlocutor na linha seguinte. Em seguida, o sujeito3 faz um uso misto da escrita de forma mais próxima da norma padrão misturando com traços da linguagem criptografada da internet: <que que e gatinho> e <tais gostando de dane de verdade> (cf. tela 14).

Assim, compreendemos que os sujeitos exercitam a grafia corrente do ambiente digital, mas também possuem uma compreensão da regra padrão vigente para o uso da escrita em situação formal. Ao “transgredir” voluntariamente e conscientemente o estabelecido pela gramática normativa quanto à grafia correta das palavras, nossos sujeitos, na mesma esteira pragmática dos demais, demonstraram possuir um conhecimento que distingue os usos das diferentes linguagens, conforme a necessidade contextual.

CONCLUSÃO

A educação atual passa por profundas transformações. As mudanças vão desde as novas concepções pedagógicas até as que instigam o homem moderno a ressignificar sua vida. As possibilidades comunicativas ocupam um espaço singular neste processo. A territorialização do saber circunscrito aos muros da escola há muito tempo começa a ser derrubada.

Dessa forma, compreendemos que a escola desempenha um papel importante no processo de socialização dos alunos. Faz-se necessário e urgente que suas práticas pedagógicas trabalhem com as tecnologias a fim de promover uma formação mais autônoma de leitores e produtores de textos e hipertextos, assim como, favorece o letramento digital e uma maior inclusão nas atividades sócio-culturais.

Acreditamos que o processo de ensino-aprendizagem no ambiente digital passa por adaptações continuamente e desafia os educadores a fazerem uma reflexão diante das novas formas de aprendizagem, pois este ambiente ainda é novo e pouco estudado. Como observamos na pesquisa, as novas linguagens inauguram uma maneira diferente de inserir os adolescentes no mundo dos “letrados digitalmente”. A frequência com que os sujeitos fazem das linguagens presentes neste ambiente indica que necessitamos ressignificar nossas práticas educativas numa ordem diferente da qual comumente são exercitadas. A partilha de uma linguagem coletiva já evidencia essa perspectiva, especialmente a que faz uso de novos códigos que, antes de desejarem violar a norma padrão da língua (mesmo que assim o façam), possibilitam a inclusão dos sujeitos em comunidades baseadas em valores de sociabilidade.

Esse novo leitor, como observamos na pesquisa, possui habilidades para fazer usos conscientes da diversidade de gêneros textuais que circulam socialmente. Esses sujeitos desenvolvem habilidades que vão além dos limites dos textos verbais. Na trajetória por uma linguagem mais eficiente, eles ressignificam o código num *continuum*. Em outras palavras, o leitor põe em jogo todo o seu conhecimento social e lingüístico quando lê. Além disso, completa o texto com seus conhecimentos. Por isso, uma a pessoa pode atribuir diferentes significados a um mesmo texto, se este for lido em diferentes momentos da vida.

Assim é importante pontuar a relevância dos estudos que problematizam as novas linguagens, especialmente as que estão inseridas no ambiente da internet como forma de novas enunciações. Com isso, defendemos, após a análise dos dados da presente pesquisa, que a utilização das diversas formas de linguagens possibilitaram aos sujeitos da pesquisa compreenderem que o conhecimento do mundo atual está relacionado intimamente com os usos das linguagens digitais presentes nas diversas formas de interação social.

Assim, a *Internet* tem possibilitado mudanças significativas nas práticas sociais de letramento. O letramento digital representa um desses momentos relevantes de mutabilidade das formas de linguagens presentes nos grupos sociais. Essa competência para se comunicar criou com o apoio de tecnologias digitais um espaço produtivo que se estrutura pelas marcas da oralidade e representa um hibridismo entre a modalidade oral e escrita nas enunciações. Assim, os enunciados tornam-se dinâmicos e estimulam as situações de comunicação e interação através de diversos gêneros digitais *online*.

As situações analisadas na presente pesquisa procuraram demonstrar que o letramento digital é adquirido por meio das interações que os sujeitos participam no cotidiano. Essa prática não é circunscrita à escola, mas está presente nos múltiplos espaços sociais. Os adolescentes e jovens vão se letrando digitalmente a partir de suas iniciativas e independente de um planejamento escolar. Não pretendemos relegar a função da escola enquanto agência de letramento. Sobretudo, como espaço privilegiado no desenvolvimento de tais práticas. Com isso, compreendemos que o letramento digital pode ser visto como um elemento agregador para novas interações sociais, em que os indivíduos utilizam um aspecto relevante dos usos das línguas: a sua capacidade de comunicar-se em múltiplas formas para os mais variados públicos, promovendo, dessa forma, a inclusão das pessoas pela manifestação de sua heterogeneidade lingüística. Por fim, a sociedade que vivenciamos deve urgentemente possibilitar a formação de novos cidadãos e cidadãs que possam exercer sua real cidadania a partir da inserção nos meios tecnológicos que fazem da inclusão digital uma necessidade constitutiva da identidade dos sujeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, Valéria Amorin. **Afetividade e cognição: rompendo a dicotomia na educação**. Disponível em : <http://www.hottopos.com/videtur23/valeria.html> acessado em 2/11/08.
- ARAÚJO, Júlio César e RODRIGUES, Bernadete Biasi (Orgs). **Interação na internet novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- ASSMANN, H. **Metáforas novas para reencantar a educação: epistemologia e didática**. 2ª Ed. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1998, p.22-23).
- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Fontes, 2003.
- _____ **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BRAIT, Beth (Org). **Bakhtin conceitos chaves**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ed. Ática, 1991.
- BUSH, Vannevar. **As we way think. the atlantic monthly**. V. 176, n.1, P. 101-108, 1945. Disponível em <http://www.isg.sfu.ca/~duchier/misc/vbush> acesso em 20 de maio de 2006.
- CAVALCANTI, Marilda Couto. **Interação leitor-texto: aspecto da interpretação pragmática**. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991 (Biblioteca da Educação. Série 1. Escola, N16).

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ELIAS, Vanda Maria da Silva. **Escrita, hipertextualização e oralidade**. Unicsul, n.5, P. 107-112, abr. 1999.

FOVCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREITAS, Maria Teresa Assunção e COSTA, Sérgio Roberto (Orgs.). **Leitura e escrita de adolescentes na Internet e na Escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LÉVY, Pierre. **O que é Virtual?** Trad. de Paulo Neves São Paulo: Ed. 34, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio e XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna: 2004.

RECUERO, R.C. **Comunidades virtuais: uma abordagem teórica**. disponível em <http://www.pontomidia.com.br/raquel/teorica.htm> acessado em 13/09/08.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore V. **Interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2000.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da Leitura**. São Paulo: Pontes, 1989.

KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola”. In: A. Kleiman (Ed.). **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras. 1995.

LAJOLO, Marisa. Do Intertexto ao Hipertexto: as paisagens da travessia. **Revista da Biblioteca Mário de Andrade**, São Paulo: V. 56, P. 65-72, jan./dez. 1998.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: O futuro do Pensamento na era da informática. Ed. 34, Rio de Janeiro – RJ, 1993.

_____. **Cibercultura**. Ed. 34. Rio de Janeiro – RJ, 1993.

_____. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves. 3ª ed. São Paulo: Ed. 34.

MACHADO, N. J. **Cidadania e educação**. São Paulo: Escrituras 1997.

MARCUSCHI, L.A. **Hipertexto**: definições e visões (Texto apresentado no I Encontro sobre Hipertexto, PE – Brasil, 2000).

MARCHUSCHI, L. A. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. **IV Colóquio da Associação Latinoamericana de Analistas do Discurso**. Santiago do Chile. 1999.

_____ e XAVIER, Antônio Carlos (orgs). **Hipertexto e gêneros digitais**: Novas Formas de Construção de Sentido. Rio de Janeiro: Editora lucerna, 2004.

_____ O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. In: **Língua Portuguesa em debate**. Conhecimento e Ensino, 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 6ª ed. São Paulo – Rio de Janeiro: Hacitec - Abrasco, 2000.

MOITA LOPES. Pesquisa interpretativa em lingüística aplicada: a linguagem como condição e solução. **D.E.L.T.A.** Vol. 10 /2. L.P., 1994.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte, Minas Gerais: Autêntica, 1998.

TAPSCOTT, Don. **Geração digital**. São Paulo, São Paulo: Macron Books, 1999.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

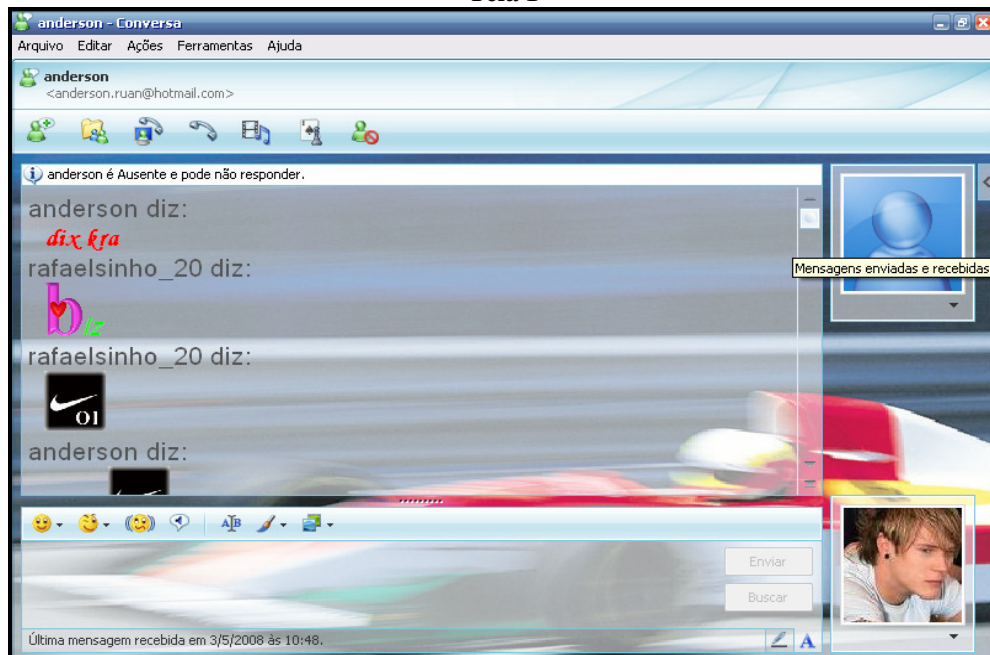
VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. Editora UNISINOS, São Leopoldo, RS: 2004.

XAVIER, Antonio C. S. O Hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital. **Tese de Doutorado**, Unicamp: inédito, 2002.

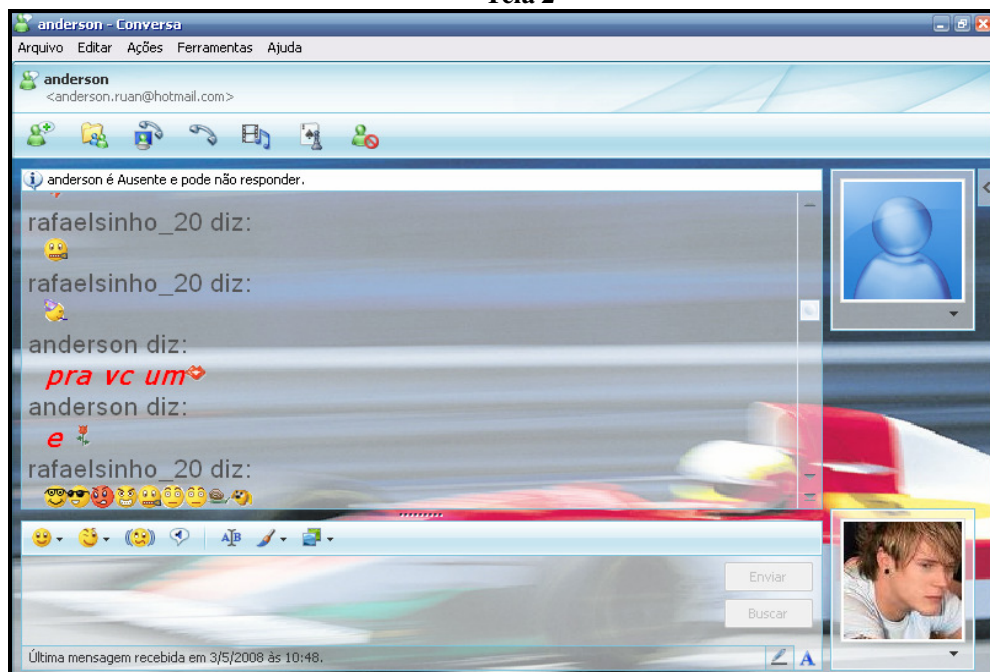
ANEXOS

ANEXO 1

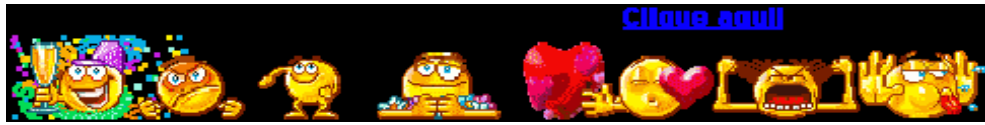
Tela 1



Tela 2



Exemplo 1



Exemplo 2:
anderson diz:

woooooooooooooooo

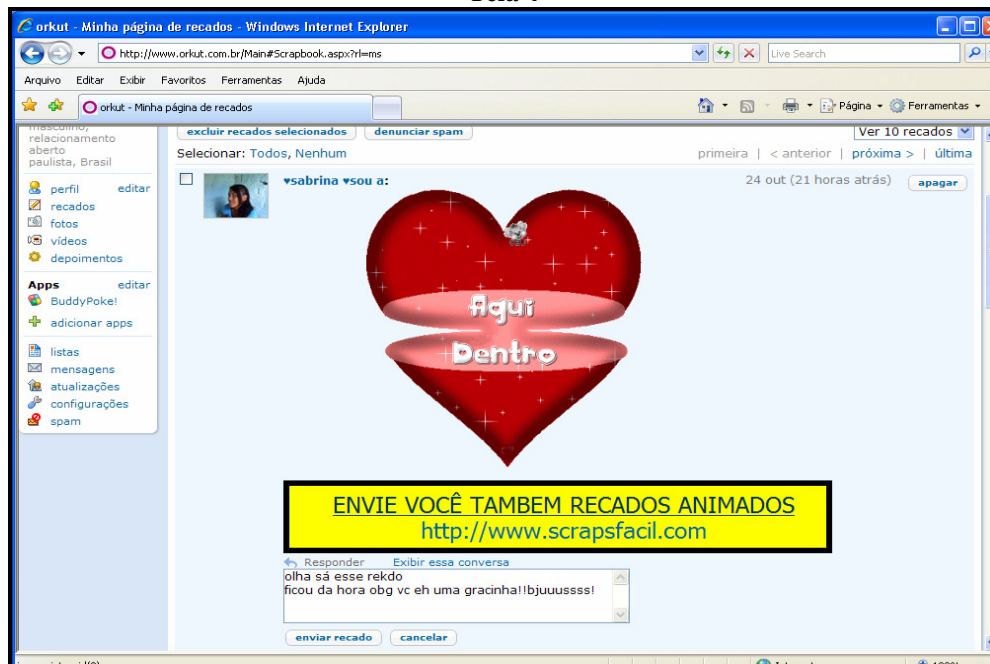
anderson diz:

tiro onda

Tela 3



Tela 4



Exemplo 3

anderson diz:
hum
 anderson diz:
ata
 anderson diz:
pow

Tela 5.1

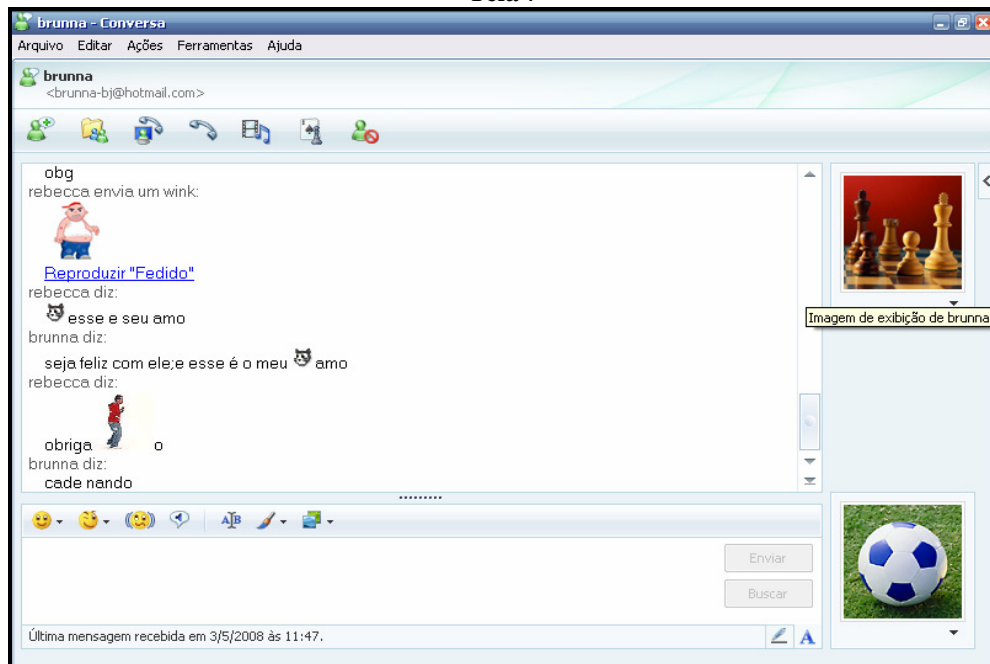


Tela 5.2



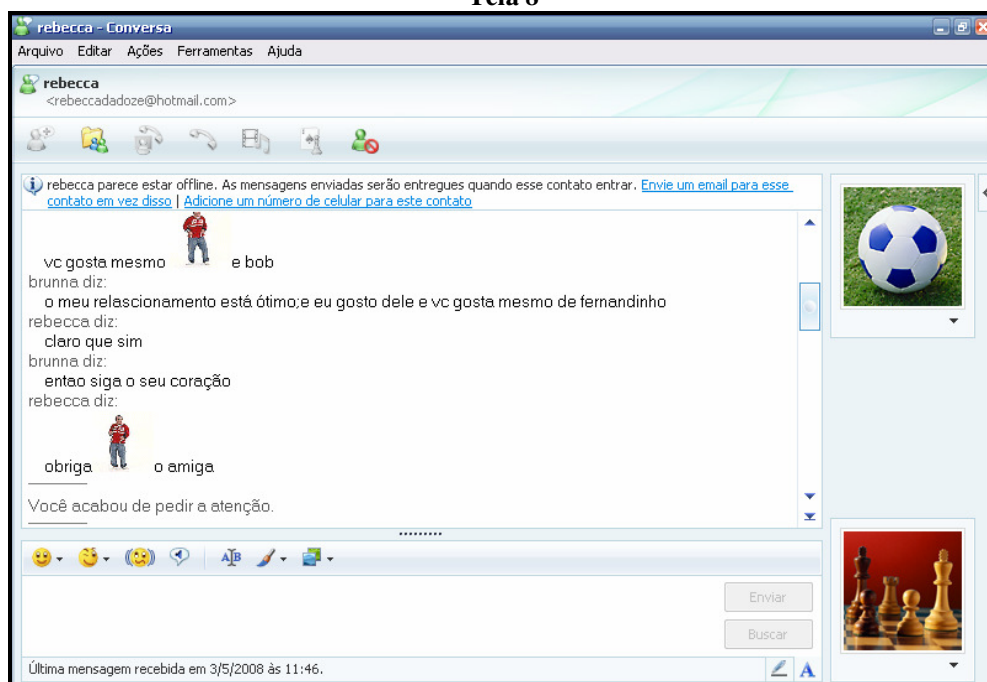
Sujeito 2

Tela 7

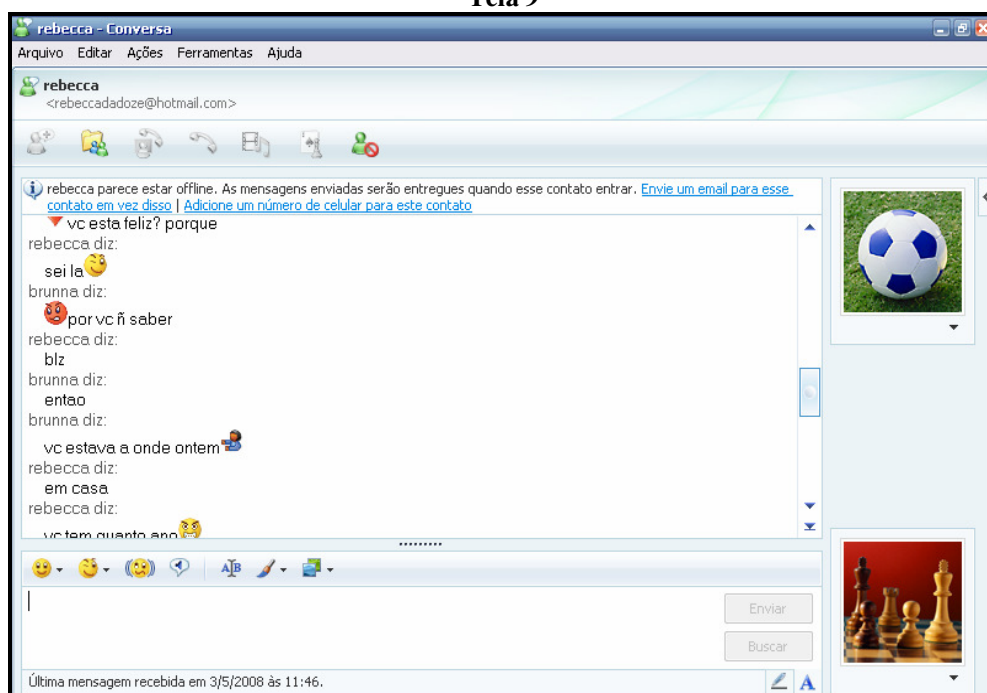


brunna envia um wink:(capturar o "Fedido")
[Reproduzir "Fedido"](#)

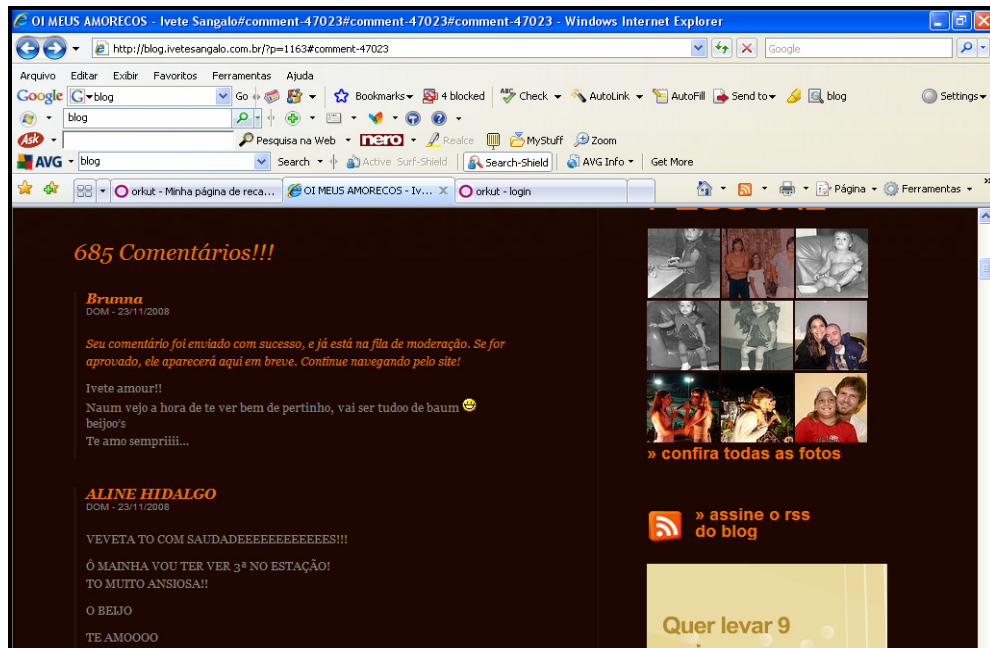
Tela 8



Tela 9

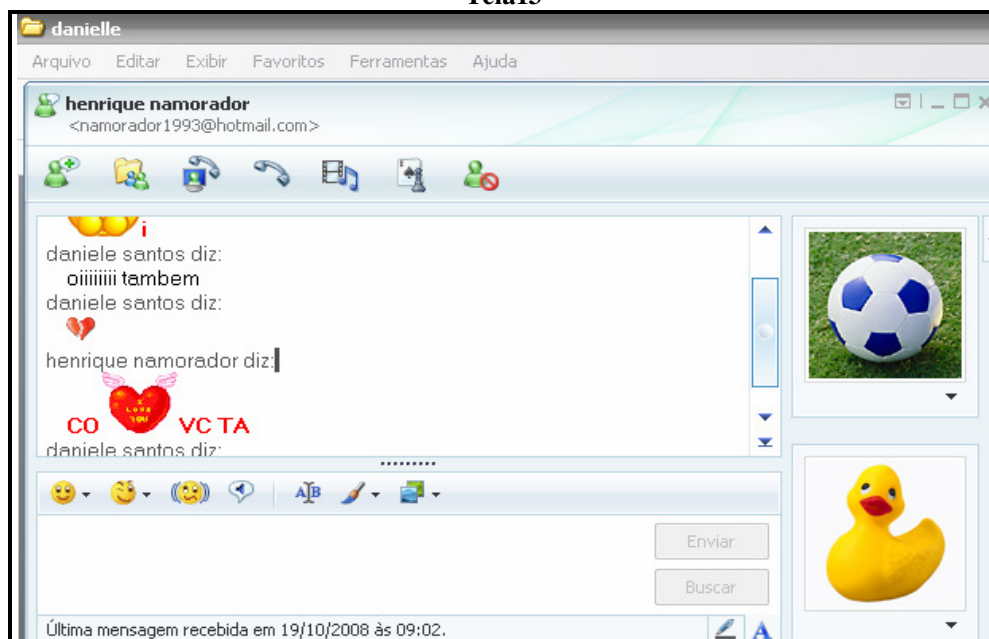




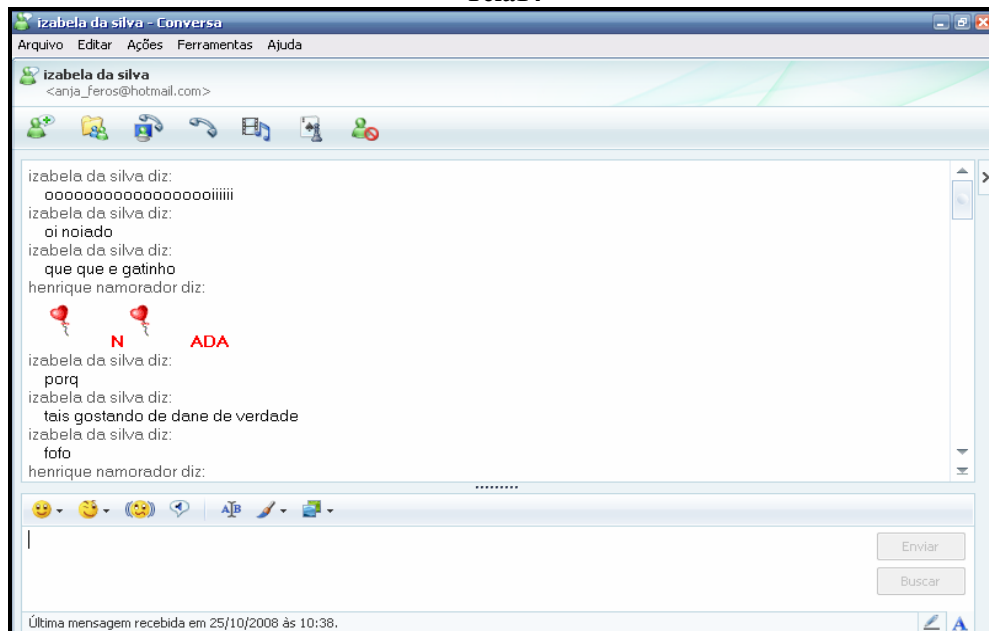


Sujeito3

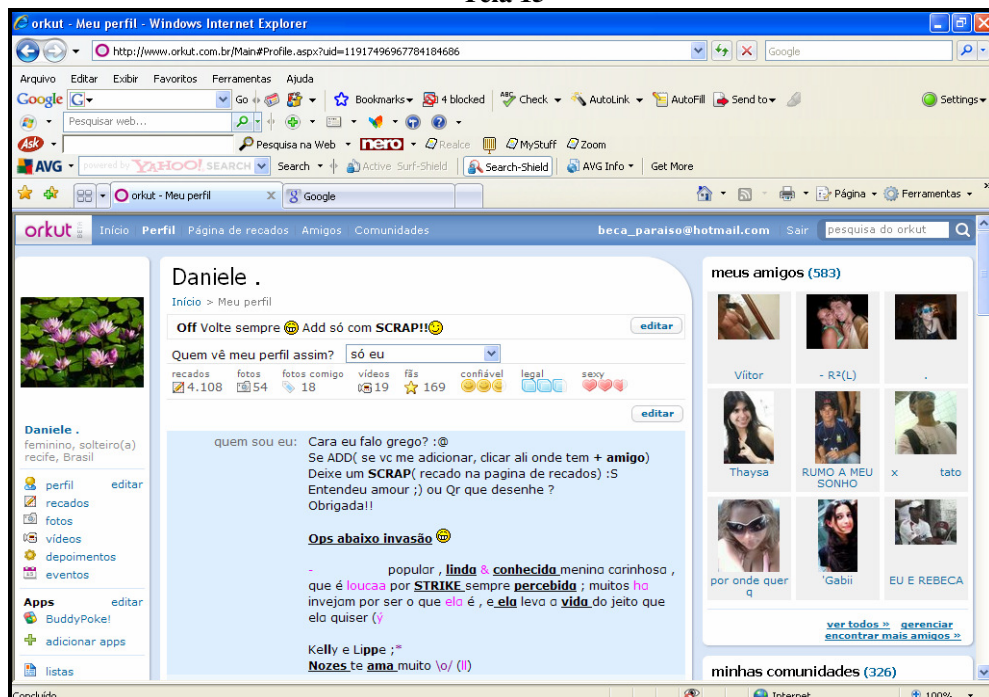
Tela13



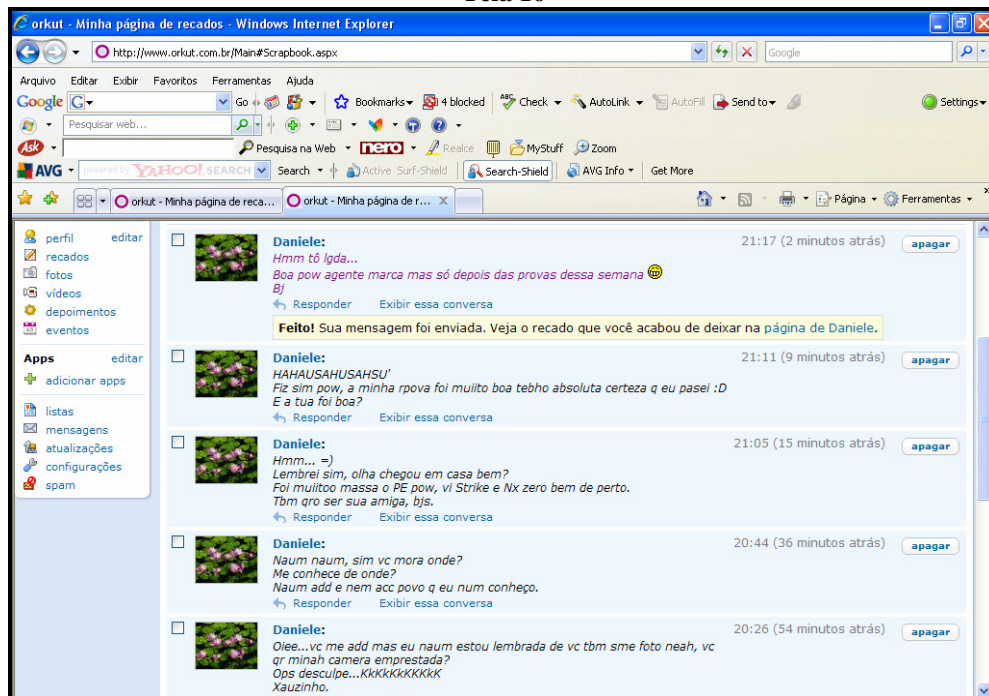
Tela14



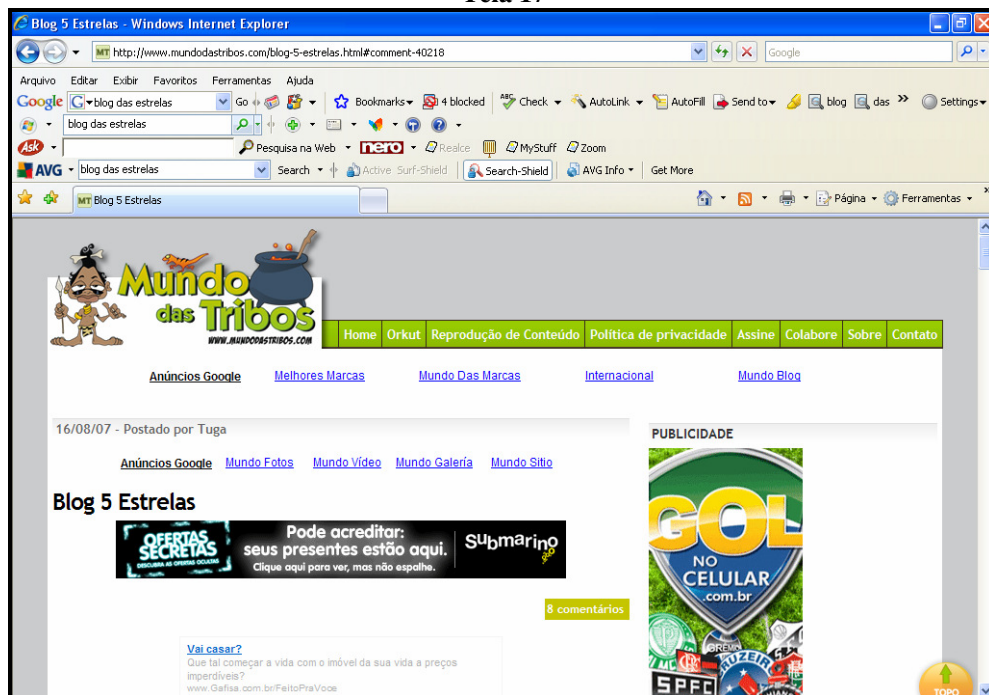
Tela 15



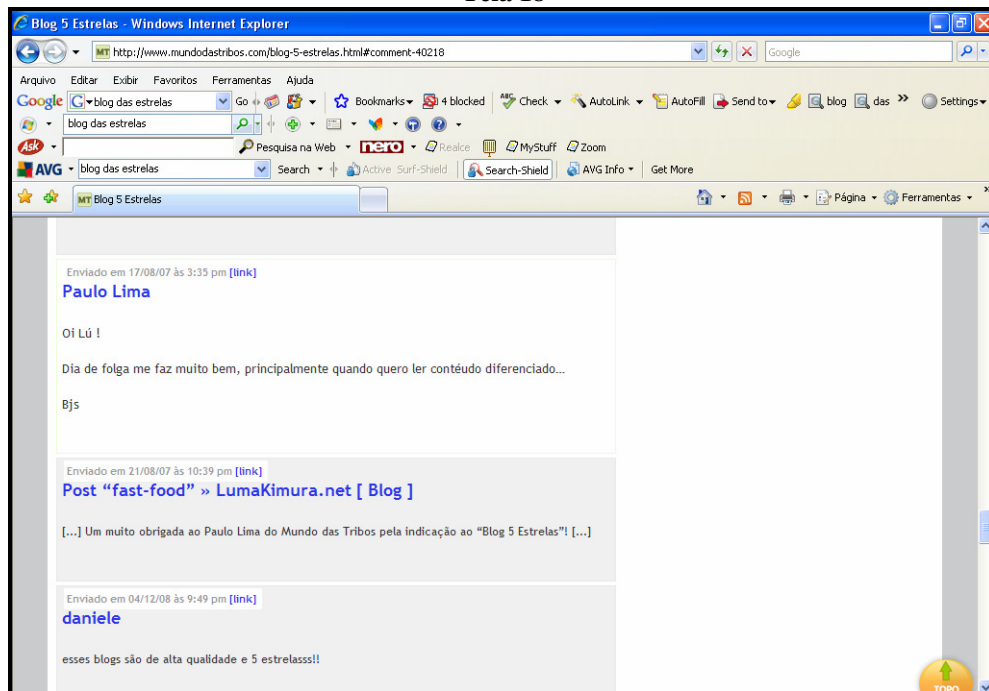
Tela 16



Tela 17

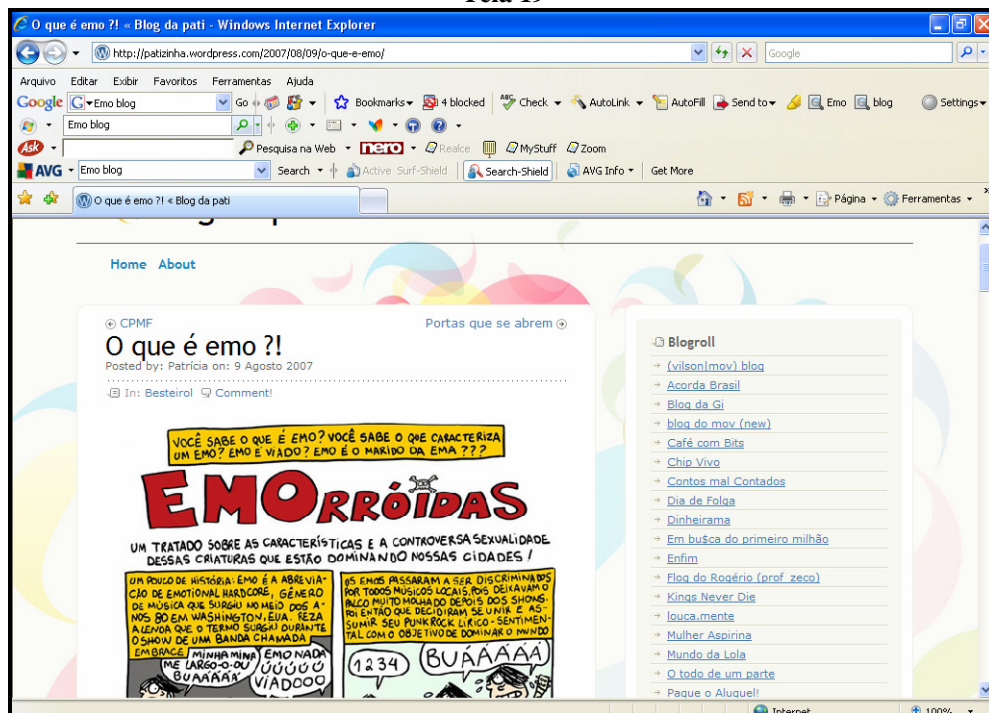


Tela 18

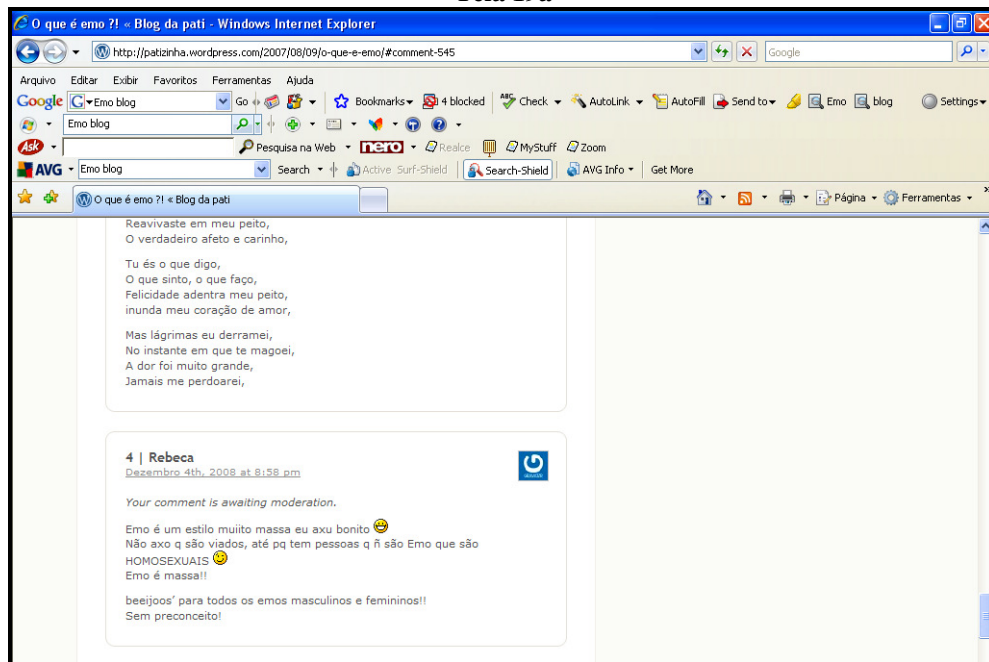


Sujeito 4

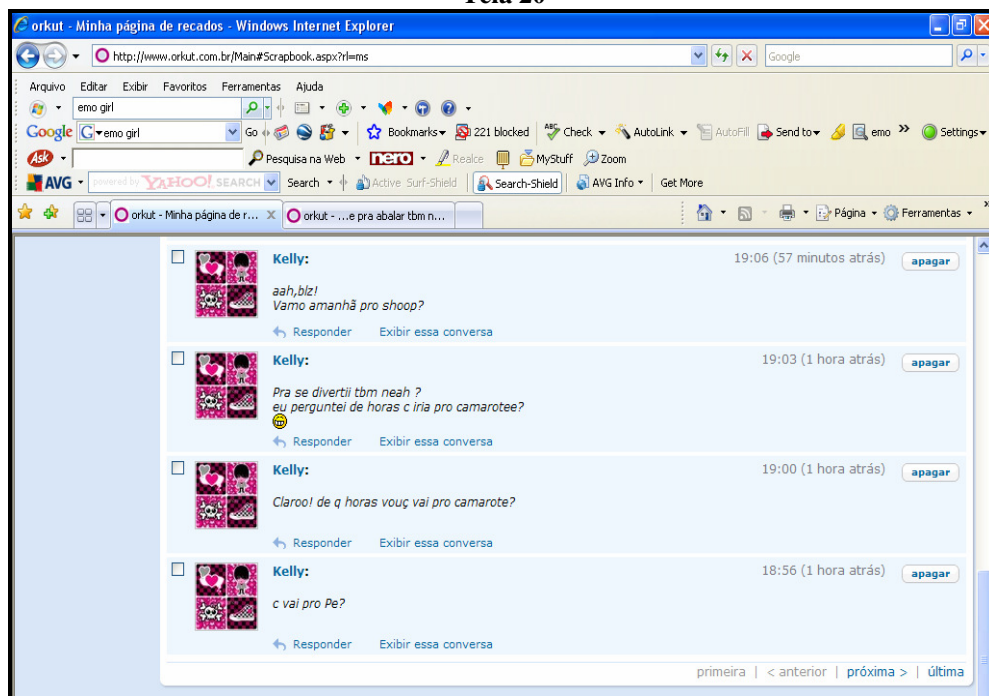
Tela 19



Tela 19a



Tela 20





apagar 20:02 (1 minuto atrás)



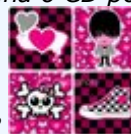
Kelly:



Uall*

Kelly:

pow q massa!Mais eu pergunteii se tú tinha o CD pow!Mas tdú beem!



uq c tá fazendo agora!?

Kelly:

ops imitação!

*Não sei ainda cum q roupa eu vou mour!
tú tem o novo cd de strikee?*



beijoos)

Kelly:

*vou com qlqr uma, sou bonita!
shuahsuhaush'
e tú?*

Kelly:

*não,não vaii!
uashuahsuhaush'
aah,news?*



Beijoos

Kelly:

*q pena! qd eh q a gente vai pro shoop?
beijoos*

Kelly:

*aah,blz!
Vamo amanhã pro shoop?*

Kelly:

*Pra se divertii tbm neah ?
eu perguntei de horas c iria pro camarotee?*

Kelly:

Claroo! de q horas vouç vai pro camarote?



Kelly:

c vai pro Pe?

[Responder](#) [Exibir essa conversa](#)

apagar 20:00 (6 minutos atrás)



Rebeca:

Tô flando ctb neah 😊

apagar 19:46 (20 minutos atrás)



Rebeca:

Só algumas musicas ;)

apagar 19:36 (31 minutos atrás)



Rebeca:

Eu fico linda de todo jeito ;)
Vou de short e com uam blusinha preta!!

apagar 19:23 (43 minutos atrás)



Rebeca:

Eii tu vai com que roupa?

; **

apagar 19:12 (54 minutos atrás)



Rebeca:

Axu q só qd eu fazre meu vestibular =/
Tenho muita coisa pra estudar pow.
E tutu num vai naum

HAUSHAUHSUSAHSU"

apagar 19:09 (57 minutos atrás)



Rebeca:

Vou nada =/
Tenho aula amanhã.

apagar 19:05 (1 hora atrás)



Rebeca:

Ahh vou ctg neah lesona :)

Olha esse link aew <http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=2999135335188891424>

apagar 19:01 (1 hora atrás)



Rebeca:

Vou sim pra tirar foto da banda mais perfeita do mundo **STRIKE!!**



apagar 18:57 (1 hora atrás)



Rebeca:

Vou sim pow e tu?

Tela 21

orkut - Página de recados de Kelly - Windows Internet Explorer

http://www.orkut.com.br/Main#Scrapbook.aspx?uid=11235712214661154866

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

emo girl

Google Gemo girl Go

Pesquisa na Web

AVG powered by Yahoo! SEARCH Search

orkut - Página de recados de Kelly

orkut - ...e pra abalar tbm n...

orkut Inicio Perfil Página de recados Amigos Comunidades

beca_paraíso@hotmail.com Sair pesquisa do orkut

digite o texto ou cole HTML (HTML apenas para amigos)

enviar recado visualizar adicionar foto dicas de recados

Página de recados de Kelly (825)

Inicio > Kelly Oliveira. > Página de recados de Kelly

primeira | < anterior | próxima > | última

Rebeca: 20:00 (6 minutos atrás) **apagar**

Tô flando ctb neah 😊

Rebeca: 19:46 (20 minutos atrás) **apagar**

Só algumas musicas ;)

Rebeca: 19:36 (31 minutos atrás) **apagar**

Eu fico linda de todo jeito ;)
Vou de short e com uam blusinha preta!!

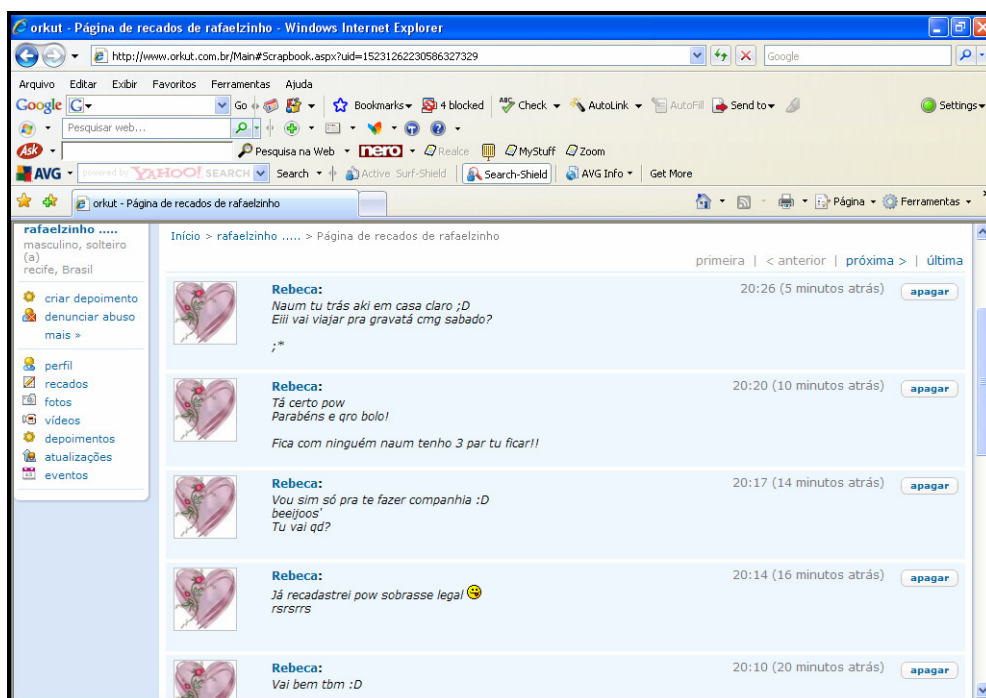
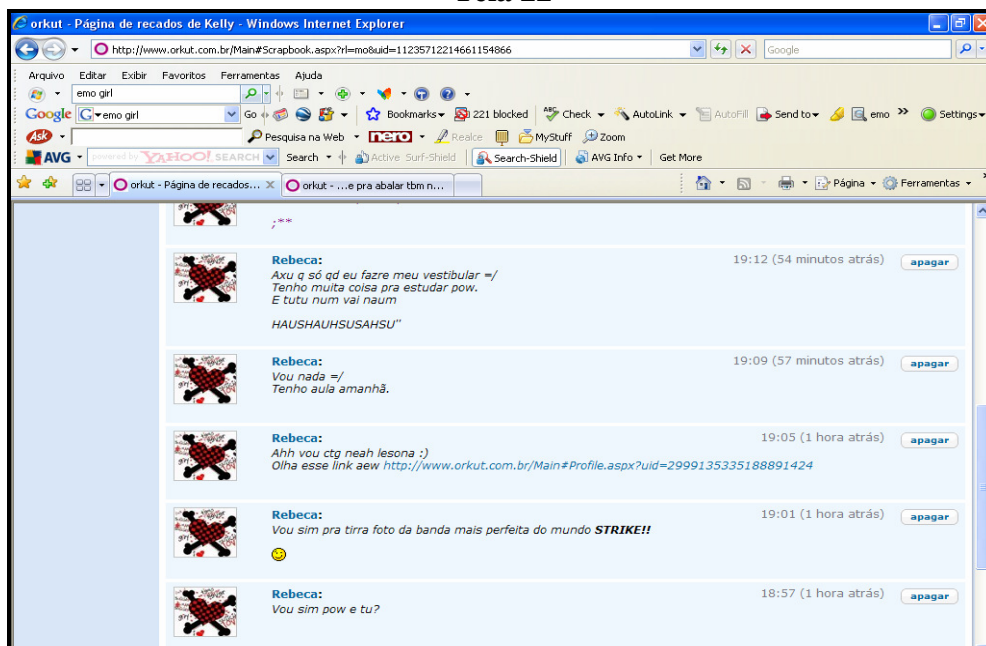
Kelly Oliveira.
feminino, solteiro(a)
..., Brasil

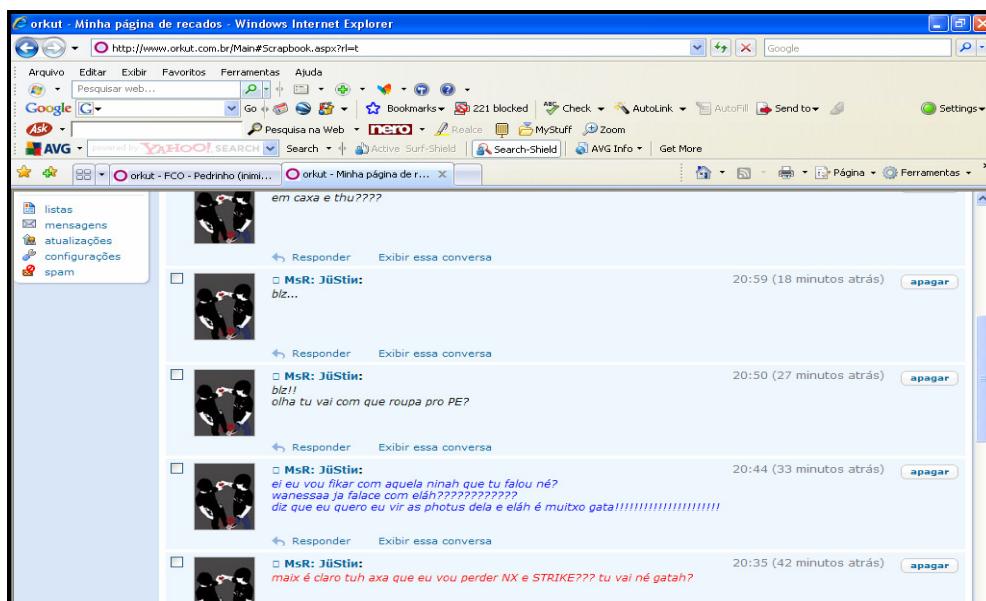
criar depoimento
denunciar abuso
mais »

perfil
recados
fotos
vídeos
depoimentos
atualizações

Apps
BuddyPoke!

Tela 22





apagar 21:19 (0 minutos atrás)

MsR: JüStin:

naum,naumm...beka!

xau bjoxx!!!!!!!!



21:17 (3 minutos atrás)

MsR: JüStin:

olha to de saida táh?



21:11 (9 minutos atrás)

MsR: JüStin:

em caxa e thu???



20:59 (21 minutos atrás)

MsR: JüStin:

blz...



0:50 (29 minutos atrás)

☐ **MsR: JüStin:**

blz!!

olha tu vai com que roupa pro PE?



20:44 (35 minutos atrás)

☐ **MsR: JüStin:**

ei eu vou fikar com aquela ninah que tu falou né?

wanessaa ja falace com eláh????????????

diz que eu quero eu vir as photus dela e eláh é muito gata!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!



(44 minutos atrás)

☐ **MsR: JüStin:**

maix é claro tuh axa que eu vou perder NX e STRIKE??? tu vai né gatah?



20:28 (51 minutos atrás)

☐ **MsR: JüStin:**

olha que deu!

gata...



20:26 (54 minutos atrás)

☐ **MsR: JüStin:**

naum vc deve tá se confundindo naum sou seu pai...sou llype seu amiguxxo lindoh!

ja sabe quem xer?!



(57 minutos atrás)

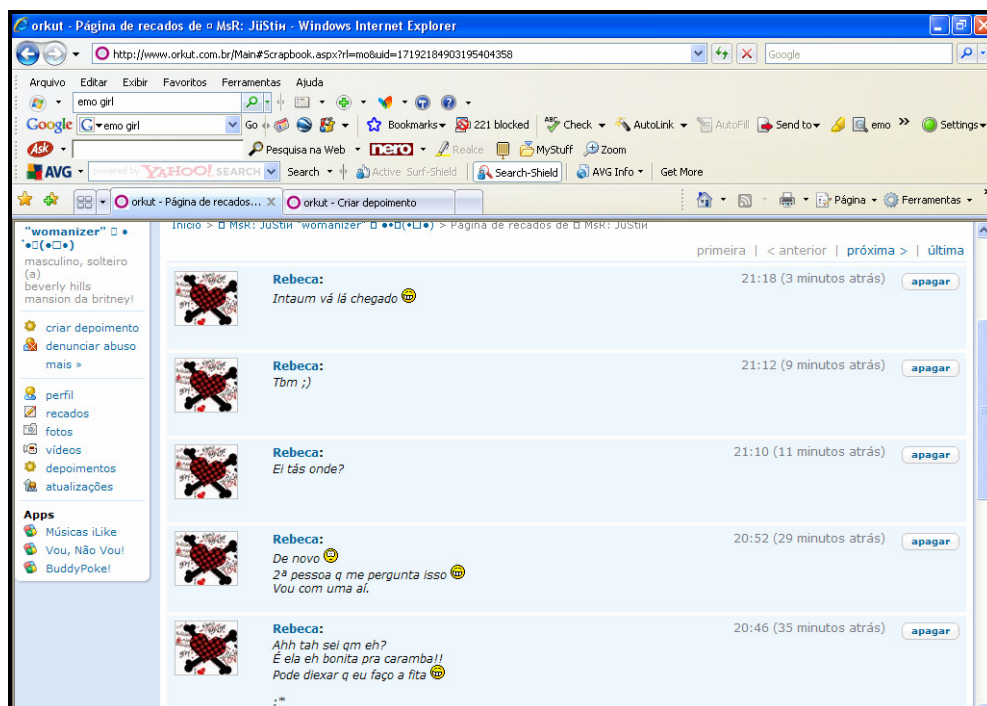
☐ **MsR: JüStin:**

oiee lindah tudo bem contigo?!

espero que xim!

bjÓxxx!!

[Responder](#) [Exibir essa conversa](#)



apagar 21:18 (3 minutos atrás)

Rebeca:

Intaum vá lá chegou

apagar 21:12 (9 minutos atrás)

Rebeca:

Tbm ;)

apagar 21:10 (11 minutos atrás)

Rebeca:

Ei tás onde?

apagar 20:52 (29 minutos atrás)

Rebeca:

De novo

*2ª pessoa q me pergunta isso
Vou com uma aí.*

apagar 20:46 (35 minutos atrás)

Rebeca:

Ahh tah sei qm eh?
 É ela eh bonita pra caramba!!
 Pode diexar q eu faço a fita 🤔

;*



apagar 20:37 (44 minutos atrás)

Rebeca:

Claro só eu perder minh aviida Strike ;)



apagar 20:29 (52 minutos atrás)

Rebeca:

Sim olha o PE tu vai neah?

;*



apagar 20:27 (54 minutos atrás)

Rebeca:

Nem deu 😊

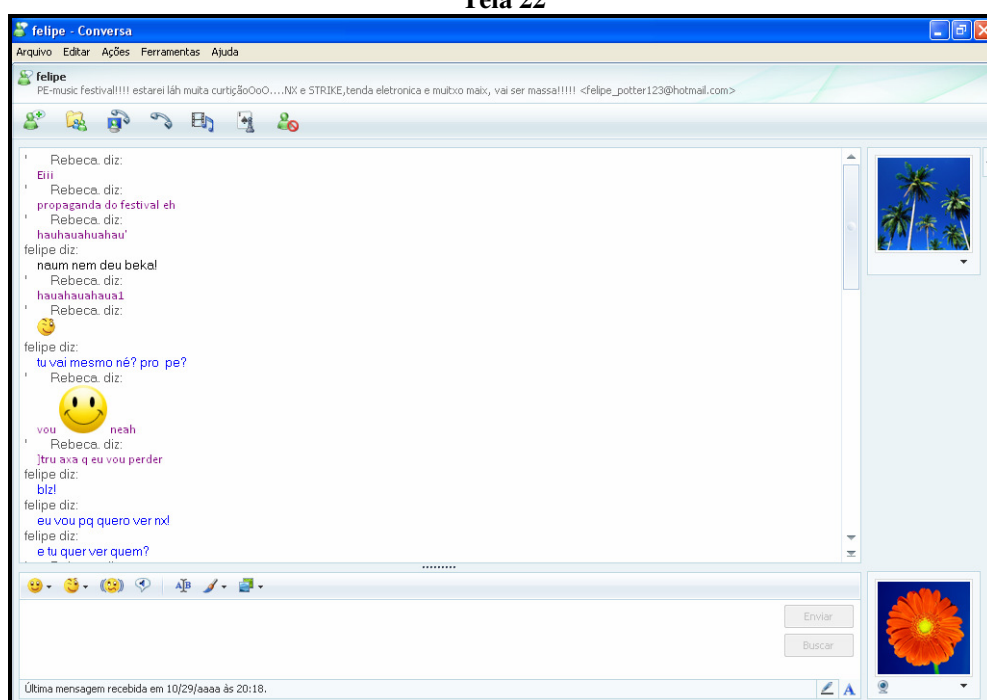


apagar 20:24 (57 minutos atrás)

Rebeca:

Intaum pai 🤔

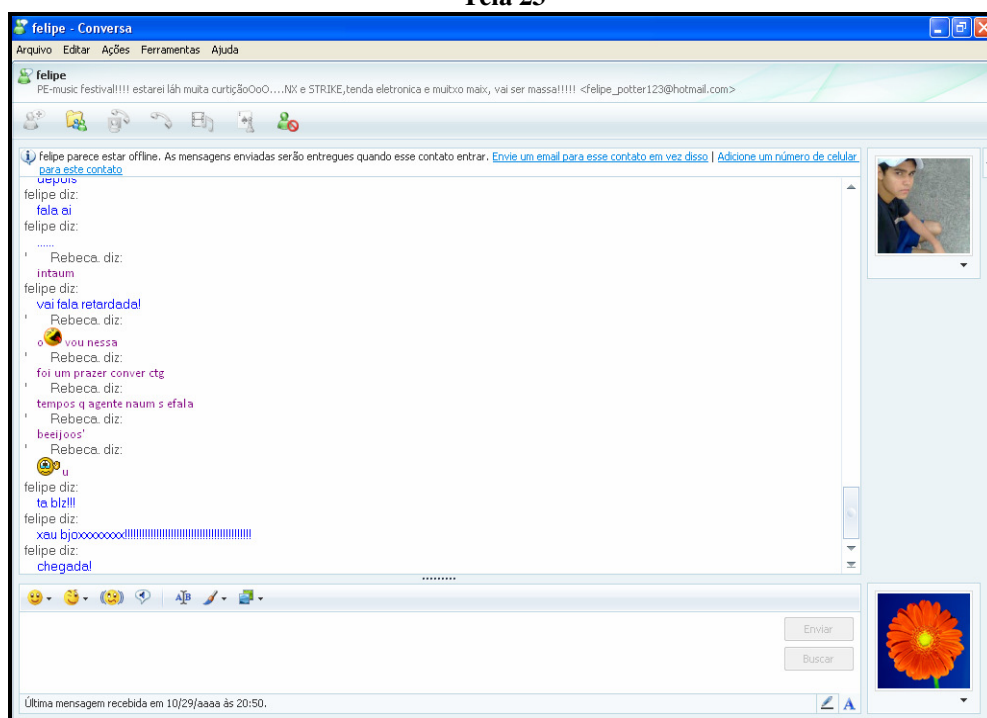
Tela 22



' Rebeca. diz:
Eiii
' Rebeca. diz:
propaganda do festival eh
' Rebeca. diz:
hauhauhuahau'
felipe diz:
naum nem deu beka!
' Rebeca. diz:
hauhauhaua l
' Rebeca. diz:

felipe diz:
tu vai mesmo né? pro pe?
' Rebeca. diz:
vou neah
' Rebeca. diz:
]tru axa q eu vou perder
felipe diz:
blz!
felipe diz:
eu vou pq quero ver nx!
felipe diz:
e tu quer ver quem?

Tela 23



felipe diz:
depoiseu quero as musicas ta?

felipe diz:
depois

felipe diz:

fala ai

felipe diz:

.....

' Rebeca. diz:

intaum

felipe diz:

vai fala retardada!

' Rebeca. diz:

o vou nessa

' Rebeca. diz:

foi um prazer conver ctg

' Rebeca. diz:

tempos q agente naum s efala

' Rebeca. diz:

beeijoos'

' Rebeca. diz:

u

felipe diz:

ta blz!!!

felipe diz:

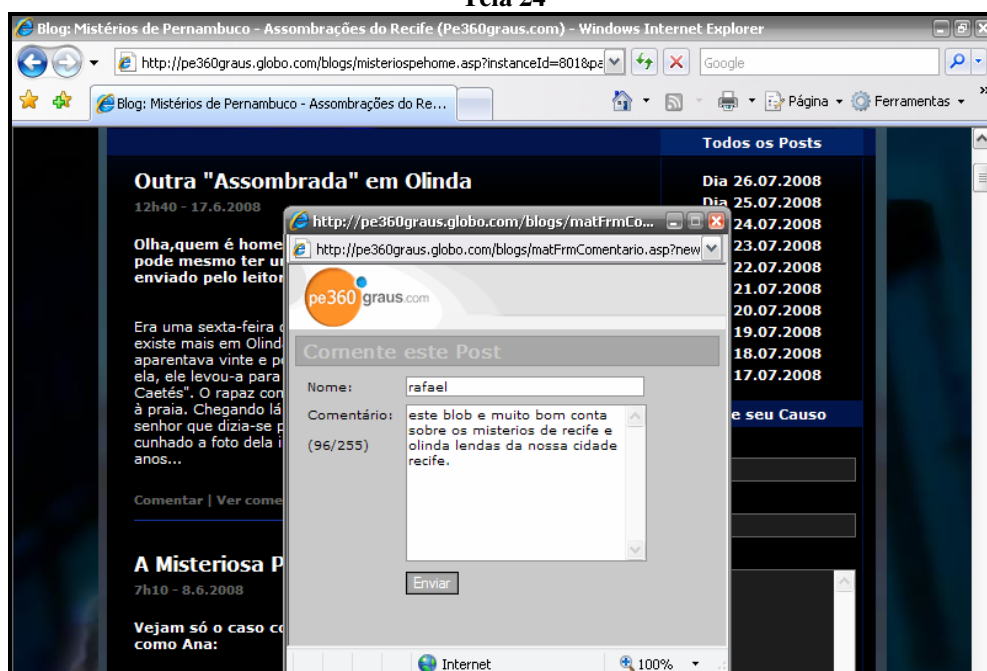
xau bjxxxxxxxxx!!

felipe diz:

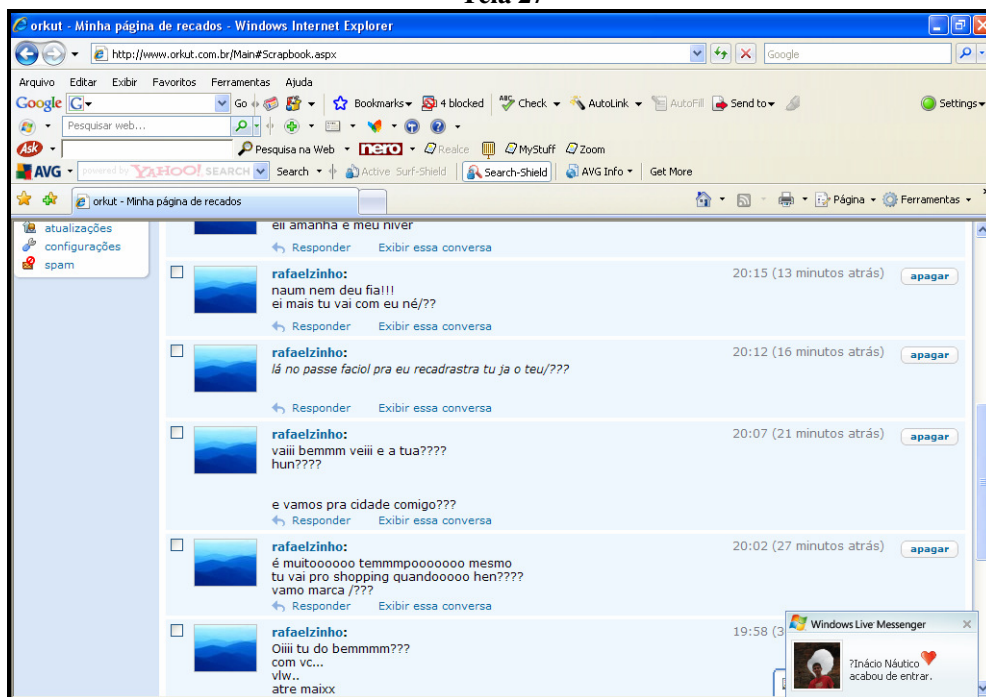
chegada!

SUJEITO 5

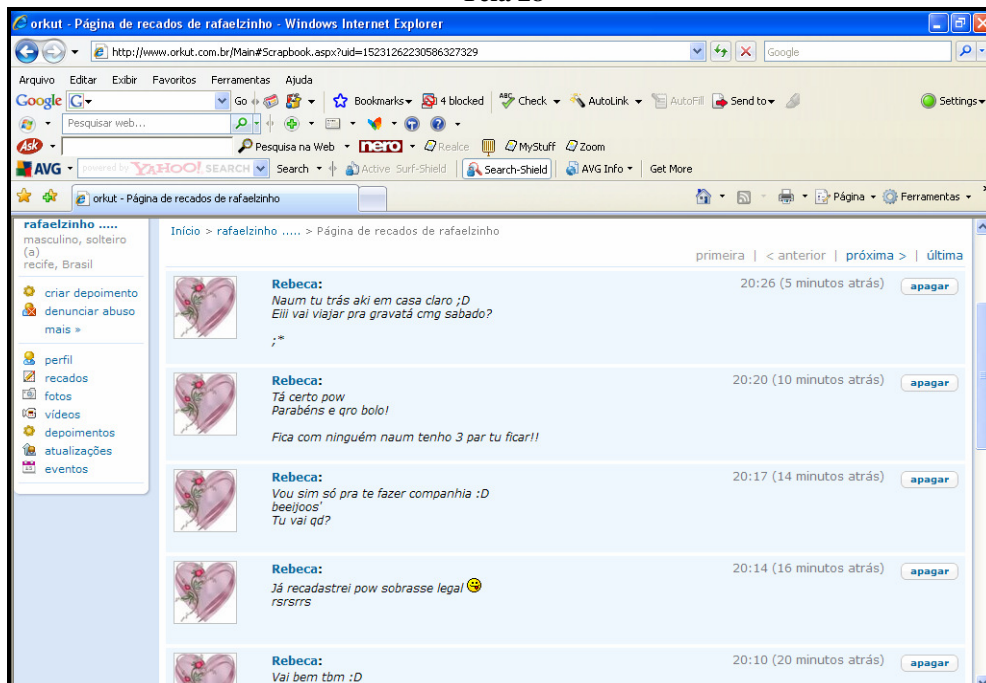
Tela 24



Tela 27



Tela 28



ANEXO 2

QUESTIONÁRIO SÓCIO-CULTURAL

- 1 – Nome, Idade, Escola e Endereço Eletrônico:
 - 2 – Quantas pessoas moram na sua casa?
 - 3 – Que série você está cursando agora?
 - 4 – De que matéria que você mais gosta e de qual você gosta menos? Por quê?
 - 5 – O que você gosta de fazer nos momentos de lazer fora da escola?
 - 6 - Marque com X se você já freqüentou os lugares abaixo pelo menos uma vez:
() Teatro () Cinema () Museu () praia () Shopping () praça () parque de diversão
() Zoológico
 - 7 - O que gosta de ver na TV? Escreva o nome dos programas que você gosta de assistir.
 - 8 – Você gosta de participar de alguma atividade da escola durante as férias? Qual (is)?
 - 9 – Que tipo de livro, jornal ou revista você gosta de ler?
 - 10 – Quantos livros você acha que ler por ano? Por quê?
 - 11 - Marque com X se na sua casa você tem:
() TV () equipamento de DVD () computador
 - 12 – Se você não tem computador em casa, mas usa computador. Onde você usa?
 - 13 – Você prefere ler no papel ou na tela de um computador? Por quê?
 - 14 – Você conhecia a sala de informática da sua escola? () Sim () Não
 - 15 – Com que freqüência você usa a sala de informática da escola?
 - 16 – Os seus professores utilizam o laboratório para as atividades da disciplina? () sim () não
 - 17 – Professores de quais matérias já levaram sua classe ao laboratório de informática da escola?
-
- 18 - Usa o computador também da lan-house do bairro?
 - 19 - Quantas vezes por semana ou por dia
 - 20 - Durante quantas horas você utiliza o computador da lan-house?
 - 21 - O que você mais faz quando usa o computador?
 - a. () Checa E-mails
 - b. () Conversa no MSN
 - c. () Lê e envia mensagens pelo Orkut
 - d. () Faz pesquisa em sites de busca

e. () Acessa seu Blog e/ou Fotolog

22 - Você acha que os links, figuras, imagens e sons presentes na navegação:

a. () tornam os sites mais atrativos e interativos?

b. () ampliam o sentido do que se está lendo (texto)?

c. () dificultam a compreensão do que se está lendo na tela?

e. () não influenciam na compreensão do texto.

23. Você costuma abreviar as palavras nos textos digitais que escreve? Em que situações e por quê?

24 – Você costuma utilizar emoticons ou algum outro recurso visual (papel de parede, ícones, cores variadas, etc.) nos seus e-mails, blogs ou fóruns eletrônicos?

25 - O que você passou a fazer com mais frequência depois que começou a utilizar a internet?

a. () ler e escrever mais que antes;

b. () ler e escrever menos que antes;

c. () conversar mais que antes(virtual e pessoalmente);

d. () sair mais que antes;

e. () isolar-se mais fisicamente que antes;

f. () nada mudou o comportamento depois da internet. Por quê?

26 - Você acha que os links das homepages dos portais de conteúdo e serviços de busca:

a. () despertam a atenção e o interesse dos leitores;

b. () monitoram a visita do leitor;

c. () sintetizam bem o que o leitor encontrará nele;

d. () confundem o leitor.

ANEXO 3**FORMULÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO**

1 – Nome:

2 – Data de Nascimento: _____

3 - Sexo: () Feminino () Masculino

4 - Endereço:

Rua _____ N° _____ Apt°: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Formas de contato: _____

5 – Pai, Mãe ou Responsável:

Pai: _____

Profissão: _____

Mãe: _____

Profissão: _____

Responsável: _____

Parentesco: _____

Profissão: _____

Declaração

Declaro estar ciente e autorizo ao aluno (a) acima identificado (a) a participar da oficina de **LETRAMENTO DIGITAL** que acontece na Sala de Informática da Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima, Bola na Rede-Recife, no horário das 8h30 às 11h30 nas manhãs dos sábados, bem como autorizo a coleta das ações que ele realiza quando navega e que serão registradas em vídeo para posterior descrição e comentários estritamente de caráter acadêmico.

Data: ____/____/____ Assinatura do responsável: _____